

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

ANNA PAULA FERRAZ DIAS VIEIRA

**O DIREITO À CIDADE E A CULTURA MARGINAL:
A NARRATIVIDADE COMO LUTA POR VISIBILIDADE**

VITÓRIA
2018

ANNA PAULA FERRAZ DIAS VIEIRA

**O DIREITO À CIDADE E A CULTURA MARGINAL:
A NARRATIVIDADE COMO LUTA POR VISIBILIDADE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração Cidade e impactos no território.

Orientador: Prof. Dr. Milton Esteves Junior

VITÓRIA
2018

AGRADECIMENTOS

Decididamente este não foi um caminho trilhado só. Muitos foram os que me apoiaram e contribuíram na construção deste trabalho, os quais desejo neste espaço agradecer.

Ao meu orientador Milton Esteves Junior, pela disposição em trilhar esse caminho comigo. Obrigada pela parceria, pela confiança depositada e pela generosidade em me acompanhar e partilhar de seu tempo e conhecimento, mesmo em momentos difíceis de sua vida.

À Clara e Gabriela pelo acolhimento dado ao texto da qualificação e suas generosas contribuições na feitura do trabalho.

Aos integrantes do plural movimento de cultura marginal de periferia de Vitória, por assumirem comigo esse projeto e permitirem que me colocasse como instrumento pra enunciação de suas vozes e construção de um trabalho coletivo.

Agradeço à minha família, que tanto torceu por mim e me deu o suporte necessário para a dedicação a esse projeto. Agradeço minha mãe, sempre tão paciente, que dentro de suas limitações sempre se dispôs a ajudar. Agradeço também minhas irmãs e cunhados que me apoiaram durante toda essa empreitada, comemorando a cada vitória alcançada e etapa concluída. Ao meu pai, que mesmo não estando presente durante o curso de mestrado e o processo de pesquisa, sempre foi o maior incentivador dos meus sonhos.

À Lais e Ludmilla, prima, irmã e amigas queridas, a quem devo a leitura sempre atenta e crítica aos meus textos.

Ao Lucas, pelo apoio sempre e pela paciência nas ausências e por ter sempre acreditado em mim quando nem eu mesma era capaz de fazê-lo.

À CAPES, pela concessão da bolsa para realização dos estudos.

Agradeço, finalmente, a Deus, meu maior cuidador e suporte.

“Vitória é moça jovem e bem vivida.

*Acorda cedo e se maquia pra esconder
feridas.*

*Pequena, passa a vida tentando se esconder
entre mares.”*

(Paulo Tadeu)

RESUMO

A cidade partida territorializa desigualdades e fragmenta seus espaços, legitimada por um discurso hegemônico que serve a ideias e valores dominantes. De seus espaços física e socialmente fracionados escolhe aqueles que ilumina, que aparecem na imagem da cidade do espetáculo, e aqueles que lançará à sombra e invisibilizará. Mitigando subjetividades e rejeitando comportamentos e discursos desviantes, constrói, molda, enquadra a cidade que deseja ser e deixar ver. Nos limites onde cessa a visibilidade, a cidade está, porém, em contínua produção. A sombra que acoberta os territórios marginalizados, também os revela por suas práticas escaparem à compreensão do olhar totalizador. Por meio da cultura marginal, a periferia espalha sua sombra sobre as zonas iluminadas da cidade, pintando com sua subjetividade, dando novos sentidos, disputando seus espaços e discursos. Sob aportes teóricos de Michel de Certeau e Milton Santos, principalmente, deseja-se debater a distribuição desigual do direito à fala, à visibilidade e à própria cidade; deseja-se evidenciar as “maneiras de fazer” dos “espaços opacos”, que disputam a cidade por meio de suas narrativas, permitindo que se lancem sobre ela novos olhares, que se contem outras histórias. Defende-se, aqui o direito ao discurso como direito à cidade, traduzido em lutas efetivas em prol da desconstrução de estigmas sociais.

Palavras-chave: Espaços opacos. Narrativa. Cultura Marginal. Direito à cidade.

ABSTRACT

The divided city territorializes inequalities and fragments its spaces, legitimized by a hegemonic discourse that serves the dominant ideas and values. From its physically and socially fragmented spaces it chooses those to illuminate, to show as the image of the city of spectacle, and those which will cast in the shade and will be invisible. By mitigating subjectivities and rejecting deviant behavior and discourses, it builds, shapes and frames the city it wants to be and let be seen. In the limits where visibility ceases, the city is, however, in continuous production. The shadow that covers the marginalized territories also reveals them since their practices escape the comprehension of the generalizer gaze. Through the marginal culture, underprivileged areas spread their shadow over the illuminated areas of the city, painting with its subjectivity, giving new meanings, disputing its spaces and speeches. Under theoretical contributions of Michel de Certeau and Milton Santos, mainly, we aim to discuss the unequal distribution of the right to speech, to visibility and to the city itself; we want to highlight the "ways of making" of the "opaque spaces", which dispute the city through its narratives, allowing new gazes over it, and other stories to be told. Here we defend the right to speech as a right to the city, translated into effective struggles for the deconstruction of social stigmas.

Keywords: Opaque Spaces. Narrative. Marginal Culture. Right to the city.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prefeito João Dória (SP) pintando de cinza os grafites da Av. 23 de Maio.	25
Figura 2 - Autores, obras e desdobramentos do movimento de Literatura Marginal Periférica.	49
Figura 3 - Disposição da produção literária para venda e troca na Primeira Xepa Literária Capixaba, realizada na UFES, em maio de 2017.....	52
Figura 4 - Primeira Xepa Literária Capixaba.	52
Figura 5 - Manufatura de edições cartoneras, na editora Poesia de Papelão Cartonera no ensaio fotodocumental “Por trás das palavras” feito pelo fotógrafo Evandro Vieira.....	57
Figura 6 – Material gráfico literário coletado em forma de fanzines, livros e encarte de CD que apresentam conteúdo pertinente às discussões tratadas nesta dissertação.	62
Figura 7 - Sarau Emprete-Sendo de 18 de abril de 2018. Fotografia de Diego Miranda Cavaleiro Andante.	86
Figura 8 - Varal de personalidades e referências negras no Sarau Emprete-Sendo (Rosa Parks, Carolina Maria de Jesus, Yasmin Thayná, Djamila, Conceição Evaristo, entre outros).....	86
Figura 9 - Projeto Boca a Boca Especial na Praça Costa Pereira no Centro de Vitória (ES).	89
Figura 10 - Postagem em página pessoal de uma das organizadoras do rolê no Shopping Vila Velha, denunciando as atitudes dos funcionários do estabelecimento ao se depararem com o grande número de jovens periféricos.....	98
Figura 11 - Imagem reportagem de jornal sobre assassinato dos irmãos Ruan e Damião.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos Equipamentos Públicos de Vitória (ES) por regionais.

Fonte:

http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_area/cultura/equipamentos.asp.80

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV).	21
Mapa 2 - Mapa turístico oficial do Rio de Janeiro confeccionado pela RioTur em 2017, no qual foram apagados os morros e favelas da cidade colocando vegetação ou vazios em seu lugar. A representação geográfica da cidade sem favelas, invisibilizou quase 1,5 milhão de moradores do Rio de Janeiro.	37
Mapa 3 - Comparação da aproximação do Morro da Babilônia no mapa da RioTur, com a vista de satélite do Google Earth.....	38
Mapa 4 - Mapa de Vitória indicando regiões sem cobertura da rede de esgoto e os locais de lançamento desse esgoto na orla da capital capixaba.	72
Mapa 5 - Mapa Topográfico Altimétrico de Vitória.....	73
Mapa 6 - Participação da População Negra e Parda no Total de Habitantes por Bairro de Vitória 2010.....	73
Mapa 7 - Rendimento Nominal Médio Mensal por Bairro de Vitória 2010.....	74
Mapa 8 - Localização dos espaços dedicados a eventos e cultura em Vitória (ES)..	80
Mapa 9 – Localização da Praça Costa Pereira, dos espaços de cultura e lazer e dos monumentos históricos do centro de Vitória.....	84
Mapa 10 - Mapa de concentração dos eventos do Projeto Boca a Boca (março de 2016 a fevereiro de 2018) demonstrando a maior quantidade de eventos na capital Vitória.	88

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CLMES – Coletivo Literatura MarginalES

CRJ – Centro de Referência da Juventude

MUCANE – Museu Capixaba do Negro

PBB – Projeto Boca a Boca

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	13
1.2	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	22
2	CAPÍTULO 1 – O DIREITO À CIDADE E AO SEU DISCURSO.....	24
3	CAPÍTULO 2 – A TESSITURA DA PESQUISA.....	39
3.1	A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA	39
3.2	LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA	45
3.2.1	QUESTÃO EDITORIAL: AS DIFICULDADES AO ACESSO DO MERCADO EDITORIAL E AS “MANEIRAS DE FAZER” DA LITERATURA MARGINAL.....	50
3.3	PERCURSO METODOLÓGICO	58
4	CAPÍTULO 3 – ESPAÇO URBANO DESIGUAL: A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	64
5	CAPÍTULO 4 – O LUGAR DA FALA: A FORÇA POLÍTICA NA ESCOLHA DOS LUGARES OCUPADOS	75
5.1	A POTÊNCIA DA PRESENÇA NA TOMADA DOS ESPAÇOS	77
5.2	A MOVIMENTAÇÃO DOS CORPOS PERIFÉRICOS PELA REGIÃO METROPOLITANA	87
6	CAPÍTULO 5 – O CORPO-SUJEITO-TERRITÓRIO ILEGAL	94
6.1	A REIVINDICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CIDADE	94
6.2	A REFORMULAÇÃO SIMBÓLICA DOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS	112
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
	ANEXO I – TABELA DOS LOCAIS DE REALIZAÇÃO DO PROJETO BOCA A BOCA (MAR/2016 – FEV/2018)	119
	ANEXO II - MAPA REGIÕES ADMINISTRATIVAS DE VITÓRIA	122

ANEXO III – TABELAS SANEAMENTO DE VITÓRIA.....	123
8 REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICES	130

1 INTRODUÇÃO

1.1 Primeiras considerações

A gênese desta pesquisa reside no desejo de investigação de espaços¹ narrados. Apesar da multiplicidade de formas como a cidade pode ser percebida, vivida e relatada, nota-se que em prol da construção de uma imagem, do desenho de uma identidade, elegem-se discursos que sobrepujam a pluralidade das suas narrativas. Mas essa identidade certamente não esgota a cidade que pretende enquadrar. Como o espaço é percebido por aqueles que o habitam? Como é apresentado por quem o visitou? Como é transmitido pela tradição? Como é idealizado por aqueles que nunca o conheceram? Essas questões mobilizaram a vontade de acessar diferentes modos de narrar a cidade e seus espaços, rompendo os limites de discursos que, eleitos legítimos, escondem o que diverso a si se faz, se produz, se narra na cidade.

O discurso da cidade é forjado hegemonicamente a partir da legitimação de determinadas vozes – que contam sua história e delineiam sua identidade – e da opacização de outras tantas (PEREIRA, 2015). Entre as múltiplas narrativas presentes na cidade, o discurso hegemônico escolhe as que coadunam com a imagem que deseja mostrar, e o faz obscurecendo e invisibilizando as que dele divergem, as que se comportam como dissenso em relação ao discurso legitimado e consensual. Nos limiares da visibilidade, mais além das fronteiras duras e luminosas que dividem a cidade – centro-periferia, asfalto-morro, formal-informal –, há, porém, sua incessante produção. Produção essa que causa estranheza ao olhar totalizador (CERTEAU, 2014).

A cidade não cabe no discurso que lhe tenta encerrar. Não é um todo homogêneo, ao contrário, é culturalmente diversa e socialmente fragmentada. Ela se faz e se

¹ Espaço aqui compreendido a partir do conceito formulado por Michel de Certeau (2014) que será apresentado mais adiante neste trabalho.

experimenta de formas distintas pelos diferentes modos de vida que se dão em suas partes. Contudo, o discurso hegemônico age propagando uma imagem de cidade que deseja exhibir, enquanto desqualifica, deslegitima, obscurece outras narrativas e seus territórios de origem.

O incômodo com a concepção discursiva hegemônica da cidade traça o primeiro desvio no percurso desta pesquisa. Percurso esse que não se fez de modo retilíneo, nem geometricamente definido, mas por quinas, esquinas, por becos e vielas; um percurso sinuoso como é o traçado das ruas dos espaços invisibilizados; um percurso que se construiu a cada passada em caminhos que se apresentam como novos a cada desvio. A narratividade, porém, opõe as práticas aliadas ao discurso às que não o são. Atua fora do discurso hegemônico e lhe contesta o direito de enunciar sozinho uma história da cidade que não a contém (CERTEAU, 2014). A escolha da narrativa como ferramenta passa por seu caráter contestatório e por sua contínua construção e desconstrução do espaço sobre o qual narra.

O desejo de aproximação de outras narrativas da cidade nasceu do incômodo provocado pelo discurso totalizador. Da imagem estabelecida – que ilumina o que deseja mostrar e nega, apaga, passa ao largo do que não a compõe, invisibilizando territórios e vidas – irrompe o desconforto com a adequação da cidade a um quadro estático, enquanto, ao contrário, esta é continuamente construída, constantemente ressignificada e disputada, tanto em seu discurso, como em seu território.

As ideias dissonantes e o fazer narrativo circulam há tempos pelas áreas marginalizadas. Dos espaços invisibilizados da cidade nasce a cultura marginal, assim denominada porque se constrói e se realiza pelos espaços e pelos sujeitos marginalizados da sociedade. A cultura marginal abarca manifestações artísticas e culturais periféricas, entre elas o hip hop, com o grafite, o rep² e suas batalhas de MC's; a literatura marginal; os saraus e os *slams* de poesia. Com o crescimento do movimento hip hop nas últimas décadas, viu-se o reflorescimento da literatura marginal³, cuja precursão no Brasil é devida a Carolina Maria de Jesus, ainda na

² Versão em português da sigla RAP (Rhythm and Poetry), ritmo e poesia em tradução livre. A sigla REP foi adotada na dissertação para a manifestação musical do movimento hip hop.

³ Terminologia apresentada por Ferréz no lançamento de seu livro *Capão Pecado* (2000) é definida pelo autor como “uma literatura feita pelas minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de

década de 1960 (NASCIMENTO apud PEREIRA, 2015). Heloisa Buarque de Hollanda (2005) disserta sobre o comprometimento com o local de fala desses escritores marginais, como se estes dividissem a autoria com os espaços sobre os quais narram. A autora aborda também a inversão dos estereótipos das áreas de periferia, tidos como lugares da violência, por exemplo, quando abordados por narrativas que emanam desses espaços. Tal inversão afasta a sombra lançada quando se fala em seu lugar, exibindo o que convém e reservando a esses espaços apenas a marginalização.

Em vez de ser tema da narrativa, a violência é apenas o entorno, a condição de vida de personagens comuns que, como nós, têm emoções, prezam a família, amam, têm ciúmes, fazem sexo e sonham com um futuro mais tranquilo. Isso é um choque para o leitor que não vive nos cenários do crime. (HOLLANDA, 2005)

A pesquisa aqui apresentada se constrói a partir do estudo de narrativas marginais, por meio das quais se pretende discutir o direito à cidade e ao seu discurso. Partindo da hipótese da disputa pela cidade e pelo direito de sobre ela e nela se enunciar, deseja-se ser guiado pelas narrativas que emanam da cultura periférica como forma de compreensão da cidade a partir de um olhar não mais totalizador, mas um olhar outro, que conta uma outra história, e amplia a produção de conhecimentos sobre a cidade e seu entendimento.

As narrativas marginais incluem não apenas o registro escrito de suas enunciações, como é o caso da literatura marginal, mas também as suas expressões orais. Abarcam os saraus – onde essas narrativas são partilhadas e se abrem para o debate – e ainda as batalhas de poesia e de rep, onde os espaços da cidade são tomados, ressignificados e neles são enunciados e denunciados os movimentos de invisibilização a que as áreas marginalizadas da cidade são sujeitadas.

Os movimentos de invisibilização de partes da cidade e de suas narrativas não se fazem apenas pela legitimação de um discurso sob a justificativa de maior esclarecimento, maior competência para falar em relação a outros que não preenchem pré-requisitos socialmente determinados. Esses movimentos ainda se dão coibindo a possibilidade de falar da cidade ao seu redor e de falar de si mesmo. O deslocamento do direito à autodeclaração para uma enunciação que vem de fora,

legitimada porque tem reconhecimento social e merece, portanto, ser ouvida, acaba por aprofundar ainda mais as sombras que invisibilizam esses espaços. As vozes autorizadas se colocam a falar dos espaços marginalizados imprimindo sobre eles os rótulos, os estereótipos, os pré-conceitos, apagando tudo que diverge dessa imagem. Tentam impor sua perspectiva e sua dicção transformando esses espaços, produtores de cultura e conhecimento, em objetos e personagens, anulando sua autoridade enquanto narradores (DELCASTAGNE, 2002).

A cultura marginal reivindica o seu lugar de narrador. Ela o faz conscientizando os sujeitos marginalizados de que podem, sim, dizer além do que lhes é autorizado; o faz questionando a autoridade de quem fala pelo outro, ao qual delega sua voz e acaba por vê-la reduzida e racionalizada, e por ver seus multifacetários modos de vida apagados. A cultura marginal surge, então, como ferramenta de empoderamento das áreas periféricas, tratando suas múltiplas versões da história como meio de sobrevivência desses espaços opacizados (BAPTISTA, 2001).

A literatura marginal hoje se reivindica como movimento literário. Sob esta alcunha, escritores marginais produzem textos cujos formatos variam de cordéis, fanzines, a livros lançados por editoras, editais de cultura ou produções independentes. Tematizam, em geral, a vida vivida na periferia⁴, reclamando, assim, visibilidade para os espaços marginalizados, o direito à voz e à construção do conhecimento por aqueles que não habitam os lugares da fala.

O ato de narrar a cidade se constrói também na manifestação dos relatos do espaço. A declamação em espaços públicos, seja ela solitária ou coletiva – por meio dos saraus e batalhas de rap –, configuram algumas dessas vias que usam a oralidade como ferramenta essencial de inscrição na cidade. São encontros de narrativas múltiplas e dissensuais que não coadunam com o discurso hegemônico que circula pela cidade.

Do encontro com as maneiras de narrar, adveio o desejo e o desafio de acessar essas narrativas silenciadas e contrastantes por meio de manifestações escritas –

⁴ Falar em periferia neste trabalho quer dizer que está se reportando aos espaços, sobretudo os residenciais, que foram sendo incorporados à cidade sem, no entanto, estarem necessariamente situados fisicamente longe dos centros de poder. É mais uma periferia social, pois é resultado de um mercado de trabalho e de formas de acesso à terra excludentes, do que uma distância geométrica puramente física.

pela produção literária marginal – e também de expressões orais – nos saraus, nos *slams*, nas batalhas e nas conversas – de grupos e coletivos de cultura marginal da Grande Vitória.⁵

A Região Metropolitana da Grande Vitória tem testemunhado um grande crescimento da cultura marginal. Impulsionado pelo movimento hip hop, vê-se florescer numerosos coletivos de cultura periférica que se organizam em torno da produção da literatura marginal, da música, da rima, da dança e do grafite, entre outras manifestações culturais. É crescente, também, o número de encontros de cultura marginal, que já ocupam todos os dias da semana em espaços públicos e institucionais, com saraus, *slams*, batalhas de rep e de *break*, para citar alguns exemplos. Esses grupos não falam de localidades ou bairros específicos, mas se pronunciam, de modo geral, sobre as áreas opacas. A origem dos integrantes dos coletivos e dos participantes dos saraus e das batalhas é múltipla, mas o teor principal das falas tende a ser o mesmo: o modo de vida das áreas periféricas, a denúncia da privação dos direitos de participação e o desejo de visibilidade, o desejo da voz.

O enfoque na Grande Vitória não é, contudo, limitante, pois não há como falar em narrativas marginais sem haver cruzamentos com a produção periférica nacional. A escala local do movimento de cultura marginal foi impulsionada e inspirada por espaços onde tais manifestações já acontecem com maior consistência. É recorrente ver emergir nas falas nomes como o do poeta Sergio Vaz e do escritor Ferréz, de grupos e cantores como Racionais MC's, Sabotage, Rincon Sapiência, Emicida, Renan Inquérito, e de saraus como o da COOPERIFA. Não se quer afirmar aqui que um movimento necessariamente anteceda ao outro, ou que um tenha gerado o outro, mas que todos fazem parte de um mesmo movimento, em que sujeitos marginalizados pronunciam seu próprio discurso e emprestam sua voz à vontade de falar das periferias.

Os debates e as problematizações que se propõem levantar concentram-se em torno de produções narrativas escritas e orais contemporâneas. O recorte temporal,

⁵ É importante ressaltar que a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) foi institucionalizada a partir da lei estadual complementar nº 58 de 1995, antes disso, quatro municípios compunham a Grande Vitória. Neste trabalho, ambas as denominações poderão ser utilizadas quando para indicar a soma dos quatro municípios mais populosos do entorno imediato da capital do estado: Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra.

todavia, não se limita aos assuntos do cotidiano, nem limita referências ao passado. Isso porque, os corpos “gastos” e obscurecidos dos marginalizados sustentam “a história subterrânea do Brasil, das Américas, da África e dos sonhos e espantos de gente humilhada” (BAPTISTA, 2001, p.196). Não há como negar que ao presente de privações e de segregação acompanha um passado de exploração que ainda marca essas vidas.

Hoje, na Grande Vitória, os coletivos de cultura e literatura marginal são os principais articuladores da realização dos saraus, *slams* de poesia e batalhas de rep. Entre os coletivos de literatura vê-se a preocupação de, além da manufatura e distribuição de produções impressas, incentivar os encontros, as trocas, a ocupação dos espaços da cidade para falar em nome de um eu-coletivo como canal de empoderamento de minorias. São exemplos o Sarau Quebrando o Silêncio, organizado pelo Coletivo Literatura MarginalES (CLMES), com encontros mensais em locais divulgados pelas redes sociais, e os *Slams* Botocudos e Ocupa, também mensais, que ocupam espaços públicos e institucionais.

Mais frequentes que os saraus, os encontros do movimento hip hop espalham-se diariamente pelos espaços públicos de toda a Grande Vitória, especialmente em suas praças. Esses eventos expõem a multifacetária cultura marginal, envolvendo, em geral, dança, poesia e as batalhas de MC's. São encontros de múltiplos discursos dissonantes que esparramam sobre a luminosidade dos espaços legais sua sombra com luminosidade própria.

Na legitimação dos espaços, dos corpos e dos discursos, os sujeitos socialmente autorizados convertem em falta de nitidez, em coisa turva, em carência, aquilo que não conseguem enquadrar, traduzindo-o em sombras (BAPTISTA, 2001). A insurgência contra a invisibilização, pela participação e pelo direito à cidade, leva à expugnação de lugares que não fazem parte das áreas opacizadas. E tomados por esses movimentos estranhos e dissensuais esses espaços tingidos pela legitimidade são repintados, coloridos com novos sentidos e movimentos, pela sombra dos espaços opacos (GUIZZO, 2008). Esses movimentos geram efeitos entre as partes da cidade, suavizando a dureza das fronteiras que as dividem, permitindo aos espaços opacos que falem por si mesmos, combatendo os cárceres da sina, os rótulos e o preconceito.

Além do registro das narrativas construídas e proferidas nesses eventos, a participação neles visa observar a transformação dos lugares tomados pela sombra dos espaços opacos. Pretende-se investigar se há ali a criação de novas territorialidades pelo uso desviante, pela tomada de espaços legitimados por vozes emudecidas e por corpos invisibilizados. Essas outras territorialidades⁶ não se baseiam em limites geográficos, mas são delineadas pela circulação da vida, que redesenha as fronteiras estabelecidas e tomando os espaços os reconstroem e ressignificam, ainda que momentaneamente.

Esta pesquisa tenciona acessar, por meio da literatura marginal, dos saraus e do hip hop, narrativas dissonantes advindas de espaços opacos, que revelam não somente outros modos de ser e viver na cidade, como são elas mesmas formas de resistência à invisibilidade e ao silêncio. Não são apenas relatos descritivos, mas a própria experiência de tentar se inscrever no espaço; são reivindicações do direito à cidade, não a partir do que está posto, mas pelo seu uso, pela sua ocupação (LEFEBVRE, 2001).

A defesa do uso da narrativa como ferramenta metodológica reside no fato de ela, ainda que assinada, prescindir de autoria, sua composição é sempre múltipla, coletiva. Seu caráter coletivo permite que se desloque sua autoria ao território do qual emana, abarcando a multiplicidade de vozes que falam de um espaço ao narrarem sua própria experiência. Ela permite a desconstrução da heterodeclaração dos espaços opacos – do que se afirma sobre as áreas marginais, de sua paisagem, de suas relações – contribuindo para que se conheçam composições outras sobre esses e desses espaços (VIEIRA, 2012).

Mais do que a participação nos eventos e a coleta das narrativas escritas e orais, deseja-se acessar seus participantes. O questionário, como ferramenta metodológica de aproximação, foi, a princípio, rejeitado. Isto porque, além de sua aura inquisitória, costuma colocar em patamares desiguais entrevistador e entrevistado, pesquisador e objeto, quem fornece as informações e quem irá interpretá-las e qualificá-las. A conversa foi, então, eleita como caminho metodológico a ser construído.

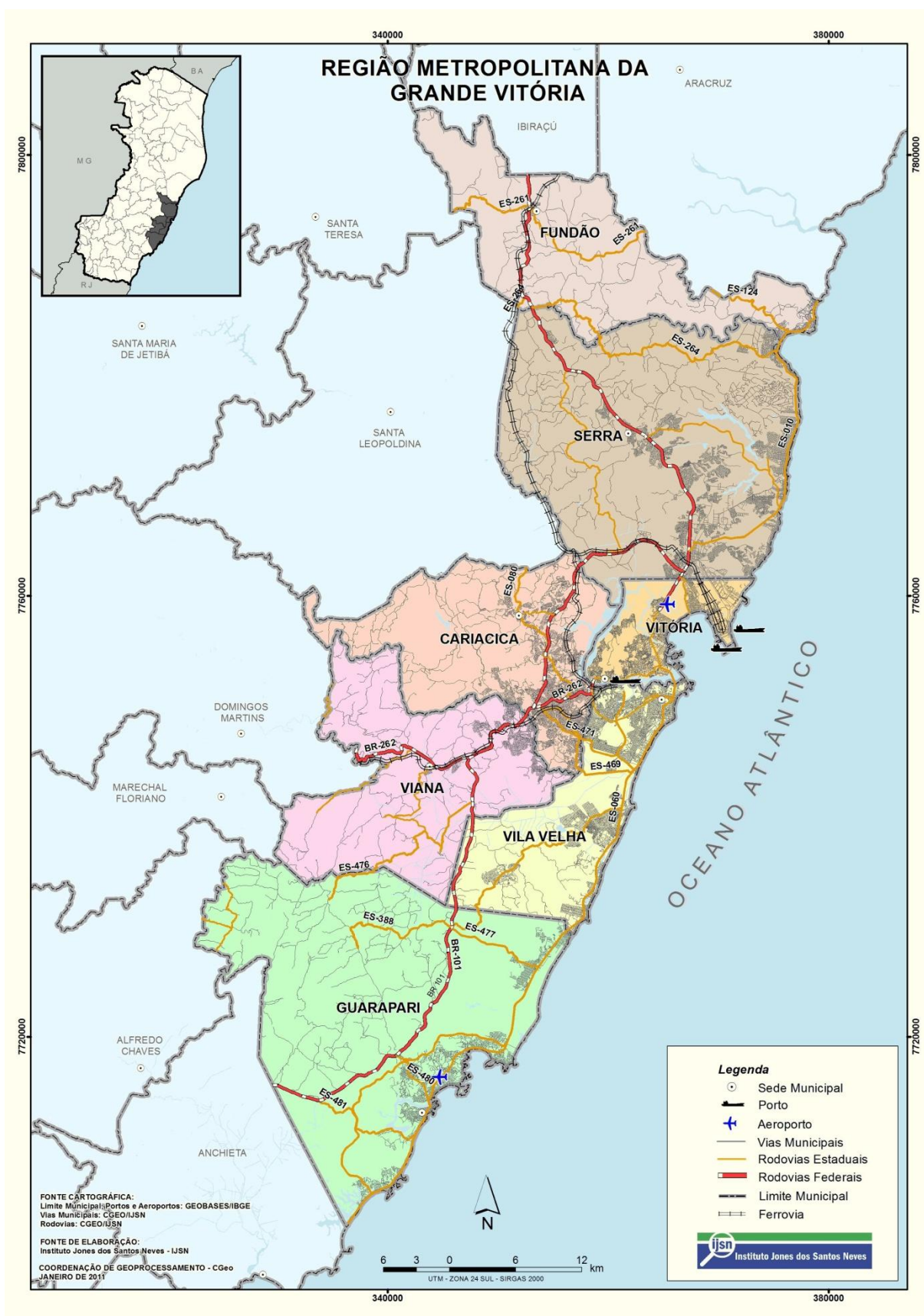
⁶ O conceito de territorialidade deriva de “território” definido por Milton Santos (2007), que também será adotado nesta dissertação e será discutido adiante.

A delicadeza da proposta apresentada pede da pesquisa e da pesquisadora cautela para não se tornarem elas essa voz legitimada que desloca o discurso de onde se fala. A conversa toca a delicadeza desse problema metodológico porque, como a narrativa, é uma produção coletiva e provisória. Como fala Certeau (2014, p.49):

[...] as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém.

Essas produções verbais não são, portanto, propriedades individuais, são composições de uma coletividade, não importando que sejam sempre os mesmos indivíduos que as teçam. A partir delas são construídas narrativas que, não sendo verdades fechadas podem ser modificadas, acrescentadas, contrariadas a qualquer momento (BENJAMIN, 1994). Corroboram, dessa forma, para que se desloque do pesquisador a centralidade no processo de construção de conhecimento.

Anteriores a essa etapa da pesquisa estão três outras: a construção de um referencial teórico que sustente a hipótese aqui levantada e cujos conceitos sirvam de guia para a construção desta pesquisa; aprofundamento bibliográfico sobre literatura e cultura marginal, suas manifestações e sua importância como ferramenta de resistência aos movimentos de invisibilização dos sujeitos e áreas periféricas; aproximação e estudo das narratividades produzidas literária e verbalmente pelos espaços periféricos da Grande Vitória.



Mapa 1 - Mapa da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves

1.2 Estrutura da dissertação

A estrutura da dissertação está dividida cinco capítulos mais introdução e conclusão. O capítulo intitulado “O Direito à Cidade e ao seu Discurso” abarca formulações teóricas e conceituais sobre a fragmentação da cidade, dividida entre áreas luminosas e opacas, conforme definido por Milton Santos, trazendo à discussão o direito ao discurso e à cidade por seus fragmentos, sob os aportes teóricos de Guy Debord, Michel de Certeau, Jácques Rancière e o citado Milton Santos. Inclui ainda a definição de narrativa segundo Michel de Certeau, destacando seu papel fundamental como instrumento de empoderamento e de inscrição na cidade, autorizando a fala e trazendo ao campo do visível as vozes e os territórios que esta deslegitima. Com base em Michel de Certeau e em Gabriela Leandro Pereira, serão analisadas inquietações e angústias quanto à construção de trabalhos científicos e o papel desempenhado por pesquisadores nessa elaboração. Tais angústias gravitam em torno da objetificação dessas narrativas pela voz legitimada do pesquisador e a heterodeclaração dos espaços opacos por parte das vozes legitimadas.

Seguindo o caminho já iniciado pelas inquietações da primeira parte, no segundo capítulo é trabalhada a importância da autodeclaração dos espaços opacos, as áreas marginalizadas da cidade. Serão expostos: o percurso de construção da dissertação, dissertando sobre a vida que não se enquadra ao quadro da cidade pacificada, bem como as inquietações que provocaram a busca por narrativas marginalizadas na (e sobre a) cidade. Traz ainda o encontro com a produção cultural marginal literária e oral e a escolha do caminho a ser trilhado entre o emaranhado de produções narrativas dos territórios obscurecidos. Neste capítulo descreve-se a etapa da pesquisa de campo: o processo de apropriação dos registros elencados para compor o escopo central da pesquisa; a sistematização do conteúdo segundo sua ressonância nas narrativas; e o encontro com questões caras às discussões sobre a cidade.

Nos capítulos 3, 4 e 5 serão analisados os processos acumulados pela pesquisa, tendo como guia os registros de fragmentos das narrativas dos movimentos marginais. A partir desses relatos serão problematizadas questões tais como: o processo de segregação socioespacial estruturado e estruturante do sistema de

desigualdades sociais do Brasil; os movimentos de resistência pela tomada dos espaços com os corpos e as narrativas marginais; a configuração desestabilizadora e transgressora dos territórios de pobreza; o direito à cidade; a acessibilidade; a criminalização da pobreza; os movimentos de silenciamento e invisibilização dos espaços opacos; a discriminação social e a questão racial, que revela no corpo social as marcas de um território que impõe a muitas pessoas uma vida à margem dos direitos plenos da cidadania; a reformulação simbólico dos espaços periféricos pelas narrativas marginais. As questões abordadas nesse capítulo entremearão a construção de toda a dissertação.

O capítulo da conclusão retomará as questões centrais expostas nos capítulos anteriores, apontando inquietações, questionamentos e apontamentos possíveis para os desdobramentos da pesquisa. Isto porque não se acredita, e muito menos se deseja, que possa se encerrar com a presente dissertação; ao contrário, acredita-se que venha a abrir espaços e oportunidades para novas discussões, questionamentos e encaminhamentos a exemplo da própria cidade, que está em constante reconstrução e ressignificação por meio de múltiplas narrativas.

2 CAPÍTULO 1 – O DIREITO À CIDADE E AO SEU DISCURSO

A cidade imprime em seu território múltiplas possibilidades de leitura. A cidade é um texto que não se finda no ato de sua escrita, mas é construído e reconstruído a cada leitura que se faz de seus espaços: “a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 1988, p.70). Kevin Lynch (1987) fala que a cidade, assim como a obra arquitetônica, é uma construção no espaço e esse espaço não é algo em si mesmo, absoluto, mas é fruto da percepção de seus habitantes e de quem o lê. A cidade se revela, portanto, de formas diversas, e constrói novas imagens conforme é percebida por seus moradores, pelos que a experimentam, pelos viajantes; como é relatada pela tradição e como é idealizada pelos que nunca a puderam tocar.

A cidade, fragmentada pela lógica econômica e social produtivista, está em disputa. Sua divisão e desigualdade são, porém, legitimadas pelo discurso hegemônico que se sustenta na distribuição assimétrica do direito à enunciação, justificando dessemelhanças. Essa concepção discursiva hegemônica da cidade conta sua história e delineia sua identidade a partir de determinadas vozes e do abafamento de outras tantas, instrumentalizando a escassez do outro a quem cala e sombreia (PEREIRA, 2015).

Apesar da multiplicidade de formas e meios pelos quais a cidade se expressa e pode ser lida, sentida e interpretada, é perene a tentativa de impor-lhe uma marca, uma identidade, um discurso que a contenha. A identidade criada, porém, escolhe o que deseja mostrar e o faz sombreando e invisibilizando o que é diverso da imagem construída que se quer apresentar. Tal identidade é constituída a partir de um consenso acerca de uma ideia de território, seja este geográfico ou abarcando a existência nele construída. Tal consenso só se faz por meio da supressão daquilo que é dissenso. Moldada por contextos históricos e pautada em projetos específicos, a busca identitária da cidade promove, assim, um discurso que preza o harmônico e o consensual e suprime o divergente, o diverso, o conflituoso, o dissonante (PALLOMBINI apud VIEIRA, 2012).

O discurso hegemônico ecoa e espalha a imagem da cidade que deseja mostrar, que muitas vezes vai de encontro a narrativas outras que querem se fazer ver.

Narrativas outras compostas por experiências, corpos, vidas, que também são cidade, que dela falam, mas devido à hegemonia do discurso dominante são obscurecidas e deslegitimadas, seja pelo não reconhecimento de sua cientificidade, seja pelo gênero de seus locutores, seja pelo território de origem destes. No contraste com as cores vivas, os movimentos, as habilidades, as intensidades, as táticas, as gingas, com aquilo que não consegue controlar, o discurso hegemônico, enquadra, furta, limita, pinta de cinza. Enunciado por locutores previamente definidos, invalida as demais vozes e narrativas, e, assim, define o curso da história e como ela deve ser contada. Ele escolhe suas vozes, das quais emana todo o saber, todo o olhar e toda a consciência, ainda que de modo iludido e falso (DEBORD, 1997). Ao definir seus locutores, cala os demais.

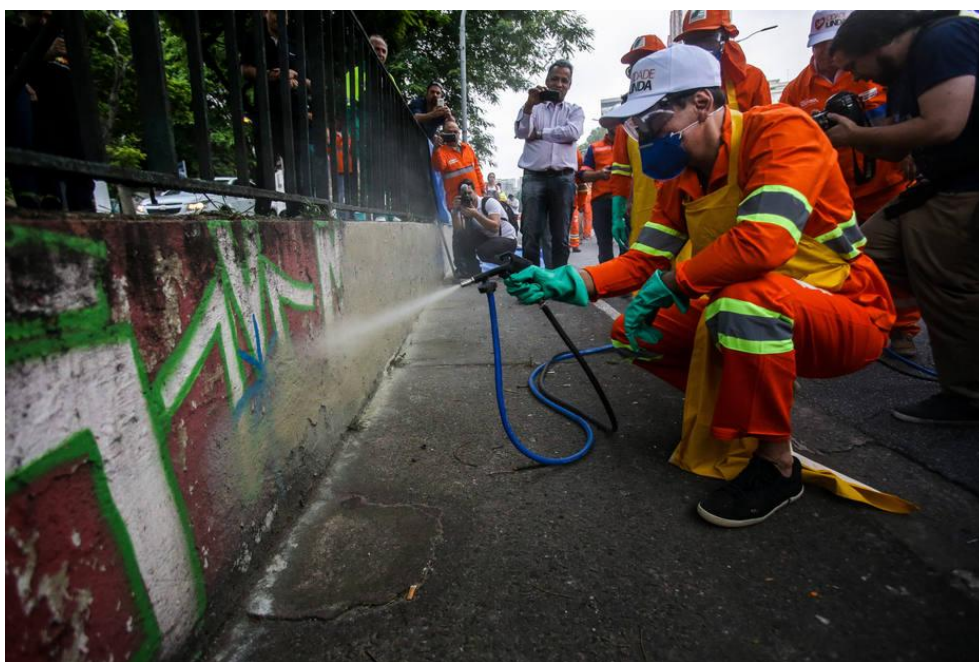


Figura 1 - Prefeito João Dória (SP) pintando de cinza os grafites da Av. 23 de Maio. Fonte: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,justica-proibe-doria-de-apagar-grafites-sem-aval-do-conpresp,70001665244>. Acesso em: 15 de abril de 2018.

Os espaços da cidade estão hierarquizados, apoiados num sistema de valores criados e naturalizados como verdades. Foucault (1995, p.8) discorre sobre a existência de um regime de verdades criado por meio de discursos. Essas verdades são produções histórico-sociais que atuam em prol da manutenção da ordem e da estrutura social vigente. Essa produção de verdades se dá em função de cada conjunto social, escolhendo os tipos de discurso que acolhe e faz funcionar como verdadeiros. Foucault classifica esse regime de verdades como dispositivo, como

rede de poder. Tais redes definem as “inclusões e exclusões, positavações e negatavações, recusas e aceitações, tanto de lugares quanto de sujeitos que os habitam e suas práticas culturais” (ENNE; GOMES, 2013, p.49), os estigmatizando pelos lugares que ocupam segundo os princípios da hierarquia social e da segregação espacial.

Segundo Santos (2012) a fragmentação da cidade determina sua divisão entre áreas “luminosas” e áreas “opacas”. As áreas “luminosas” são aquelas por onde circula, de forma mais intensa, a modernidade globalizadora. São as frações da cidade dotadas de densidade técnica e informacional, são os locais da produção e do consumo, são os espaços da exatidão, racionalizados e racionalizadores, sintetizados pelo conceito de cidade formal. Opostamente às áreas luminosas encontram-se as áreas “opacas”, marcadas pela escassez ou pela ausência dos atributos presentes naquelas. As áreas “opacas” são os espaços onde vivem os pobres, os excluídos, as minorias. São os espaços da “contrarracionalidade”, ou de outras formas de racionalidade, em função de sua insubordinação completa à racionalidade hegemônica:

[...] são contrarracionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades (SANTOS, 2012, p.54).

Das áreas opacas, entre marginalizados social, econômica e geograficamente, emanam outros discursos da cidade, considerados “irracionais para usos hegemônicos” (SANTOS, 2006, p.210), sendo por isso obscurecidos ou calados. São áreas opacas porque sobre elas não é permitido que se lance luz, não lhes é permitido aparecer, nem que suas manifestações de resistência cheguem à superfície. Sobre esses espaços, o olhar age predominantemente instrumentalizando.

Aos espaços opacos da cidade, quando convém, lhes cabe o papel de ser a moldura geográfica dos quadros, as casas coloridas que alegram a imagem, ou as luzes que cintilam no anoitecer (VIEIRA, 2012); quando servem a um interesse específico, sua presença é instrumentalizada, criando um mote que destaca a periferia dentro da lógica do discurso hegemônico enquadrada no molde do que se deseja exhibir visando: manutenção de redutos eleitorais; espetacularização tendo em vista o turismo ou a especulação imobiliária; criação de uma imagem de harmonia e

diversidade cultural com enaltecimento das produções periféricas, mas não de seus produtores. Formatados, os espaços opacos aparecem no discurso dominante, que ecoa legitimando seu lugar no sistema de desigualdades.

A relação entre as partes da cidade se dá ora pelo conflito, ora pela negação; as áreas luminosas “se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas opacas” (SANTOS, 2006, p.221). A experiência de escassez é a base para a crítica à racionalidade totalizadora e à realidade existente. É a partir da consciência da marginalização que se buscam alternativas de racionalidades indispensáveis à sobrevivência dos espaços opacos (SANTOS, 2006, p.209-211). As tentativas de invisibilização das áreas opacas não ocorrem sem que parta delas movimentos de resistência. Dos territórios periféricos emanam outros discursos da cidade, que disputam seus espaços e suas narrativas. A cidade não se esgota no discurso legitimado que lhe fala, nem na identidade que este tenta lhe imprimir.

Michel de Certeau (2014) fala sobre esse enunciador, cujo discurso, que serve à racionalidade dominante, se faz a partir de uma elevação que o transfigura em *voyeur*. Este consolida um saber construído a partir de um único “ponto que vê”, elevado e distanciado da cidade total, legitimado como a história da cidade. Aos olhos desse observador, a cidade se faz como um quadro, um panorama do qual se desconhecem as práticas. As práticas e os movimentos que divergem desse quadro são colocados à sombra, opacizados. A cidade não se porta como um quadro estático, ela está em permanente construção e transformação. E a cidade produzida “embaixo” e nos limiares onde cessa a visibilidade, é composta por uma rede de escrituras que avançam e se cruzam tecendo uma história múltipla, que causa estranheza às construções visuais, panópticas ou teóricas e escapa às totalizações do olhar. Tal mobilidade opaca se insinua no texto claro da cidade planejada e visível.

[...] se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. A Cidade se torna o tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem

transparência racional – impossíveis de gerir (CERTEAU, 2014, p.161, grifo do autor).

A cidade, dotada de vida e de movimento, não pode ser remontada em toda sua diversidade e em todas suas sutilezas na imagem que o discurso hegemônico deseja estampar. Ela não se esgota na imagem que tenta enquadrá-la, controlá-la, produzi-la sob uma identidade e um discurso que lhe encerre. Ela está em constante construção, em incessante reinvenção. A narrativa do *voyeur*, legitimada pelo pedestal técnico que lhe eleva, distanciada e cumprindo propósitos racionalizantes, totaliza e acaba por produzir seus próprios limites, enquanto a produção plural de contrarracionalidades é ilimitada e a partir delas é possível a ampliação da compreensão da cidade (SANTOS, 2006).

Esses espaços “impossíveis de gerir”, como define Certeau (2014), são justamente os que mais sofrem a violência do enquadramento na dura tentativa de imprimir-lhes uma identidade. O olhar que instrumentaliza impõe apenas aquilo que considera consenso, harmonioso, enquanto a lida, a luta, as histórias, as memórias e as resistências são invisibilizadas. Na narrativa das Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino (1990, p.59), o mercador veneziano Marco Polo, em conversa com o imperador Kublai Khan, ao relatar as cidades de seu império, adverte: “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. Ainda que exista ligação entre o discurso e a cidade, aquele não pode contê-la, pois não há olhar que a conheça e a expresse em sua totalidade. A cidade é tão múltipla quanto os modos como a percebemos, resulta da forma que a vida ali se dá, de como as histórias de seus indivíduos se cruzam e são atravessadas pela cidade que as contém.

Os movimentos de invisibilização dos espaços opacos se dão não apenas por sua negação, pelo apagamento do que é desvio, mas também pela imposição de um estereótipo. Os espaços opacos, identificados como territórios de pobreza, são usualmente vinculados a situações de violência, de exclusão e de falta (VIEIRA, 2012). A ênfase nesses aspectos negativos, decorrentes do sistema de desigualdade que vigora, gera um afastamento em relação às áreas opacas da cidade, aprofunda as fronteiras que a divide, e nubla o que nela se produz de diverso ao que se espera ali encontrar. Zuenir Ventura (1994, p.156), em *Cidade Partida*, exprime sobre o sentimento de encontrar o belo, e não apenas o feio, nas

comunidades pobres: “A sensação é sempre de inadequação. É como se fosse uma impropriedade”.

A miséria e a escassez fazem parte do cotidiano desses territórios, mas a solidariedade, a luta, a resistência também marcam esses “espaços da criatividade”. A cultura é produzida abundantemente nas periferias, mas a voz autorizadora, que parte de fora e não de dentro delas, é que lhe legitima ou lhe criminaliza; ela vende e consome a cultura marginal como produto, mas interdita e obscurece o produtor e seu território de origem. As tentativas de invisibilização das áreas opacas não ocorrem sem que parta delas movimentos de resistência, não reativo, mas intrínsecos ao processo de espetacularização. É de dentro desse processo que a crítica, em forma de desvios e fissuras, se dá enquanto microrresistências (JACQUES, 2010, p.109). Dos territórios periféricos emanam outras narrativas da cidade, que disputam seus espaços e seus discursos.

Certeau (2014) denomina essas microrresistências, que atuam nas fissuras da cidade do espetáculo, de táticas, as quais não obedecem às leis dos lugares, mas ao contrário os utiliza, manipula e altera. Essas táticas traçam trajetórias indeterminadas, incoerentes com o espaço construído pré-fabricado; é neste espaço controlado pelo outro que elas agem e circulam. Para Certeau, a tática é a arte do fraco, que se aproveita da ocasião e “tem que utilizar, de modo vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário.” (CERTEAU, 2014, p.95).

Nas áreas opacas da cidade é possível encontrar ações táticas, não apenas em suas maneiras de habitar a parcela periférica da cidade – com seus modos de construir, adaptar, modificar –, mas em circular a cidade, transpondo os limites impostos e ocupando seus espaços e seus discursos. A cultura popular periférica, em suas diversas formas de manifestação – literatura marginal, saraus, *slams*, samba, funk, rap, hip hop, grafite – atua como microrresistências ao lugar silenciado imposto à periferia. Ela ocupa as rádios, praças, calçadas, escadarias e paredes. Revela o dissenso, tensiona o espaço urbano disputando-o e distorcendo as

relações de poder nele existentes, tornando novamente político⁷ o espaço espetacularizado pelo discurso, como afirma Lefebvre (2001, p.22) ao dizer que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver”.

A ocupação e o uso dos espaços, de forma rotineira ou pontual, os dotam de sentido e a sobreposição das práticas humanas os configuram como construções sociais complexas. O lugar praticado que constitui o espaço, não se restringe à sua ocupação ativa, física, mas se estende à denotação dos sentidos possíveis, a simbolismos construídos, à resignificação de espacialidades pelas ações e práticas que se dão no espaço (CERTEAU, 2014).

O relato do espaço surge da experiência em relação ao mesmo, que não é única, mas que faz existir tantos espaços quantas são as experiências espaciais:

Essa experiência é relação com o mundo; no sonho e na percepção, e por assim dizer anterior à sua diferenciação, ela exprime “a mesma estrutura essencial do nosso ser como ser situado em relação a um meio” – um ser situado por um desejo indissociável de uma “direção da existência” e plantado no espaço de uma paisagem. (CERTEAU, 2014, p.185, grifos do autor).

A cidade feita quadro, estática, definida por um discurso, por meio de seus relatos se faz outras, múltiplas, cujos movimentos dão vida ao quadro e fazem do lugar espaço. Do desejo de se inscrever no texto da cidade, da busca de uma “direção de existência” (CERTEAU, 2014, p.184), nascem os relatos. Essa inscrição, tal como as formas de experienciar a cidade, é plural; por meio de seus relatos ela registra a cidade e se registra sobre o seu texto. A fotografia, o cinema, o teatro, o grafite, a literatura, as manifestações em praças públicas são modos de falar sobre a cidade e de tentar nela se inscrever; são fontes para a leitura da cidade em suas perspectivas, em seus possíveis olhares.

O relato atua, então, como ferramenta de empoderamento, de oposição ao discurso hegemônico e à construção de uma identidade única. O relato do espaço exerce um papel fundador de espaços, é um ato criador. Isto é, através do relato, as áreas da

⁷ Jacques Rancière (1996, p.105) diz que “o que o consenso pressupõe, portanto, é (...), em suma, o desaparecimento da política”. Dessa forma, é por meio do dissenso, das discordâncias, dos choques, que o espaço urbano se faz político.

cidade cujas experiências espaciais são invisibilizadas se fazem aparecer, (re)nascem no quadro não estático, mas em contínua reinvenção da cidade, tecendo as múltiplas tramas que constroem a cidade (CERTEAU, 2014).

O papel do relato se estende à função de autorizador e, no campo fechado do discurso, permite que se superem limites. A chancela não vem de fora, o aval não parte do outro. O relato autoriza que, em oposição ao estabelecido e ao legitimado, se posicionem aqueles cujas vidas invisibilizadas podem se tornar visíveis por meio das narrativas sobre suas experiências. Permite que haja embate e deslocamento do limite estabelecido, de forma que se faça do relato o atravessamento desses dois movimentos que se cruzam (CERTEAU, 2014).

Eis aí precisamente o primeiro papel do relato. Abre um *teatro* de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes. Mas, tríplice diferença em relação à função tão cuidadosamente isolada pelo dispositivo romano, ele assegura o *fas* sob uma forma disseminada (e não mais única), miniaturizada (e não mais nacional) e polivalente (e não mais especializada). (CERTEAU, 2014, p.192-193, grifo do autor)

O relato, segundo o autor, é disseminado, miniaturizado e polivalente. Disseminado porque, além da heterogeneidade de seus enunciadores, também desmonta a autoridade territorial que detém o domínio da fala e estende às áreas opacas, deslegitimadas, a possibilidade de sua autodeclaração. Por ser disseminado, fragmenta as “narrações organizadoras de fronteiras e de apropriação”, como a historiografia oficial e o discurso midiático. Sua miniaturização é justificada porque reduz o relato ao indivíduo ou aos grupos de indivíduos, cujas histórias podem ser pouco a pouco desprendidas de particularidades e ressurgirem no confronto de classes ou nos conflitos raciais.

O relato é polivalente, porque cruza outros tantos relatos, variando sua função de acordo com o meio por onde circula e com o espaço que fundamenta. Certeau cita Kant ao falar sobre o relato: “é um ato de fonâmbulo, um gesto de equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e ‘colocar’ um dito” (CERTEAU, 2014, p. 142, grifo do autor). Como um equilibrista, que dança sobre a corda em busca do equilíbrio recriado a todo momento, o relato nunca é de todo adquirido pois conta com incessantes invenções e é renovado a cada (re)leitura. O relato atua, portanto, como um instrumento de partilha. Em posse do direito ao relato, o sujeito marginalizado

desenha no mapa da cidade suas áreas opacas. O relato do espaço legitima o lugar de onde se fala, e inscrito no texto da cidade, esta se mostra díspar.

Jacques Rancière (2005, p.5) inaugura o termo “partilha do sensível” para versar sobre a contemporaneidade política sob o ponto de vista estético. Essa partilha se dá nos dois sentidos possíveis da palavra, tanto na participação de um conjunto comum como, inversamente, na distribuição de partes exclusivas, na separação ou na divisão dos espaços, dos tempos e das atividades. Nessa acepção, a partilha do sensível se daria na relação entre o comum compartilhado e os quinhões distribuídos.

Anterior à partilha do sensível, porém, encontra-se outra divisão que determina quem são aqueles que podem participar da partilha. Se trata da partilha política que, segundo Rancière (2005, p.17), se ocupa do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, e ainda sobre quem tem a competência para ver e para dizer. Atrelado a cada pessoa está o lugar que ela ocupa social e politicamente, o qual define quem pode tomar parte do comum em função do que faz e do espaço que ocupa. O lugar que ocupa na sociedade “define as competências ou as incompetências para o comum”; define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum (RANCIÈRE, 2005, p.16).

Contudo, na base da política há uma estética, que funciona como um talhe que revela os tempos e os espaços, o visível e o invisível, a palavra e o ruído. Ela descortina das certezas partilhadas o todo fragmentado, e evidencia quem participa ou não da partilha do sensível. Expõe os dissensos ocultos na cegueira do consenso, do hegemônico, e o faz:

[...] “ao tornar visível o que não é, transformando os sem parte [aqueles que não contam em uma comunidade] em sujeitos capazes de se pronunciar a respeito de questões comuns”. O dissenso, segundo Rancière, é um conflito estruturado em torno do que significa “falar” da partilha do sensível que delimita o horizonte do dizível e determina as relações entre ver, ouvir, fazer e pensar. [...] é menos um atrito entre diferentes argumentos ou gêneros de discurso e mais um conflito entre uma dada distribuição do sensível e o que permanece fora dela, confrontando o quadro de percepção estabelecido. [...] O dissenso mostra as fissuras e fragmenta a ideia do grande corpo social protegido por certezas partilhadas e amplamente unido por princípios igualitários previamente acordados e quase nunca colocados à prova. (MARQUES, 2011, p.26, grifos do autor)

O dissenso permite que experiências de sujeitos que, a princípio, não poderiam tomar parte, sejam partilhadas através das fissuras do grande corpo social pautado

no acordo de um discurso comum. Ao questionar consenso e tomar parte do falar, ele define e redefine não apenas o dito, mas o pressuposto. Através dessas fissuras, os sujeitos marginalizados conseguem escapar à opacização, se fazer visíveis e dar visibilidade ao território de que se fala e à vida que ali se dá.

Essas práticas estéticas são, portanto, “maneiras de fazer” que agem sobre as maneiras de ser e formas de visibilidade (RANCIÈRE, 2005, p.17). Essas maneiras de fazer são práticas, cujo movimento se encontra no limiar da visibilidade, fogem à vigilância panóptica, agem no sistema e jogam com seus mecanismos alterando-o e provocando reapropriações do espaço racionalizado pelo discurso único e normatizador (CERTEAU, 2014).

A narratividade, segundo Certeau (2014, p.133), é uma “maneira de fazer” sob a forma de relatos. A narração é uma prática do direito e da retórica, que parte de terrenos diversificados e por meio de suas ações discursivas transforma ambientes. Assim, a narratividade organiza a maneira de pensar em “maneira de fazer”, opondo as práticas aliadas ao discurso às que não o são. A narratividade, portanto, atua fora do discurso hegemônico, contestando-lhe o privilégio de poder enunciar a história da cidade em um discurso que não a contém.

A narratividade é ao mesmo tempo uma arte de fazer e de pensar, sendo assim, ela é ao mesmo tempo a teoria e a prática dessa arte. A narração não busca, porém, uma descrição da realidade de modo a ser legitimada pela autenticidade do que exhibe. Ela não tem compromisso com o “real”, mas é ato criador. A narrativa “mais que descrever um “golpe”, ela o faz” (CERTEAU, 2014, p.142). Ela é uma maneira de saber, de manipular, de arranjar e de colocar um dito. A narrativa traz em si conteúdo, mas não é a veracidade do que fala que toca, mas o que quer mostrar, os efeitos que impulsiona. Não é apenas uma forma de acessar as práticas, a vida, a experiência, ela as é. Não fala das práticas e nem se contenta em dizer o movimento, ela os faz. Como fala autor (2014, p.154): “Essa prática discursiva da história é ao mesmo tempo a sua arte e o seu discurso”.

A narratividade carrega em si esse não compromisso com a realidade. De fato não é possível a completa correspondência entre a experiência vivida e a relatada. A importância da narrativa não reside na justeza do que fala, ou ainda se há fidedignidade nos fatos narrados, mas nos efeitos que dispara. A narratividade faz

efeito no real, traça “mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer”; ela permite aos que habitam as áreas opacas, aos que não podiam tomar parte da partilha, a competência para falar que lhes era privada, reconfigurando o “mapa do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p.59).

A narratividade é soberana à indefinida linha divisória que separa a ficção da descrição do mundo histórico e social. Constrói-se a partir da experiência, da vida de seus locutores, mas gera um mundo novo, “cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (CANDIDO, 1993, p.9). Rancière (2005) afirma que o real precisa ser ficcionado para ser pensado, assim, o novo mundo que se cria na narrativa serve para refletir, criticar, manifestar desejos e descontentamentos sobre aquele que contém a existência.

Os espaços narrados, sejam eles ficcionais ou não, são reflexos criados do mundo (LINS, 1976, p.64). Santos e Oliveira (2001, p.72) sobre esse reflexo afirma, porém, que assim como o de um espelho, não é a reprodução exata do objeto. As imagens de um objeto refletidas pelo espelho não são sua cópia exata, apresentam apenas parte de suas características que lhe façam alusão. Não são completas, não são dotadas de cheiro, textura, temperatura, podem iludir e mesmo ocultar parte do objeto real. Os espelhos podem apresentar, ainda, uma variedade de formas, serem côncavos, convexos e, por seu formato, distorcer, enganar, ampliar algumas partes e reduzir outras, conforme seu interesse e o que deseja mostrar (SANTOS; OLIVEIRA, 2001). As imagens produzidas refletem, portanto, a realidade física e não raro a subverte, a enriquece, a faz transbordar e permite um novo olhar sobre ela (LINS, 1976, p.64).

O espaço narrado faz mostrar, e sua falta de compromisso com o real permite refletir em diferentes formatos imagens distorcidas, ampliadas, revelando as críticas, mostrando as identificações, manifestando as angústias do objeto real refletido naquela narrativa. As experiências retratadas não se limitam às dos habitantes, mas o próprio lugar passa a ser, ele mesmo, uma personagem.

A narrativa age como uma forma de inscrição no mundo, e mesmo com as constantes investidas de invisibilização sua escrita circula por toda parte sem saber a quem deve ou não falar (RANCIÈRE, 2005). A narrativa destrói o fundamento

legítimo de circulação da palavra, derruba as hierarquias que julgam quem têm competência para falar e ser ouvido, de onde pode emanar essa fala e por onde pode circular. A palavra, para o autor, era considerada um atributo imaginário de potência suprema, sempre disponível para retomar sua função democrática, emprestando suas formas a locutores não autorizados. É por isso que o discurso, diz Foucault (1996, p.10), “não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

A cultura marginal atua então como instrumento de sobrevivência dos espaços opacizados ao fazer emergir as múltiplas versões de sua história (BAPTISTA, 2001). Os espaços periféricos, que sob um prisma hegemônico, seriam identificados por estigmas de violência, miséria e falta, em posse de seu lugar de narrador são ressignificados e valorizados: pela sua intensa produção cultural; pela ginga com que move seu corpo na cidade formal e nos espaços periféricos, conhecendo as “quebradas”; pela capacidade de falar sobre o seu cotidiano, partindo de dentro, relatando não apenas as lidas, mas a solidariedade entre seus moradores; pela denúncia e enfrentamento da violência decorrente da desigualdade e muitas vezes da força estatal de vigilância e controle.

O discurso hegemônico, com sua identidade e imagem esculpidas, faz irromper o desconforto com a adequação da cidade a um quadro estático. A circulação da palavra, diz Rancière (2005), recoloca em questão a distribuição dos papéis, dos territórios e das linguagens. Levanta a discussão sobre a posse do discurso por locutores autorizados que cala os espaços opacos. A incessante deslegitimação de territórios, do corpo e da vida nesses espaços acaba, muitas vezes, por lhes colocar a dúvida se podem eles, realmente, se autodeclararem. A posse dos discursos marginais se vê assim, muitas vezes, deslocada espacialmente do território do qual se fala, em usufruto de vozes autorizadas que dizem sobre a cidade e a pobreza tudo saber. Assim, criam um regime de verdades e tratam a população como despossuída de uma compreensão correta sobre essas.

O saber científico tem, muitas vezes, instrumentalizado o “regime de verdade” em vigor.

Sustentado por uma suposta objetividade e neutralidade, o saber científico se legitima como detentor do crivo que distingue que discursos são como

ele verdadeiros e que outros são falsos. É pela desqualificação de uns saberes que outros se fazem “verdadeiros”. Tal funcionamento é frio por englobar em seus critérios aquilo que lhe escapa, classificando e hierarquizando, produzindo domínio de um saber sobre outros. (VIEIRA, 2012, p.98, grifo do autor)

Michel de Certeau (2014) contesta à escritura científica o seu privilégio de organizar a produção. Essa crítica transborda a legitimação e produção de discursos hegemônicos, e alcança a dificuldade em reconhecer um saber que precede o dos eruditos. A esse saber que lhe é estranho, tenta enquadrar em um discurso próprio, transformando o que é conhecimento em objeto de estudo. Produzem e legitimam discursos que reservam aos espaços opacos apenas o lugar de objeto, enquanto ignoram ou invalidam a produção de conhecimento de quem experiencia a lida desses espaços (PEREIRA, 2015). Instrumentalizam sua escassez e acabam por imergi-los ainda mais na sombra que os encobre.

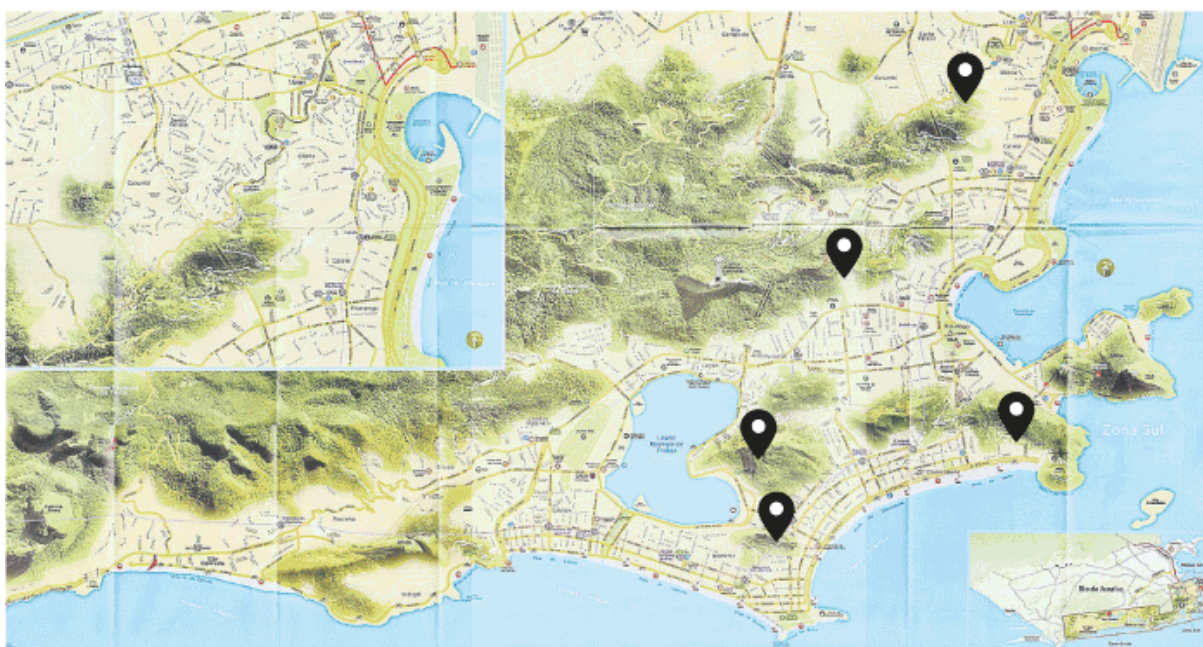
Esses “observadores” se fazem colecionadores, descritores, analistas. Mas embora reconhecendo ali um saber que precede os eruditos, procuram destacá-lo de sua linguagem “imprópria”, inverter em um discurso “próprio” a expressão errônea das “maravilhas” que já estão presentes nos inúmeros tipos de saber-fazer cotidianos. Todas essas Gatas Borracheiras, a ciência há de transformá-las em princesas. O princípio de uma operação etnológica sobre essas práticas já se acha então posto: o seu *isolamento social* pede uma espécie de “educação” que, graças a uma *inversão linguística*, vai introduzi-las no campo da escritura científica. (CERTEAU, 2014, p.130, grifo do autor)

É preciso estar atento à delicadeza do trabalho que esta pesquisa se propõe a realizar. Não há um movimento que traga à luz as áreas opacas, subjugadas pelo discurso dominante. Sua tentativa tem como fim o desbotamento de suas cores e a racionalização de sua narrativa. O debate deseja, como a estética da política, retalhar o grande corpo social da cidade e expor dissensos, expor aqueles a quem não foi permitido participar da partilha, mas que o fazem a força. À discussão se trarão as narrativas e as maneiras de fazer produzidas por esses territórios, cuja própria arte de fazer é sua autorização e é resistência à invisibilização e constitui produção de saber.

No entrecruzamento dos aportes teóricos expostos, advindos principalmente dos trabalhos de Certeau, Rancière e Milton Santos, se pôde refletir sobre a fragmentação da cidade sustentada por um discurso que cerceia o exercício do direito total sobre ela. O encontro com suas discussões alimentaram o questionamento sobre a marginalização de uma parcela da cidade que ultrapassa os

termos econômicos e geográficos e alcança sua marginalização social, a invalidação da sua fala, a sua criminalização e de seu território.

Do acesso a essas narrativas outras que destoam do discurso hegemônico almeja-se encarar um quadro da cidade, não mais estático, mas no movimento do fazer contínuo. A recusa em ser a voz legitimada que fala em lugar dos espaços opacos e os invisibiliza ainda mais, a recusa em instrumentalizar sua voz e com isso emudecê-la, vem acompanhada da vontade de se assumir, a pesquisadora, como ferramenta de visibilidade, como são as praças tomadas para a enunciação de suas narrativas.



Mapa 2 - Mapa turístico oficial do Rio de Janeiro confeccionado pela RioTur em 2017, no qual foram apagados os morros e favelas da cidade colocando vegetação ou vazios em seu lugar. A representação geográfica da cidade sem favelas, invisibilizou quase 1,5 milhão de moradores do Rio de Janeiro. Fonte: O Globo, 2017.



Mapa 3 - Comparação da aproximação do Morro da Babilônia no mapa da RioTur, com a vista de satélite do Google Earth. Fonte: O Globo, 2017.

3 CAPÍTULO 2 – A TESSITURA DA PESQUISA

3.1 A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA

A capital do Espírito Santo, Vitória, é também conhecida pelo epíteto Cidade Presépio. O cognome criado no início do século XX, durante o governo de Florentino Avidos, em função da composição geofísica e a ocupação da cidade, composta por um núcleo urbano instalado na parte insular num conjunto de morros que compõem o Maciço Central. A alcunha visava produzir a imagem de uma ilha pacificada, onde reinava a harmonia entre a paisagem geográfica e as ocupações urbanas (MONTEIRO, 2002). Ainda que a história do nascimento de Jesus seja, ao contrário, dotada de conflito, representada por dominação de povos e perseguição, a imagem construída do presépio transforma em harmonia o nascimento do Cristo em uma estrebaria, deitado sobre uma manjedoura onde se alimentavam os animais.

A configuração urbana de Vitória já não é mais a mesma que a do início do século XX. Hoje, em seu ordenamento urbano, já figuram outros formatos de ocupação. Mas a imagem da cidade harmônica ainda está presente no imaginário de muitos dos capixabas.

A imagem da ilha pacificada estava presente no olhar que construí sobre a cidade de Vitória. Moradora de Santo Antônio, bairro localizado na baía noroeste da capital não me sentia periférica⁸. O ingresso na Universidade afastou meu cotidiano da periferia de Vitória, tomando o rumo da região continental do município. E desse ingresso fundaram-se dois processos: a descoberta de si como periférica e encontro com outros territórios periféricos da capital e da região metropolitana. O reconhecimento de si como sujeito periférico, certamente, foi efeito da consciência geográfica, no longo e precário percurso entre residência e Universidade, porém não foi este o único ou principal fator. A todo o momento nas discussões na

⁸ A região da baía noroeste da ilha de Vitória abrange 22 bairros em uma das porções mais precárias da capital capixaba. São eles: Alagoano, Bela Vista, Cabral, Caratoíra, Estrelinha, Grande Vitória, Inhanguetá, Mário Cypreste, Morro do Quadro, Santa Tereza, Santo Antônio, Universitário, Ihamasa, Conquista, Ilha das Caieiras, Nova Palestina, Redenção, Resistência, São José, Santo André, São Pedro e Santos Reis.

Universidade, via o território em que habitava sendo apresentado a partir de uma visão que destoava da minha ou da de meus vizinhos. Enquanto para mim as relações de vizinhança e amizade, assim como o reconhecimento da tradicionalidade do local com seus moradores mais antigos eram os principais fatores de identificação do bairro onde residia, quando este era estudado em conjunto com outros bairros da região da baía noroeste, era, em geral, apresentado a partir da precariedade, da violência e do tráfico de drogas. As divergências entre as visões e as formas de narrar essa mesma região, fizeram-me questionar os discursos legitimados que percorrem a cidade, falando sobre espaços e vida a partir de uma visão e de uma voz outra que não a dos habitantes e usuários desses espaços. Fez-me indagar sobre as diferentes formas de narrar uma cidade ou uma localidade, dependendo da relação que se estabelece com o espaço de que se fala.

O ingresso no Ensino Superior marcou, também, o encontro com outros espaços periféricos de Vitória e sua Região Metropolitana. Caberia mencionar a travessia da cidade como gatilho para esse encontro; mas o caminhar em uma cidade cuja urbanização pressupôs um discurso identitário da Cidade Presépio desvelou, ao contrário, um esforço feito em ocultar a presença de espaços marginalizados e de pobreza. Foi ao abandonar as grandes avenidas – que passam ao largo desses territórios, priorizando as visuais, buscando a paisagem do mar e dos grandes monumentos e edifícios – e subir as escadarias, adentrar ruelas e becos, que se permitiu uma aproximação desses territórios, ainda que a título de objeto nos estudos desenvolvidos nas disciplinas da graduação e projetos de extensão e pesquisa. A cada novo bairro a imagem da cidade era remontada, afastando-se do quadro harmonioso da Cidade Presépio e fazendo surgir novos territórios e populações e seus modos de vida e de sobrevivência.

A vida da população periférica é dura, muitas vezes em áreas de difícil acesso, com moradias precárias, muitas vezes carentes de serviços públicos essenciais de qualidade, como de saúde, educação, saneamento básico e assistência social. O tráfico também é configurador desses territórios, estipulando regras a moradores e funcionários públicos, e sendo uma das principais justificativas para os frequentes embates com a polícia (VIEIRA, 2012).

Entretanto, a vida encontrada nos morros e bairros periféricos não se resumia a isso. Há uma relação diferente entre moradores; um posicionamento de profunda responsabilidade um para com os outros e para com os espaços comuns, e um desvelo nas construções particulares, sendo recorrente a organização de mutirões para construção e manutenção tanto dos espaços públicos quanto dos privados.

O desejo pelo desenvolvimento desta pesquisa, portanto, foi despertado por esses territórios sombreados no discurso da cidade pacífica e harmoniosa que tentar invisibilizar sua população, produções e lutas. Buscou-se se aproximar de suas práticas e criações que tentam escapar às determinações do discurso hegemônico, agindo na fissura do sistema e fazendo emergir territórios e vidas cujas existências são negadas.

Fez-se necessário lançar mão de ferramentas conceituais que ajudassem no acompanhamento das redes que se forjavam no encontro entre o direito à cidade e os movimentos de visibilidade e a vida dos espaços periféricos. O conceito de território aqui adotado, tal como formulado por Milton Santos (2007), deu início aos debates sobre as investidas de invisibilização dos morros e bairros periféricos da Grande Vitória.

Milton Santos (2007) amplia o conceito de território para mais além do que se resume ao espaço físico, expandindo-o para o lugar onde acontecem as ações, as paixões, os poderes, as forças, as fraquezas, ou seja, o espaço onde o homem se manifesta e constrói sua existência. O território é, portanto, delineado pela circulação da vida, não pelas fronteiras estabelecidas por limites administrativos, nem pelo espaço físico recortado para delimitar algo. Seus desenhos não se fazem pelas duras linhas que demarcam a divisão dos lugares em bairros e cidades. O território redesenha de modo dinâmico, mesmo que momentaneamente, os limites territoriais pela pluralidade de ações e relações que ali se efetivam.

Fala-se, então, de territórios obscurecidos. Da tentativa de ocultação e apagamento do espaço, mas também dos modos de vida, das lutas, dos desafios, das criações, da violência, de tudo o que escapa e diverge ao discurso que afirma sobre a cidade e a pobreza tudo saber. Enquadra, molda, apara e varre aquilo que não compreende, ou que não se encaixa com o que ali deveria se encontrar (VIEIRA, 2012).

A vida nos territórios periféricos não se resume à tríade pobreza-exclusão-violência. Os modos de vida que ali se produzem ultrapassam os limites que identificam somente a partir dessas carências e desses excessos. Há, porém, um discurso que transforma em coisa turva os movimentos de vida desses territórios. Os meios de comunicação reproduzem discursos sobre esses espaços evidenciando a violência, o tráfico de drogas e a escassez, provocando medo e distanciamento. Os identificam a partir do excesso ou da falta com relação a modelos representacionais que delineiam como a vida deve se efetuar (CERTEAU, 2014).

Não compõe os objetivos desta pesquisa negar aquilo que a mídia veicula sobre o cotidiano dos territórios periféricos da Grande Vitória. Porém, pretende-se tencionar a construção de um discurso reducionista que caracteriza vidas e territórios unicamente a partir da pobreza e da violência.

Esta dissertação busca acessar a vida nos territórios opacos a partir das narrativas de seus moradores. No intento de encontrar narrativas silenciadas sobre a cidade, buscou-se pelo movimento literário periférico, já conhecido de outros lugares do Brasil, em suas manifestações na Região Metropolitana da Grande Vitória. Nesta procura o primeiro coletivo literário marginal encontrado, cuja alcunha carrega o nome do movimento o qual representa, foi o Coletivo Literatura MarginalES (CLMES)⁹. Esse coletivo literário se configurou como ponto de aproximação e de partida da pesquisa, a partir do qual observaram-se as redes formadas entre este e outros movimentos de cultura marginal, estabelecendo-se, assim, os fios com os quais se construiria o acompanhamento dessas narrativas e o desenvolvimento desta pesquisa.

O Coletivo Literatura MarginalES foi eleito, portanto, como o fio sobre o qual se caminharia em busca das narrativas invisibilizadas dos espaços periféricos que trouxessem pistas sobre a cidade que escapa ao quadro da Cidade Presépio. O acompanhamento desse grupo, o primeiro a se dedicar, enquanto coletivo, à produção de literatura marginal no Espírito Santo, se deu num primeiro momento por meio das redes sociais. O marco inicial das atividades do grupo, em 2012, foi a criação da página do Coletivo no Facebook, onde seriam divulgados os textos produzidos. Mesmo após o despertar para a importância da publicação impressa a

⁹ Página do coletivo na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/LiteraturaMarginalES/>.

partir do lançamento do primeiro fanzine¹⁰, em 2013, o coletivo conservou a intensa atividade nos blogs e as páginas nas redes sociais, que continuam sendo importantes instrumentos na divulgação de textos, de produtos, assim como de eventos organizados pelo próprio coletivo ou por seus pares, sejam eles outros coletivos de cultura, ações individuais ou institucionais. Devido à dificuldade de acesso ao mercado editorial, bem como à capacidade das pequenas editorias de produzirem e publicarem o montante de material produzido por dezenas de escritores marginais, ou ainda, a restrições financeiras, a internet se converteu no principal meio para comunicar-se com facilidade. Conectados virtualmente, espalham narrativas nas redes sociais, ocupam, produzem e disputam a cidade.

O acompanhamento virtual permitiu a familiarização com as produções e atividades desenvolvidas pelo grupo. Permitiu ainda rastrear sua ligação com outros coletivos e movimentos de cultura urbana. E desse rastreo percebeu-se a vastidão do movimento cultural das periferias da Grande Vitória, que em um emaranhado de produções – saraus e *slams* de poesia, editoração e publicação independentes, movimento hip hop – ressoam narrativas dos espaços invisibilizados, expondo fronteiras borradas e mesmo inexistentes entre suas expressões.

A ida a campo fez perceber a impossibilidade de acompanhar todas as frentes e produções de cultura marginal da Grande Vitória, que se mostrava muito maior do que o olhar treinado da Cidade Presépio era capaz de perceber. Revelou, também, a necessidade de cruzar as produções literárias marginais com outras formas de expressão dessa cultura produzida nas margens, para, através delas, colocar-se à escuta do desejo dessas periferias em se fazerem ouvir.

Entre as linhas da trama forjada pelas narrativas marginais, decidi deter-me àquelas que mais intimamente se conectavam ao fio correspondente ao Coletivo Literatura MarginalES, sobretudo as mais representativas de suas produções ou de projetos parceiros conduzidos por seus integrantes, reservando atenção às publicações nas redes sociais apenas para acompanhamento dos eventos. Seguiu-se, então, o rastro das narrativas produzidas em forma de literatura marginal nos fanzines e livros

¹⁰ Fanzines (ou zines) são publicações não profissionais ou não oficiais (independentes) produzidos por entusiastas de uma cultura particular para compartilhamento com outros que dividam o mesmo interesse. Trata-se também de uma forma mais acessível de publicação e divulgação de produções literárias e gráficas.

editados pelo coletivo, seus integrantes e parceiros, e declamadas nos saraus poéticos – Sarau Quebrando o Silêncio (Coletivo Literatura MarginalES) e Sarau Emprete-Sendo (Núcleo Afro Odomodê) –, nas competições poéticas dos Slams de poesia – Slam Botocudos e Slam ES – e daquelas enunciadas nas batalhas de rep – Projeto Boca a Boca.

A pesquisa moveu-se na crença de que na periferia reside uma intensa produção de cultura e de narrativas, que apesar de invisibilizadas e silenciadas por estarem em espaços opacos da cidade e, assim, deslocados dos espaços hegemônicos da produção de conhecimento, atuam desestabilizando o lugar de mero objeto que lhes é imposto, produzindo a própria cidade e também conhecimento sobre este.

Faz-se necessário pontuar que as narrativas marginais são múltiplas, como o são os discursos que compõem o conhecimento hegemônico. Desta forma, a produção da literatura marginal e do movimento hip hop não representam a voz da periferia, mas, sim, uma de suas manifestações, que disputa visibilidade nos espaços e nos discursos sobre a cidade, e tenta fazer escapar das sombras aqueles territórios e sujeitos historicamente diminuídos pelo poder público, pela sociedade e pela ciência.

Conhecer as redes que se constituem “entre”¹¹ a vida nos territórios obscurecidos e a imagem da cidade, cujo discurso e traçado tentam invisibilizá-los, é o eixo que constitui a proposta de pesquisa. Qual era a narrativa construída sobre esses territórios? O que se falava sobre a presença deles e de seus sujeitos nos espaços legais da cidade? O que essa relação fala sobre o direito à cidade e à cidadania plena? Quais as táticas e gingas adotadas para tomada de espaços de visibilidade por parte dos movimentos e narrativas dos territórios opacos?

Essa somatória de questões e inquietações conduziu à produção dos dados, viabilizada por meio da participação em grande número de eventos, os quais foram registrados em fotografias¹² e em gravações posteriormente transcritas. Fez-se, também, o uso de conversas com os organizadores, participantes e pessoas alheias

¹¹ A ideia do *entre* adotada advém da obra de Deleuze e Guattari. Embora não exista um capítulo específico tratando deste tema, em muitos momentos os autores se utilizam desse conceito para afirmar o caráter processual da vida, sua construção por meio de forças, agenciamentos, composições.

¹² O registro fotográfico foi pouco utilizado na pesquisa por se tratar de uma ferramenta mal recebida nos eventos. Os participantes se sentiam mais confortáveis em compartilhar suas falas do que suas imagens. O registro fotográfico causou desconforto e desencadeou um afastamento temporário dos grupos acompanhados, sendo em seguida abandonado.

aos eventos. Nesses eventos foi adquirida a maior parte das produções de literatura marginal que integram o material das narrativas dos territórios periféricos sobre as quais se debruça esta pesquisa.

3.2 LITERATURA MARGINAL PERIFÉRICA

[...]Ainda que a população negra seja maioria no território brasileiro, a literatura permanece até hoje como espaço majoritariamente de brancos, permeada de conflitos e tensões, disfarçados sob o racismo, marca estruturante da sociedade brasileira. É, porém, também uma história de força e resistência; história de gente que, apesar de toda a dor, soube desmontar estereótipos e levantar a voz alto o bastante para se fazer ouvir, a despeito dos olhares tortos que desejassem fazê-las silenciar.”

(Antologia..., 2016, p.5-6)

O significado mais difundido para a denominação “literatura marginal” está ligado ao movimento situado no contexto da ditadura militar, na década 1970. Esse movimento, porém, pouco se assemelha a seu homônimo que cresce nas periferias urbanas brasileiras. À época do lançamento do livro *Capão Pecado* (2000), o escritor Ferréz se apropriou do termo marginal para classificar sua condição de escritor e definir o tipo de literatura produzida por ele e por uma série de escritores em contexto social semelhante: à margem do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político social (NASCIMENTO, 2009).

O movimento da década de 1970, inserido em um contexto de censura do regime ditatorial, caracterizava-se principalmente pela criação de circuitos de produção alternativos ou marginais no teatro, na música, no cinema e na literatura. Foi, sobretudo, um movimento de poesia marginal, reunindo intelectuais e poetas que já publicavam nos anos 1960, mas não se identificavam com os movimentos de vanguarda da época, como o concretismo, a poesia de práxis ou a poesia de

processo; e poetas que começaram a publicar nos anos 1970 (HOLLANDA, 1981; MATTOSO, 1980 apud NASCIMENTO, 2009:40).

Com forte influência do movimento de contracultura, a literatura produzida por esses poetas buscava subverter padrões de qualidade, de ordem e de bom gosto vigentes, desvinculando-se das produções engajadas e intelectualizadas. Seus textos eram caracterizados pelo tom irônico, uso de palavrão, versando sobre sexo, drogas e cotidiano de certas camadas da sociedade. Os livros produzidos pelos grupos de poesia marginal, rodados em mimeógrafos, tinham, intencionalmente, características gráficas precárias, com papel inferior e impressões borradas e falhas (PEREIRA, 1981). Fizeram parte desse movimento grupos como “Frenesi”, “Vida de Artista” e “Folha de Rosto”.

Esse movimento era composto por poetas marginais oriundos das camadas médias e altas do Rio de Janeiro, estudantes e professores universitários de cursos ligados às atividades de cinema, teatro e música, e suas publicações eram patrocinadas por família, amigos e artistas e consumidas por pessoas, também, de classes privilegiadas. Via de regra eram vendidas em bares, universidades e cinemas frequentados por esses grupos (Ibid, 1981). Tratava-se de um movimento que optou por se colocar à margem enquanto já viviam, em um contexto ditatorial e de censura, muitas das liberdades e direitos que só viriam a ser garantidos a partir da Constituição de 1988.

As especificidades do movimento de literatura marginal da década de 1970 são importantes contrapontos às características do conjunto de escritores que se apropriaram da expressão para dar nome às suas obras e identificar e organizar sua atuação no contexto cultural. A literatura a que se referia Ferréz era aquela produzida por escritores de periferia, sobretudo a partir da década de 1990. Esses escritores marginais, ao contrário, embora vivessem em um regime democrático, não gozavam da plenitude dos direitos garantidos pela Constituição de 1988, comportando-se como um movimento de resistência.

Em 2001, o escritor idealizou, organizou e editou textos de um projeto de literatura em revista intitulado “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, onde reuniu textos de dez escritores marginais, em uma edição especial da revista Caros Amigos. A apresentação dessa literatura marginal em um veículo até então pouco acessível a

esta, trouxe maior visibilidade para a produção literária periférica e consolidou o novo emprego dessa classificação literária. O projeto ganhou fôlego e se repetiu nos anos de 2002 e 2004, quando foram lançadas a segunda e a terceira edições do caderno. Na primeira e terceira edições publicadas, dando indícios do que se tratava essa marginalidade, incluíram-se informações como nome do bairro de residência ou presídio no qual cumpriam pena os autores, indicando sua condição de moradores de periferias urbanas ou detentos. Os três volumes reuniram textos de 38 autores cujos temas gravitavam principalmente ao redor de experiências sociais vinculadas ao espaço da periferia (NASCIMENTO, 2009).

A alcunha Literatura Marginal, a partir de então, se referiria também, a uma produção literária realizada por autores periféricos e marginalizados, cujos textos, também marginais, abordassem a realidade desses sujeitos e de seus territórios. Entre os textos publicados nos volumes especiais da revista há aqueles de autores já falecidos, mas dotados de mesmo perfil sociológico, como Solano Trindade, ou que se mostraram sensíveis a captar temas afins, como João Antônio e Plínio Marcos. Segundo aponta Érica Nascimento (2009) em sua tese de doutorado, isso demonstra um esforço em buscar referências a uma tradição literária a que se desejavam filiar os novos escritores marginais. Esses nomes, não apenas nas edições especiais da revista Caros Amigos, mas em Saraus e em outras publicações marginais, são frequentemente evocados, como aqueles que deram um passo de resistência na luta contra a invisibilidade e a favor do lugar da fala, como mostra trecho da poesia de declamada do Sarau Emprete-Sendo:

Eles vivem adrenalina
Morrem na chacina
O sangue escorre e fica na botina
O povo esquece, mas fica no diário de Carolina
(Sarau Emprete-Sendo, 30 de maio de 2017)

Essa literatura marginal seria, portanto, uma reivindicação dos espaços periféricos de escreverem sua própria história, a partir de sua ótica e de sua linguagem, podendo se portar como instrumento de expressão, relato ou denúncia.

A atribuição do termo marginal à produção literária e a autores de perfil sociológico semelhante não é, porém, unânime. Há aqueles que defendam que embora a temática seja marginal, a publicação, às vezes em grandes editoras não pode ser considerada como tal. Outros reivindicam o título de escritores de literatura marginal

por serem eles e suas publicações originários das margens, mas defendem que a periferia tem muito mais a dizer além de violência, carência e preconceito, e que os escritores e a literatura marginal podem e devem transpor a barreira imposta do que se espera que seja dito. Como defendeu um escritor marginal capixaba em um grupo de estudos sobre literatura de resistência:

Na favela, assim como em qualquer lugar, tem tudo quanto é tipo de coisa: tem ódio, tem guerra, tem amor, tem paixão, tem sexo, tem tudo. E poeta quer escrever, seja sobre sua realidade concreta, seja sobre uma outra, fictícia.

(Grupo de Estudos Literatura de Resistência e Poética da Margem, Agosto de 2017)

Além das disputas travadas pelo reconhecimento como um gênero literário e pela ressonância de suas narrativas e denúncias, usualmente silenciadas, a literatura marginal busca alternativas para suas publicações, uma vez que o mercado das grandes editoras revela-se quase inacessível. Traçam-se estratégias de produção independentes e de baixo custo (cordéis, fanzines), bem como de criação de pequenas editoras – algumas especializadas em literatura marginal – a fim de defender a acessibilidade aos produtos literários, reconhecer a representatividade de seus escritores e obras, e legitimar a cultura produzida pela periferia. Há ainda a elaboração e disponibilização de conteúdos digitais em bibliotecas virtuais, nas redes sociais, em sites especializados, *fanpages* e páginas pessoais, por onde circula uma infinidade de registros mais facilmente acessados pela internet.

Enquanto a busca por referências do passado representa o esforço em evocar uma tradição literária e em dar contornos ao que seria esta literatura marginal, a inserção de crônicas e letras de rep de MC's ligados ao hip hop nacional na edição especial organizada por Ferréz, mostra indícios da forte conexão entre essa expressão cultural e outros movimentos periféricos. Há uma imensidão de produções que se misturam, se embaralham e se apoiam, confundindo saraus, batalhas de *hip hop*, *slams*, *rappers*, escritores e poetas, entre a diversidade de expressões da cultura marginal.

O encontro com a literatura marginal, impulsionado pelo incômodo com o silenciamento dos territórios periféricos e a vida inconformada ao quadro, disparou uma série de conexões e outras possíveis entradas para encontrar narrativas dessa população e seus espaços. O Coletivo Literatura MarginalES, composto por jovens

escritores da Grande Vitória, foi o primeiro acesso às narrativas em formato de literatura marginal produzida na Região Metropolitana de Vitória. Rapidamente outras várias conexões se formaram, e desse emaranhado formou-se uma rede de movimentos distintos, mas que convergiam em seu conteúdo e em seus agentes, e davam suporte à vontade de falar dos territórios e vidas silenciados. O encontro com esse coletivo permitiu conhecer uma série de outros que praticam a palavra escrita e a oralidade dos saraus, *slams* e batalhas de hip hop.

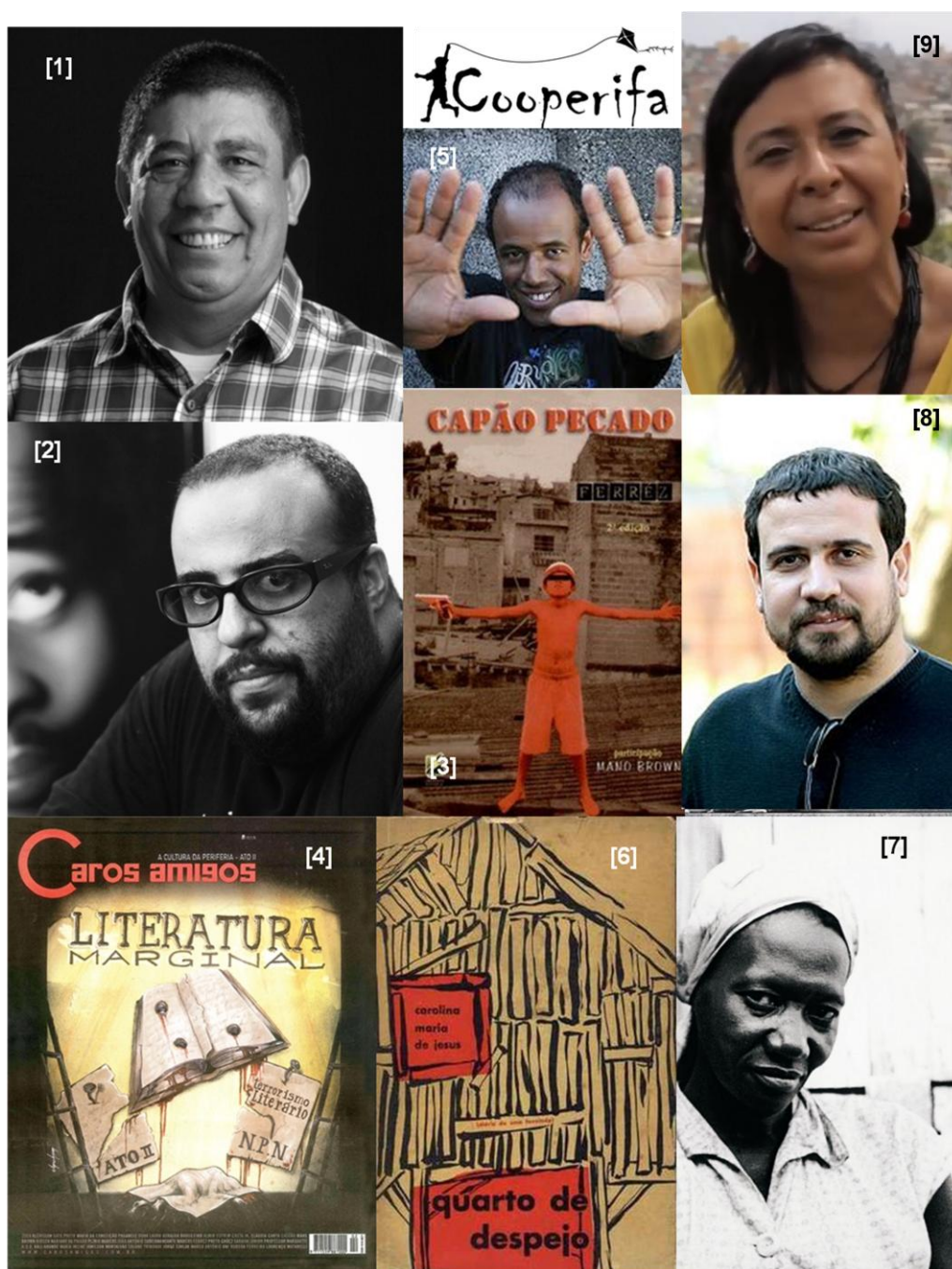


Figura 2 - Autores, obras e desdobramentos do movimento de Literatura Marginal Periférica.

- [1] Escritor marginal Sérgio Vaz e organizador do Sarau da Cooperifa, Jardim Guarujá, São Paulo. Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/sarau-da-cooperifa-10-anos>.
- [2] Escritor marginal Ferréz, autor de “Capão Pecado” (2000). Fonte: <http://editoranos.com.br/nossos-autores/ferrez/>.
- [3] Capa da 2ª edição do livro “Capão Pecado” (2000) de Ferréz, pela Editora Martins Fontes. Fonte: <https://www.saraiva.com.br/capao-pecado-447762.html>
- [4] Capa da Edição Especial da Revista Caros Amigos “Literatura Marginal: A cultura da periferia – Ato II” (2002), organizada por Ferréz. Fonte: <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-perif%C3%A9rica-em-s%C3%A3o-paulo>.
- [5] Escritor marginal Sacolinha, que tem alguns de seus textos publicados na Edição Especial da Revista Caros Amigos. Fonte: <http://editoranos.com.br/nossos-autores/sacolinha/>
- [6] Capa do livro “Quarto de despejo: Diário de uma Favelada” de Carolina Maria de Jesus (1960). Fonte: <http://biblioafrogriot.blogspot.com.br/2010/09/quarto-despejo-diario-favelada-carolina.html>
- [7] Escritora Carolina Maria de Jesus. Fonte: <http://justificando.cartacapital.com.br/2018/02/21/livro-quarto-de-despejo-e-suas-questoes-juridicas/>
- [8] Marcus Faustini, diretor teatral, documentarista e escritor. Autor de Guia Afetivo da Periferia (2009). Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/as-muitas-redes-do-agitador-da-perifa-marcus-vinicius-faustini-5543960>
- [9] Escritora marginal Cláudia Canto. Fonte: <https://ponte.org/de-cidade-tiradentes-a-oxford-a-trajetoria-de-uma-faxineira-que-virou-escritora/>.

3.2.1 QUESTÃO EDITORIAL: AS DIFICULDADES AO ACESSO DO MERCADO EDITORIAL E AS “MANEIRAS DE FAZER” DA LITERATURA MARGINAL

As dificuldades encontradas hoje pela literatura marginal em conseguir espaço para suas publicações refletem um fechamento sistemático do mercado editorial brasileiro que atravessa décadas. Se o movimento de Poesia Marginal da década de 1970, encabeçada por escritores de classes privilegiadas, contestava a rigidez desse sistema, este se torna ainda menos poroso quando se trata de autores periféricos, que apresentam a partir de sua ótica e linguagem a vida nos espaços marginalizados. O campo literário brasileiro, assim como em muitas outras esferas de produção de discurso, é um espaço de exclusão. Regina Delcastagné (2007) aponta que persiste nele a predominância de um tipo de autor: homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média. Esta exclusão não se limita a uma escassez de escritores, ou a um domínio precário da forma literária por outros sujeitos, mas porque a literatura, por definição, exclui determinadas formas de

expressão, circunscrevendo um espaço privilegiado aos modos de manifestação de alguns grupos, e de outros não. Como disse Stel Miranda (s/d, p.2):

Todavia me entristece saber que inúmeras pessoas que escrevem tão bem, com estilos, formas e estéticas diferentes, não tem a chance de levar seus escritos até as pessoas que consomem literatura pelo fato de ser um meio elitizado, mapeado por um mercado que separa pessoas pela cor da pele, por sua orientação sexual, ou por representarem a margem da sociedade.

Segundo afirma Compagnon (2010) todo atestado de valor resulta em uma exclusão, e ao definir que um texto é literário, resulta em afirmar que outro não é. Assim, uma sistemática valorização de uma forma de expressão em prejuízo de outras faz com que a manifestação literária seja um privilégio de apenas algumas classes sociais. A exclusão de classes populares não é, porém, um fenômeno exclusivo do campo literário, mas este, como todos os outros espaços de produção de sentido da cidade, portam-se como espaços de exclusão para os marginalizados (DELCASTAGNE, 2007).

Durante o processo de pesquisa de campo, um exemplo prático dessa exclusão foi testemunhado. Entre os dias 17 e 21 de maio de 2017, a UFES recebeu a IV Feira Literária Capixaba, no campus de Goiabeiras, em Vitória. O evento gratuito contou com lançamento diário de 15 obras de escritores capixabas, exposição e venda de livros, ações culturais, palestras e mesas redondas. Em cinco dias de evento não houve, porém, nenhum convite para lançamento, participação de palestras ou mesas, nem abertura do espaço para divulgação e comercialização do trabalho de nenhum dos escritores marginais da Grande Vitória. Como resposta ao apagamento e deslegitimação de escritores e escritos periféricos, organizou-se um evento paralelo a poucos metros de distância – a Xepa Literária – que ocupou a passarela do Centro de Ciências Humanas e Naturais da UFES, priorizando as expressões artísticas marginais daqueles que não conseguem espaço para publicar ou expor suas obras. O evento foi iniciativa do Coletivo Literatura MarginalES (CLMES), que, por meio da literatura marginal, tem como fim valorizar a cultura periférica, fomentando a produção literária e a leitura. Durante os três dias desse evento aconteceram rodas de conversa, grupos de estudos, performance poética, sarau, música e exposição de livros que, seguindo a prerrogativa da inclusão de escritores invisibilizados no cenário capixaba e nacional, foi aberta a todos os que quisessem exhibir suas obras, comercializá-las ou trocá-las por outras em exposição. Houve grande adesão de artistas e escritores marginais, onde debateram sobre a ligação

entre os diversos movimentos da cultura periférica e a literatura marginal, sobre a importância dos saraus e da escrita, e realizaram oficinas sobre escrita literária e produção independente.



Figura 3 - Disposição da produção literária para venda e troca na Primeira Xepa Literária Capixaba, realizada na UFES, em maio de 2017. Fonte: Página do evento da Xepa Literária Capixaba na rede social Facebook.



Figura 4 - Primeira Xepa Literária Capixaba. Fonte: Página do evento da rede social Facebook.

Existe, portanto, uma grande resistência do mercado editorial brasileiro em reconhecer e promover uma literatura produzida nas margens. A internet tem sido um significativo instrumento para a circulação de conteúdo, por seu caráter mais livre e democrático. Todos os dias uma enorme quantidade de textos – em páginas pessoais, blogs ou bibliotecas online –, vídeos – que registram eventos ou performados – entre outras formas de expressão, impossíveis de capturar em sua totalidade, são colocadas no universo da *web*. Sobre disso Eduardo Selga disserta (2014, p.6-7):

Numa sociedade em que o espaço físico também é índice de condição social, temos diversos altares do “bom gosto” destinados às vozes artísticas autorizadas, o que se determina por sua posição na pirâmide social. [...] Nem por isso todo escritor ainda inédito ou que publica por meios alternativos é uma voz não autorizada. Há os que beijam na boca do *status quo*, porém ainda não se fizeram visíveis. Mas todos os discursos literários, em seus diversos tons, encontram hoje na janela aberta da internet, não exatamente democrática, um veículo de expressão. Nesse contexto, se o espaço cultural denominado “livro” está vetado à literatura situada na periferia do institucionalizado “bom gosto”, eufemismo que pretende esconder o ordenamento ideológico determinante de quem será ou não publicado, as páginas virtuais se apresentam como via alternativa para certo público cada vez menos disposto a investir em livro, porém muito interessado em ler. Não vetustos cânones, eles soam distantes da realidade imediata: o virtual pode ser o espaço ocupado pelo texto que fala de velhos desconhecidos: a rua, a margem, o desagradável, o incorreto, o interdito. Em suma, a expressão de realidade que, quando representada em livro, se dá por vozes que apenas conhecem à distância, cobrindo as narinas do bom gosto.

Apesar das possibilidades que a internet apresenta à circulação dessas matérias, esta possui um caráter quase que provisório, rapidamente se perdendo no universo de informações que alimentam continuamente. O livro representa um contraponto a essa voracidade com que se lançam e se perdem conteúdos na internet, ocupando um lugar de permanência (PEREIRA, 2015).

Em meio à crise editorial brasileira, foi lançada, pela Editora Aeroplano, uma coleção denominada “Tramas Urbanas”, de curadoria de Heloísa Buarque de Hollanda. Patrocinada pela Petrobras e pelo Ministério da Cultura, a coleção se dedica a produções de cultura periférica (Ibid, 2015). No texto de abertura do livro de autoria de Érica do Nascimento (2009), Heloísa Buarque de Hollanda diz que a coleção é “uma resposta editorial, política e afetiva ao direito da periferia de contar sua própria história”. A coleção reclama, assim, pela visibilidade dos espaços marginalizados da cidade, e pelo direito à voz, em geral monopolizada por aqueles que habitam os lugares da fala.

A convite do Programa Petrobras Cultural, a Editora Aeroplano publicou, entre 2007 e 2013 vinte e seis títulos, que apresentam reflexões e/ou testemunhos de jovens pensadores, artistas e lideranças procedentes dos novos movimentos culturais dos territórios periféricos de grandes cidades brasileiras. Muitos desses são intelectuais orgânicos que produzem conhecimento autônomo e relevante em torno de questões culturais, sociais e políticas emergentes¹³. São autores que se destacaram em seu trabalho em prol da cultura da periferia e de suas condições socioeconômicas, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que a maioria dos livros tem contorno biográfico, escrito em primeira pessoa, relatando trajetórias pessoais e dos movimentos aos quais seus autores integram (NASCIMENTO, 2009). A coleção abarca temas como movimentos sociais, jornalismo comunitário, pesquisas acadêmicas, intervenções urbanas, moda, literatura, artes cênicas e cinema (PEREIRA, 2015).

Há de se refletir, porém, como é tênue a fronteira entre a reivindicação de visibilidade e a espetacularização. Na década de 1960, quando foi publicado o diário de Carolina Maria de Jesus intitulado “Quarto de Despejo” (1960), o relato da favelada do Canindé foi vendido a título de exótico e consumido vorazmente pelas classes intelectualizadas. Algumas décadas depois, outro autor periférico, Paulo Lins, alcança sucesso semelhante com *Cidade de Deus* (1997) - adaptado para o cinema por Fernando Meireles em 2012. O consumo de obras de autores periféricos sobre a realidade e o espaço que vivem ou que habitam sua memória não traduz necessariamente um reconhecimento e legitimação daqueles espaços e daquelas vozes. Mas é agindo no terreno do outro que se faz a tática, que, nas fissuras do sistema, consegue desaparecer deixando rastros da vida que é escondida nas sombras.

O difícil acesso ao mercado das grandes editoras, somado à urgência da democratização da literatura para escritores e leitores fez nascer dentro do movimento de literatura marginal o desejo de buscar novas possibilidades mais perenes e acessíveis de publicação impressa. Multiplicam-se pela cidade fanzines e livros lançados de forma independente ou a partir de pequenas editoras ou editais de cultura, que podem ser produzidos e consumidos a baixo custo, enquanto

¹³ Descrição da coleção no site da professora e curadora do projeto. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/colecao-tramas-urbanas/>.

promovem representatividade, reconhecimento e legitimação dos escritores e das narrativas que emergem das periferias.

No caso da Grande Vitória, o Coletivo Literatura MarginalES foi pioneiro nessa iniciativa. O grupo, conhecido por recitar poesia nas batalhas de REP do Projeto Boca a Boca, em 2012, buscou uma forma de aproximar a periferia dos livros e “romper a fronteira entre a fala e a íris”¹⁴, lançando no primeiro trimestre de 2013 o seu primeiro fanzine intitulado (Des)Construção¹⁵. O Coletivo defende que o acesso à cultura e a valorização de saberes populares e periféricos é condição fundamental para a formação dos sujeitos como seres humanos plenos, com dignidade e altivez.

A premência de dotar a palavra proferida de um caráter de permanência deu-se também para possibilitar aos escritores que pudessem ler-se, legitimarem-se e, assim, estabelecerem novas referências. O fanzine (Des)Construção, com preço impresso na capa de R\$ 1,00, teve mais de 500 cópias vendidas e distribuídas, alcançando repercussão na mídia e gerando convites para participar de mesas e palestras na Universidade Federal.

A boa aceitação e repercussão do citado fanzine teve como efeito um grande número de escritores locais buscando o coletivo para lançamento de suas obras. O interesse dos escritores marginais, que não conseguiam acessar as grandes editoras, incentivou o coletivo a criar um selo editorial para lançar outras publicações, sempre de maneira independente. O Coletivo MarginalES diz ter hoje, mais de 180 poetas, cronistas e contistas periféricos mapeados no Espírito Santo. Sob o selo da Ponta de Lança Edições, dezenas de fanzines já foram produzidos entre eles: “Um todo do meu eu”, do *rapper* Carlos Abelhão, “Infinito e Estação dos Sonhos”, de Juplin Jones, “Prato Poético”, de Jânio Silva, além das duas edições do (Des)Construção.

Ainda em busca de novas possibilidades de editoração, Juplin Jones, escritor e produtor cultural, conheceu em 2015 as publicações cartoneras. O nome *cartonera* vem do espanhol e deriva de *cartón*, o papelão. A proposta desse movimento com significativo crescimento no Brasil e no exterior é de que as editoras publiquem de

¹⁴ Juplin Jones, em fala no Grupo de Estudos sobre Literatura de Resistência, em agosto de 2017.

¹⁵ O primeiro fanzine do Coletivo Literatura MarginalES pode ser acessado neste link: https://issuu.com/literaturamarginal/docs/des_construcao_1

forma independente, sustentável e, conseqüentemente, de maneira mais acessível. Nascidas em Buenos Aires, em 2003, as editoras cartoneras são propostas editoriais alternativas que utilizam papelão reaproveitado em suas publicações. O material é adquirido junto a catadores de papel a um preço superior ao pago por empresas que exploram seu trabalho (FANJUL, 2016). O encantamento com a proposta alternativa de publicação, que associava o baixo custo ao fortalecimento de uma parcela de trabalhadores que também se encontram à margem, fez com que ao final 2015 a Editora Poesia de Papelão Cartonera¹⁶ fosse fundada, lançando seus primeiros livros em 2016 a partir de um edital de cultura que permitiu o financiamento das obras¹⁷. Foi necessário organizar um concurso cultural para escolher os dois autores que teriam seus livros lançados, e entre mais de cinquenta inscritos, foram selecionados Jhon Conceito e Livia Gegenheimer.

Os livros são produzidos de forma artesanal, desde o recolhimento do papelão em Cariacica Sede e comunidades adjacentes, até o corte e pintura das capas, realizado em conjunto com a concepção gráfica e editorial da obra. Quando, por fim, impresso, costura-se o miolo. A minuciosidade do processo não permite que a editora lance muitos exemplares do mesmo livro, mas ainda assim, cumpre seu papel ao trabalhar para que se torne mais acessível a editoração dos escritores marginais e o encontro com suas narrativas.

Apesar dos esforços empreendidos, ainda são poucas as editoras independentes na Grande Vitória se comparadas à urgência em falar e o desejo de visibilidade dos sujeitos e espaços marginais. Diante disso, tem-se multiplicado por todas as cidades da Região Metropolitana, por iniciativa de coletivos, agentes culturais ou espaços institucionais apoiados por estes, oficinas de produção independente, cartonagem e sobre como escrever um projeto e participar de um edital de cultura. E foi a partir do encontro com essa literatura produzida na margem que se começou a questionar o silenciamento de sujeitos periféricos, relegando ao esquecimento suas vidas e seus territórios.

¹⁶ Página da Editora Poesia de Papelão Cartonera na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/Poesia-de-Papel%C3%A3o-Cartonera-665642143592824/>.

¹⁷ <http://seculodiario.com.br/29833/17/os-livros-artesanais-e-reciclaveis-da-ijeditora-poesia-de-papelao-cartoneraij>



Figura 5 - Manufatura de edições cartoneras, na editora Poesia de Papelão Cartonera no ensaio foto documental “Por trás das palavras” feito pelo fotógrafo Evandro Vieira. Fonte: página pessoal do fotógrafo na rede social Facebook.

3.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Os territórios periféricos aqui analisados encontram-se em contínua transformação e são passíveis de inúmeras leituras e interpretações. Desta forma, não se pretende uma descrição literal da vida que ocorre nesses espaços, e muito menos de suas relações com cidade a legitimada. O que se pretende é uma interação vivencial entre pesquisadora e campo de pesquisa. A inclusão da pesquisadora como elemento que compõe a pesquisa deve-se a crença da impossibilidade de um encontro neutro entre esta e seu campo de pesquisa (LOURAU, 2004). Sendo ela elemento do campo, serão incluídas suas análises e seus relatos neste processo.

A condição de elemento de campo pedia cuidado para não se apresentar como um pesquisador de jaleco¹⁸ (LOUZADA, 2009), distante ou indiferente ao campo de pesquisa e deste lugar emitindo juízos de valor. O atravessamento da Universidade, espaço legitimado da construção do saber, insistia em vestir-me desses trajes. A instituição provoca afastamento, desconfiança e mesmo repulsa devido à sua quase inacessibilidade aos sujeitos periféricos e seu posicionamento para com seus territórios, frequentemente tomados como objetos de estudos, mas raras vezes com contrapartidas. Despir-se desse jaleco era necessário para aproximar-se das narrativas e da vida nesses territórios, tornando-se vulnerável e acessível à escuta do que dizem esses espaços.

O posicionamento adotado foi o de pesquisadora/participante dos eventos. A captação das falas era feita por um gravador posicionado, visando dar liberdade à pesquisadora de participar e de se deixar afetar e atravessar pelos movimentos produzidos no campo de pesquisa.

A construção desta dissertação pressupôs participação em 23 eventos, entre saraus literários, *slams* poéticos, lançamento de livros, festivais, feiras, batalhas de hip hop, mesas discussão e grupos de estudo. Desses, 17 foram registrados e transcritos, contendo as falas dos participantes e o relato da pesquisadora quanto às

¹⁸ Pesquisador de jaleco é uma expressão usada por Louzada (2009) para referir-se às práticas higienistas, que buscam distância e neutralidade, recusando a mistura de pesquisador com campo. A ideia vem da imagem do jaleco branco, usado por profissionais da saúde para demonstrar cuidados com contaminação.

observações, a ocupação dos espaços e as discussões disparadas¹⁹. A transcrição dos eventos participados não foi integral, mas teve como critério a ligação com o Coletivo MarginalES e o fato de serem eventos em que a oralidade fosse elemento central.

Isto posto segue a lista dos eventos participados, com a indicação de transcrição (ou não):

- 07/04/2017: Projeto Boca a Boca – Quadra da Unidos da Piedade, Centro, Vitória. Sem transcrição.
- 18/04/2017: Sarau Emprate-Sendo – Núcleo Afro Odomodê, Centro, Vitória. Transcrito.
- 27/04/2017: Slam Botocudos – Ao lado do Teatro Carlos Gomes, Centro, Vitória. Transcrito.
- 09/05/2017: Lançamento livros da Editora Poesia de Papelão Cartonera – MUCANE, Centro, Vitória. Transcrito.
- 12/05/2017: Projeto Boca a Boca – Praça do IBES, Vila Velha. Transcrito.
- 17/05/2017: Xepa Literária – UFES, Vitória. Sem transcrição.
- 30/05/2017: Sarau Emprate-Sendo – Núcleo Afro Odomodê, Centro, Vitória. Transcrito.
- 08/06/2017: Sarau Cerveja e Poesia – Bar do Mãozinha, Jardim da Penha, Vitória. Sem transcrição.
- 20/06/2017: Sarau Emprate-Sendo – Núcleo Afro Odomodê, Centro, Vitória. Transcrito.
- 30/06/2017: Projeto Boca a Boca – Praça Costa Pereira, Centro, Vitória. Transcrito.
- 14/07/2017 e 15/07/2017: Origraffes – Feu Rosa, Serra. Transcrito.
- 20/07/2017: Sarau - Semana Municipal da Juventude de Vitória, Centro de Referência da Juventude (CRJ), Ilha de Santa Maria, Vitória. Transcrito.

¹⁹ Os trechos narrativos transcritos nesta dissertação estão identificados pelo evento em que foram enunciados. Não há a identificação dos participantes conforme assegura as normativas da Resolução CNS 510/2016 acerca de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. É garantido, porém, aos autores o direito autoral sobre as rimas e poesias, estando expostas em algumas poesias a pedido dos autores e podendo, também, ser acrescentada a autoria em qualquer momento. As transcrições das poesias completas registradas nos eventos participados foram incluídas no apêndice deste volume.

- 21/07/2017: Projeto Boca a Boca - Semana Municipal da Juventude de Vitória, Centro de Referência da Juventude (CRJ), Ilha de Santa Maria, Vitória. Transcrito.
- 27/07/2017: Slam Botocudos e Sarau Emprete-Sendo – Casa da Barão, Centro, Vitória. Transcrito.
- 10/08/2017: Slam Artevista – Restaurante Porto do Rio, Barra do Jucu, Vila Velha. Sem transcrição.
- 11/08/2017: Projeto Boca a Boca – Praça do Epa, Jardim da Penha, Vitória. Transcrito.
- 12/08/2017: Grupo de Estudos “Literatura de Resistência e a Poética da Margem” – Sesc Glória, Centro, Vitória. Transcrito.
- 19/09/2017: Sarau Quebrando o Silêncio – Praça Costa Pereira, Centro, Vitória. Transcrito.
- 23/09/2017: Slam ES – Restaurante Porto do Rio, Barra do Jucu, Vila Velha. Transcrito.
- 25/10/2017: Unir-Versos Griot – MUCANE, Centro, Vitória. Transcrito.
- 10/11/2017: Projeto Boca a Boca – Fábrica Lab, Fábrica de Ideias, Jucutuquara, Vitória. Sem transcrição.
- 05/01/2018: Projeto Boca a Boca – Praça Costa Pereira, Centro, Vitória. Sem transcrição.

O acesso às publicações gráficas dos escritores marginais não se mostrou uma tarefa simples. Não há na Grande Vitória, como já existe em São Paulo, livrarias e sebos especializados em literatura marginal. A maior parte das produções literárias foram adquiridas nos eventos ou em contato direto com autores e editores, ou ainda foram empréstimos dos integrantes dos grupos, tendo em vista a baixa tiragem do material. As dificuldades para acesso do material foi determinantes para a constituição do perfil de autor dos quais seriam apropriadas as narrativas. Não havendo quantidade para que fosse possível traçar uma linha mais abrangente de narradores, também as narrativas escritas foram assimétricas, se constituindo majoritariamente de escritores jovens e homens. Essas publicações somadas às transcrições compõem o material de estudo para aproximação das narrativas dos territórios obscurecidos.

Dentre as publicações adquiridas, foram adotadas na pesquisa:

- Fanzine (Des)Construção. Coletivo Literatura MarginalES, 2013.
- Fanzine (Des)Construção #2. Coletivo Literatura MarginalES. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2014.
- Fanzine Quebrando o Silêncio. Coletivo MarginalES. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2016.
- Antologia Sendo Emprate-sendo v.1. Núcleo Afro Odomodê e Coletivo Literatura MarginalES. Espírito Santo: Poesia de Papelão Cartonera, 2016.
- Fanzine Antologia Sendo Emprate-sendo v.2. Núcleo Afro Odomodê e Coletivo Literatura MarginalES. Espírito Santo: Poesia de Papelão Cartonera, 2017.
- Fanzine #Palavras Mortas v.2. Jhon Conceito. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2016.
- Ko Kawe. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2014.
- Pedacos da Noite. Janio Silva. Espírito Santo: Poesia de Papelão Cartonera, 2017.
- Ilusão Surto de Inspiração. Marcéu Rosário Nogueira. Cariacica, 2015.
- Desacredita Agora. Coletivo DeNigro.
- (Re)Cortes (In)Versos Rabiscados à Mão. Stel Miranda.
- Diversos somos todos III. Antologia Poética. Vila Velha, 2017.

O CD intitulado “Isso aqui não é rap”, de Diego Cavaleiro Andante, foi incorporado ao arranjo de publicações pelo fato de a maioria de suas músicas corresponderem às poesias declamadas pelo autor nos saraus e *slams* de poesia acompanhados pela pesquisa.



Figura 6 – Material gráfico literário coletado em forma de fanzines, livros e encarte de CD que apresentam conteúdo pertinente às discussões tratadas nesta dissertação. Fonte: Acervo pessoal.

Esses registros – transcrições dos eventos, publicações e cd – não foram analisados segundo suas propriedades literárias ou musicais, mas quanto aos assuntos abordados. A pesquisa deteve-se na cidade produzida por suas narrativas. Enfocou-se na vida nos territórios obscurecidos e aquela que se dá entre a inserção desses territórios e seus sujeitos na sociedade e no espaço urbano.

Cruzando as narrativas orais com as escritas levantadas foi possível destacar os assuntos que apresentam maior ressonância nessas falas. Seguindo a direção dos temas levantados extraíram-se e organizaram-se trechos das narrativas como forma de orientar a problematização desses assuntos aqui debatidos. Cabe frisar, porém, a impossibilidade enquadrá-las em caixas isoladas e, portanto, apesar de a título de esquematização terem sido seccionadas, as narrativas se sobrepõem, se intercedem, ao falarem dos modos de vida dos territórios invisibilizados.

Segundo a ressonância de questões, essas narrativas urbanas foram organizadas nos seguintes temas:

- Caráter metropolitano dos movimentos
- Deslocamento na cidade
- Corpo transgressor: preconceito
- Direito à cidade pelos sujeitos marginais
- Direito à cidade e a questão do gênero
- Confrontamento luminoso e opaco
- Descaso com a periferia
- Silenciamento, invisibilidade e desigualdade
- Vida na periferia
- Tráfico de drogas e violência
- Apropriação dos espaços da cidade
- Pretos e pobres como estatística
- Violência: descrição e empréstimos
- Resistência e o Lugar da fala
- Manifestações artísticas na cidade
- Representatividade de um território e a responsabilidade do artista
- Críticas à academia e à objetificação dos territórios de pobreza

Debruçar-se sobre essas narrativas que trazem em sua construção questões tão importantes e pertinentes sobre a vida na cidade – sobretudo sobre o lugar da fala, do discurso, do silenciamento e do desejo de visibilidade – fez perceber sua capacidade em abarcar os questionamentos motivadores da pesquisa, já previamente colocados pela conflitante imagem da Cidade Presépio.

4 CAPÍTULO 3 – ESPAÇO URBANO DESIGUAL: A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

A cidade não pode ser definida unicamente a partir da dualidade de seus territórios luminosos e opacos; ela é múltipla, formada por diversos fragmentos, que se tocam ou se distanciam de formas distintas, às vezes de modo mais intenso e direto, outras vezes de modo precário, momentâneo ou mesmo inexistente. Pensar a cidade em sua multiplicidade, seus recortes e encaixes, passa pelo próprio processo de urbanização, usualmente ligado a fatores econômicos, que a configuram espacialmente de modo fragmentado e desigual.

Os espaços intraurbanos se diferenciam não apenas pela natureza das atividades que neles são desenvolvidas, como também pela profunda desigualdade dos espaços destinados à moradia das diferentes camadas sociais, distribuídos hierarquicamente pela cidade. A distribuição dos espaços destinados à moradia dos pobres e dos pertencentes às camadas média e alta da sociedade pode ser percebida não somente pelas características dos lotes, das construções e do planejamento urbano, mas também pelas diferenças no acesso aos serviços públicos de qualidade, à cultura, à cidade como um todo e ao sentimento de cidadania plena.

A segregação espacial por classes sociais é estruturadora das metrópoles brasileiras, segundo aponta Flávio Villaça (2009). O autor afirma que não se pode compreender ou explicar nenhum aspecto da sociedade, sem considerar a enorme desigualdade econômica e de poder político que a compõem. Dessa forma, o estudo da segregação socioespacial é importante meio para análise do espaço urbano, pois é essa a manifestação espacial da desigualdade e exclusão sociais que caracterizam muitas cidades brasileiras (VILLAÇA, 2011). O estudo desse processo de segregação é fundamental para a compreensão da estrutura intraespacial das cidades.

A segregação de que fala Villaça (2009, p.142) é entendida como um processo através do qual “diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole”.

Segundo o autor (2009, p.141) o funcionamento da sociedade urbana age sobre os lugares, transformando-os e adequando-os às suas exigências funcionais. Veem-se, dessa forma, as camadas mais altas da sociedade ocupando espaços que lhes são mais convenientes, segregando-se em determinadas regiões da cidade, e, dessa forma, agem sobre a dinâmica da distribuição dos espaços, classes sociais e funcionalidades, e fazem com que algumas áreas ganhem ou percam valor ao longo do tempo. Os espaços da cidade são transformados, dessa forma, pelo funcionamento da sociedade urbana. Nesse processo a segregação voluntária de uns (os mais ricos) provoca a segregação involuntária de outros (os mais pobres), seguindo a lógica da constituição social do país do “escravo e do senhor” (VILLAÇA, p.147).

A partir do estudo de metrópoles e grandes cidades brasileiras, Villaça (2009, p.150) conclui que “a segregação é um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço”. A demarcação do espaço é prática de poder, sendo assim, a apropriação de vantagens de localização do espaço por meio da segregação é o meio pelo qual a classe dominante exerce sua dominação e detém controle espacial, garantindo para si vantagens e recursos dos espaços urbanos produzidos social e coletivamente.

O processo de segregação espacial no Brasil tem raízes históricas. O início do sistema republicano data de 1889. Apesar disso, nunca foram efetivadas as reformas necessárias à construção de uma nação verdadeiramente democrática. Ao contrário, os esforços em direção à inserção do país em regimes produtivos e políticos da modernidade sempre foram realizados com a cautela da manutenção das hierarquias e segundo privilégios econômicos, políticos e sociais historicamente construídos de forma desigual. O marco legal da segregação socioespacial no Brasil data da promulgação da Lei de Terras de 1850²⁰, apenas duas semanas antes de

²⁰ Oficialmente, a Lei de Terras, instituída no Brasil em 1850, tinha como objetivo disciplinar a aquisição de terras no país. Entre 1822 e 1850, a aquisição de terras se dava pela comprovação da posse da mesma. Com a Lei de Terras, só se poderia adquirir terras no país por meio de compra, o que claramente levou à exclusão do acesso a terra os escravos e ex-escravos, os imigrantes e os trabalhadores pobres. Além disso, a Lei de Terras previa que quem houvesse adquirido terras por meio de ocupação deveria comprovar a posse da mesma, o que também foi um mecanismo de exclusão da população pobre que não dispunha de meios para fazê-lo. Por outro lado, contribuiu para a formação de latifúndios, grandes extensões de terras adquiridas ilegalmente por fazendeiros e posseiros que tinham meios de realizar as demarcações de suas terras e comprovar, mesmo que de forma fraudulenta, a posse das mesmas.

declaração do fim do tráfico negreiro para escravização. A lei restringia o acesso à propriedade de terra, até então legitimada pela ocupação e produção por homens livres, para a posse segundo critérios econômicos. De acordo com a lei promulgada a propriedade da terra seria, a partir de então, garantida mediante operações de compra e venda, inviabilizando acesso aos que não possuíam renda (PEREIRA, 2015). Afastada da possibilidade de propriedade da terra pelo mercado formal, uma grande parte da população é levada a ocupar parcelas de terra e edificações precárias do espaço urbano.

A instituição da Lei de Terras serviu para a reafirmação dos latifúndios e a manutenção do poder político e econômico dos grandes proprietários de terra. Algumas décadas após a promulgação dessa lei que legitimava a mercantilização da terra viria a ser abolida a escravidão no Brasil. A terra passa então a substituir o escravo na composição da riqueza da classe dominante, transformando-se em um importante instrumento de negociação. As mudanças do sistema econômico foram feitas para garantir a permanência do poder nas mãos daqueles que já o possuíam. As consequências dessa medida geram reflexos ainda hoje na produção do espaço e na crise urbana vivenciadas nas cidades brasileiras, visto que a concentração fundiária é uma realidade no país (PEREIRA, 2015).

Portanto, a Lei de Terras de 1850 divide a sociedade entre aqueles que possuíam terra e aqueles que sequer teriam meios para adquiri-las. Para um grande número de pessoas, restou a ocupação precária de terrenos sem infraestrutura, afastados do núcleo urbano ou ainda nas encostas de morros ou em áreas alagadiças, ou seja, a exemplo dos terrenos ocupados ainda hoje por muitas das comunidades mais pobres e favelas brasileiras. Desde o final do século XIX e durante todo o século XX, uma série de legislações foi promulgada proibindo a moradia precária, os cortiços e a ocupação em áreas de risco, sem que houvesse, porém, a efetivação de políticas de acesso à moradia e à terra, tornando, assim, irregulares e ilegais boa parte da população das áreas urbanas brasileiras. A ilegalidade dessa parcela da população, nesse contexto, torna-se funcional, pois a partir dela se sustentam relações políticas arcaicas, trocas de favores e clientelismos, com vistas à especulação imobiliária e à aplicação arbitrária da lei (MARICATO, 2002).

Como vimos, a exclusão e a segregação são estruturantes do processo de urbanização das cidades brasileiras, acelerado principalmente após a década de 1950 com as transformações na economia brasileira, passando de um país essencialmente agrário com uma população predominantemente rural, para uma ênfase à economia industrial. Embora a urbanização do Brasil tenha acontecido principalmente na segunda metade do século XX, com a abolição da escravidão e a chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX as cidades brasileiras já haviam experimentado um primeiro impacto de crescimento (MOASSAB, 2011).

Nas grandes cidades, principalmente as do sudeste, a população responsável pela densificação das periferias já existentes e a ocupação de novas áreas periféricas já não era predominantemente formada pelos moradores urbanos expulsos em obras higienistas e de embelezamento e modernização das áreas centrais. Ao final do século XX juntaram-se a esses os migrantes rurais, que tentando escapar da escassez econômica do campo, deparavam-se com os altos custos dos terrenos urbanos dotados de infraestrutura. Tratou-se de uma população pobre que via na migração para a cidade uma oportunidade de trabalho e sobrevivência, mas teve como alternativa de acomodação apenas os cortiços nas áreas centrais ou moradias precárias em áreas afastadas dos centros, além de representar um crescimento nas ocupações com caráter provisório e temporário (MOASSAB, 2011).

O processo de urbanização trilhou caminho semelhante na cidade de Vitória e arredores. O adensamento populacional e urbano teve maior intensidade a partir da década de 1970, fruto, principalmente das mudanças do sistema produtivo do Estado, já iniciado nas décadas anteriores. Data desse período um crescimento da atividade industrial, impulsionado pelo incentivo estatal como estratégia desenvolvimentista. O desenvolvimento industrial da Região Metropolitana de Vitória deu-se em paralelo às transformações no meio rural, gerando um grande deslocamento da população do interior em direção à capital Vitória (MENDONÇA, 1985).

O crescimento periférico da capital e região metropolitana já na metade do século XX está, dessa forma, intimamente ligado à crise do café (principal atividade econômica do Estado naquele então) e ao incentivo ao desenvolvimento industrial. A reestruturação do espaço agrícola com a substituição da cafeicultura de produção

familiar, por atividades extensivas com baixa necessidade de mão de obra teve como efeito um aumento da concentração fundiária e da migração campo-cidade, e uma consequente uma concentração populacional na capital (SIQUEIRA, 1995). As cidades e as atividades industriais em desenvolvimento já apresentavam uma importante atratividade, que somadas à crise no campo favoreceram as migrações e um crescimento urbano tanto ordenado, como desordenado e excludente (BARROS, 2010).

Os assentamentos informais são, portanto, resultado da legalização da concentração fundiária somada à frequente abstenção do poder público em apresentar alternativas sociais e assumir responsabilidade em prover moradia ao grande contingente miserável que chegava à cidade. Por meio de invasões e loteamentos clandestinos a população foi buscando formas alternativas e acessíveis de moradia. A ocupação desordenada de morros, mangues e baixadas (áreas alagadiças) caracteriza ainda hoje a expansão periférica dos municípios da Grande Vitória.

Esse modelo de desenvolvimento excluiu, portanto, as camadas de menor renda da participação dos avanços do país. Trata-se de um desenvolvimento urbano que institucionalizou um projeto moldado na segregação socioespacial, por meio do qual se produz um espaço urbano que não apenas reflete as desigualdades, mas as reafirma e reproduz (MARICATO, 2002).

O lugar de morada dos indivíduos exerce papel determinante para o exercício pleno da cidadania, permitindo ou não o acesso aos serviços públicos, saúde, educação, cultura, infraestrutura e trabalho. A exclusão social que gera a segregação socioespacial é reafirmada e reproduzida por essa, reservando à população dos espaços mais pobres uma inserção precária na cidade, que se desdobra no acesso integral e irrestrito a todas as suas partes atravessado por entraves físicos e simbólicos. Como relata a poesia:

Aqui é Tão Tão Distante
 Em Tão Tão Distante
 Havia uma favela chamada Perto Daqui
 Em Tão Tão Distante tinha tudo
 Saúde, educação, lazer
 Arte e cultura pros irmão
 Mas em Perto Daqui
 Não tinha saúde, não tinha lazer, não tinha educação
 Tinha muito enquadro de polícia, tiro e exploração
 Faltava arroz, faltava feijão
 Aqui é Tão Tão Distante

E Tão Tão Distante é perto daqui
(Slam Botocudos, 27 de abril de 2017)

A poesia, recitada em um dos eventos vivenciados no decorrer desta pesquisa, evidencia a dimensão do que é viver e sobreviver nos espaços urbanos reservados aos pobres. Os fragmentos de uma cidade múltipla e segregada, capazes de se tocar no que tange a proximidade espacial, se separam pela fronteira dura da prática do poder, onde realidades tão diversas são confrontadas de modo que a desvantagem de um se traduza na vantagem do outro. Na poesia, o Tão Tão Distante e o Perto Daqui dividem o espaço geográfico da cidade. A qualidade de vida almejada pela periferia – que inclui acesso à saúde, a educação, o lazer, a cultura, a alimentação, a segurança – parece estar muito distante, apesar de ser desfrutada logo ao lado. Essa narrativa retrata o modelo estrutural segregacionista das cidades brasileiras, frequentemente denunciado por aqueles que vivem a exclusão socioespacial.

Acompanham as falas a denúncia da violência sofrida cotidianamente nas periferias, pela presença opressora do Estado ou por sua indiferença ante a verdadeira guerra civil acontece em nossas cidades. Revela um inconformismo diante do tratamento desigual direcionado aos diferentes espaços urbanos. O documentário de João Salles “Notícias de uma guerra particular” (1999) que versa sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, expõe a ação violenta da polícia como participante estrutural do sistema de desigualdades. Em uma das cenas, o chefe da polícia civil do Rio de Janeiro, Hélio Luz, em depoimento gravado para o documentário, aponta a corrupção e a violência da polícia e seu papel na manutenção de uma sociedade construída sobre os alicerces da injustiça e da desigualdade sociais:

A polícia é corrupta. A instituição que existe foi uma instituição que foi criada para ser violenta e corrupta [...] A polícia foi feita para fazer segurança de Estado e segurança da elite. Eu faço política de repressão, em benefício do Estado, pra proteção do Estado [...] Mantém a favela sob controle. Como é que você mantém dois milhões de habitantes sob controle? Ganhando 112 reais, quando ganha. [...] Com repressão. [...] É polícia política mesmo. Isso aqui é uma sociedade injusta e nós garantimos essa sociedade injusta. O excluído fica sob controle... Ai dele que saia disso! [...] O questionamento é o seguinte: a sociedade quer uma polícia que não seja corrupta? É fácil, não é difícil não. E isso eu não to falando só de teoria não. Eu já trabalhei com equipe nossa que ia pra cidade do interior com 30 homens que não levavam grana. Os dois primeiros meses foram ótimos! [...] Aí um fazendeiro praticou um homicídio, foi autuado. Aí encrencou. Aí o que era bom já deixou de ser. Aí a gente coloca pra sociedade: há interesse na sociedade em ter uma polícia que não seja corrupta? Porque uma polícia que não seja corrupta vai ser que nem nos demais países. Você não para em local proibido, que o

cara chega lá e te aplica uma multa. Você não avança sinal. [...] Então a gente chega e atua na favela e atua no Posto 9, para de cheirar em Ipanema, vai ter mandado de segurança pé na porta na Delfim Moreira. [...] A sociedade vai conseguir segurar isso? A polícia chega e separa. Não são todos iguais perante a lei. Todos são iguais perante a lei dependendo de quanto cada um ganha²¹.

O depoimento de Hélio Luz expõe a diferença de abordagem que a polícia concede às camadas pobres e ricas da população, ao relatar que faz “política de repressão” para manter a favela “sob controle”, mas que o “pé na porta” não chega aos bairros de classe média alta do Rio de Janeiro. Ao falar sobre sua experiência na polícia e a existência de caminhos para uma polícia não corrupta, diz, porém, não ser do interesse da sociedade o tratamento igualitário em todos os espaços da cidade, mas, ao contrário, a garantia de uma sociedade injusta. A polícia se configura, dessa forma, como um instrumento de manutenção da segregação socioespacial, necessária à dominação, pelo tratamento diferenciado que concede às diferentes camadas sociais (MOASSAB, 2011):

Nós somos sentenciados e nem é no judiciário
Esse é o eco dos bueiros que invade o bairro nobre
Infelizmente lá também não sobem as tropas de choque
Só presta pra subir morro
Matar bandido que é pobre
Enquadrando morador
Forjando que vão apreender revolver
“Levanta a mão! Olha pra parede!”
(Gnom, Sarau Emprete-Sendo, 30 de maio de 2017)

Um homem comum
Mete uma ação
E fica na cadeia até virar carcaça
Um engravatado rouba uma nação
E a maior punição é ficar preso dentro da própria casa
(Projeto Boca a Boca, 12 de maio de 2017)

As poesias acima retratam o tratamento proporcional à desigualdade social e socioespacial, seja na forma como a força de segurança se apresenta ou na forma de punição que essa pressupõe. Medo para uns, segurança para outros, a polícia representa um instrumento de controle social do Estado contra a classe de “criminosos natos”, entenda-se, favelados, pobres, negros. Para essa população não lhe resta senão a defesa por meio das denúncias possíveis.

²¹ Fala de Hélio Luz em entrevista para documentário Notícias de Uma Guerra Particular. A entrevista completa está disponível no canal Youtube no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=aPhhNK8Fkxw>>.

E eles encheram a favela de pracinha
 Apenas pra facilitar o enquadro
 E boy nenhum pode falar de favela
 Pois ele não convive com a morte do seu lado
 (Sarau Emprete-Sendo, 20 de junho 2017)

A denúncia da presença violenta da polícia vem acompanhada de uma crítica ao tipo de urbanismo realizado nos territórios obscurecidos. A presença do Estado nesses espaços é precária e ineficiente. Em muitas ocasiões menciona-se a falta de saneamento dos territórios de pobreza, destacando a dificuldade ao acesso de água tratada e esgoto:

E eu tenho sede
 Mas não é mais de sangue
 Não é mais de sangue
 Só da água potável
 Que nunca chegou em cima do morro
 (Sarau Emprete-Sendo, 30 de maio de 2017)

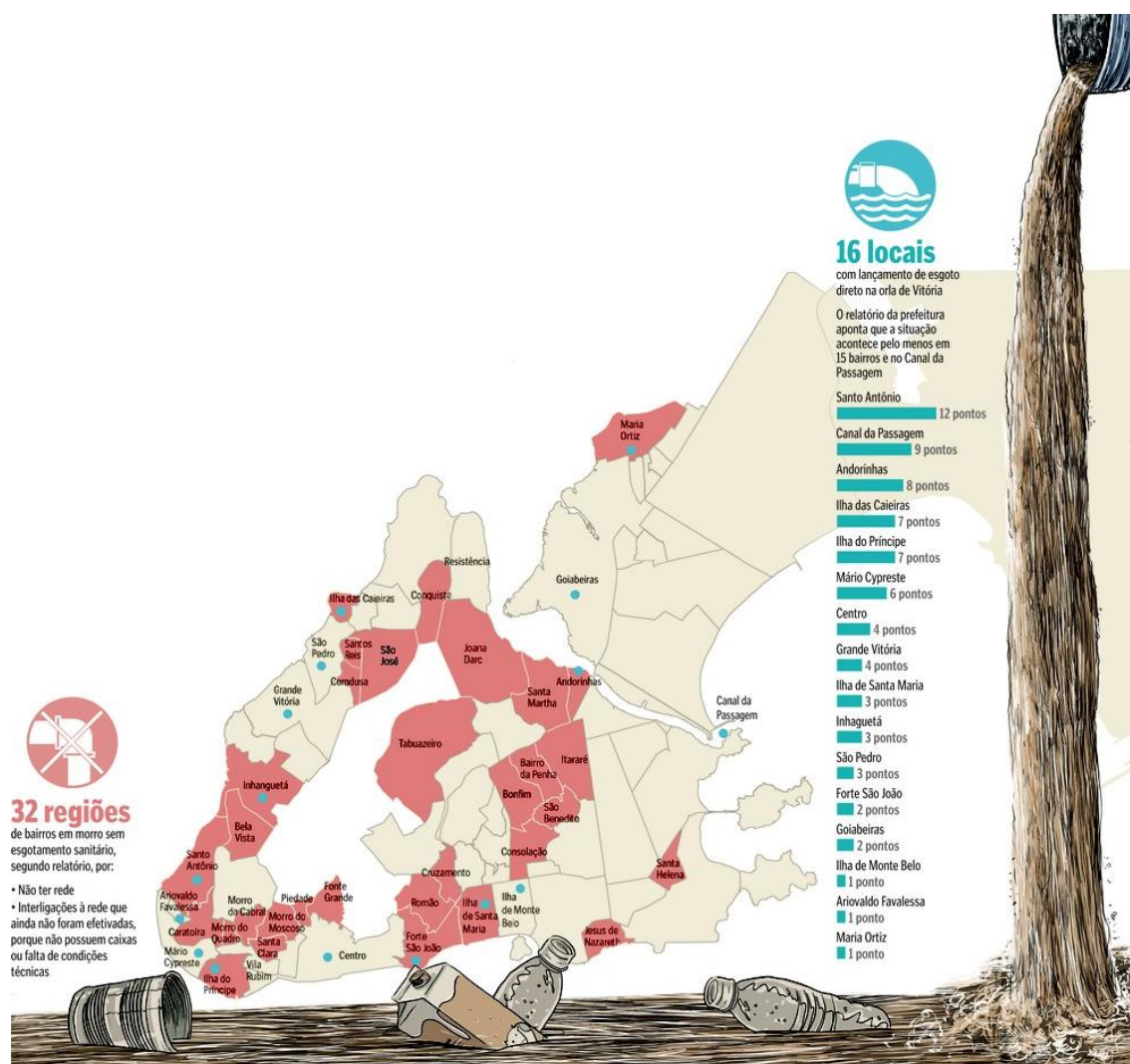
Aqui não tem a riqueza, mas tem a beleza de ser feliz
 Feliz, feliz
 Aqui o banquete nos faz das migalhas que o Estado fornece
 pra ser feliz
 Infeliz
 Rua de barro
 Morro
 Esgoto a céu aberto
 (Slam Botocudos/Sarau Emprete-Sendo, Casa da Barão,
 Centro, Vitória, 27 de julho de 2017)

Pois, a cada vez que eu vejo um buraco na minha favela
 Pros policiais não é buraco não
 É mais uma cova
 Pra implantar os meus
 Que foram jogados nesse lar chamado Brasil
 Onde se resolvem os problemas não só com palavras,
 diálogo
 Mas sim com fuzil
 (Sarau Emprete-Sendo, 20 de junho de 2017)

Segundo a Cesan (Companhia Espírito Santense de Saneamento), em 2016 o município de Vitória tinha 88,7% de cobertura da rede de esgoto, sendo aproximadamente 69,6% da população da capital conectada à rede. A empresa diz ainda ter 100% de abastecimento de água no município²². A situação no Estado do Espírito Santo, porém, mostra índices bem inferiores, com 77,3% de cobertura de

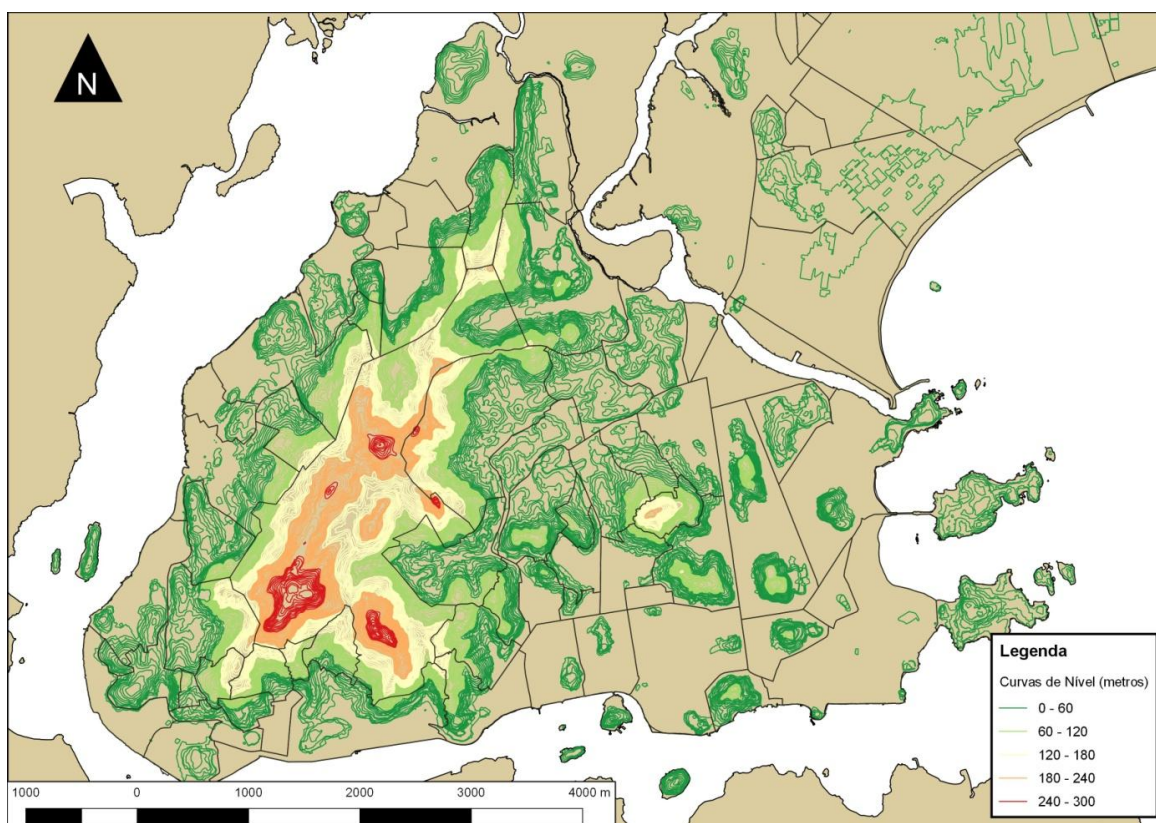
²² Matéria de 15 de maio de 2017, disponível no endereço eletrônico <<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/cerca-de-125-mil-ainda-jogam-esgoto-no-mar-de-vitoria.ghtml>>. Acessado em 23/05/2018.

esgotamento sanitário, segundo dados do IBGE e 87,1% de cobertura em abastecimento de água²³. Apesar de Vitória apresentar a melhor situação em rede de saneamento entre os bairros da Região Metropolitana, ainda está longe do ideal. Das regiões não atendidas pelo sistema de esgotamento sanitário da capital, 32 se localizam nos morros e bairros da periferia, principalmente da baía noroeste, como demonstra a imagem abaixo de um levantamento feito para reportagem e denunciam as narrativas periféricas:

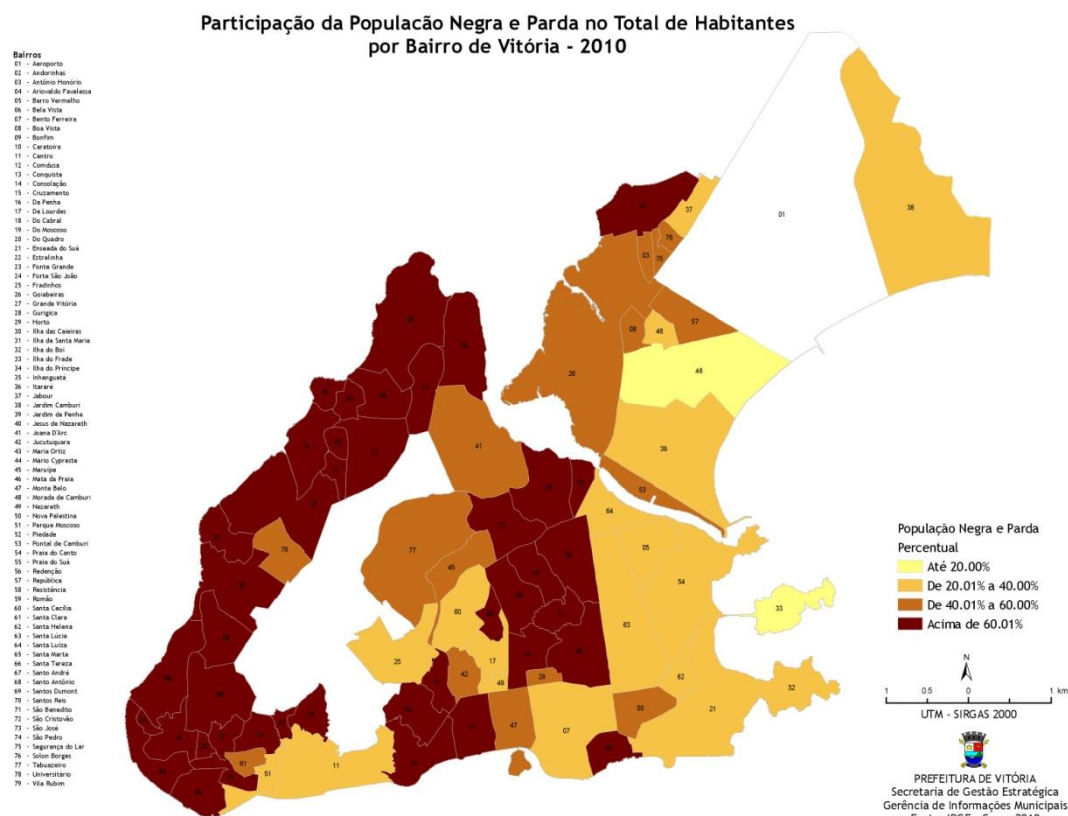


Mapa 4 - Mapa de Vitória indicando regiões sem cobertura da rede de esgoto e os locais de lançamento desse esgoto na orla da capital capixaba. Fonte: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/cerca-de-125-mil-ainda-jogam-esgoto-no-mar-de-vitoria.ghtml>. Acesso em: 23 mai 2018.

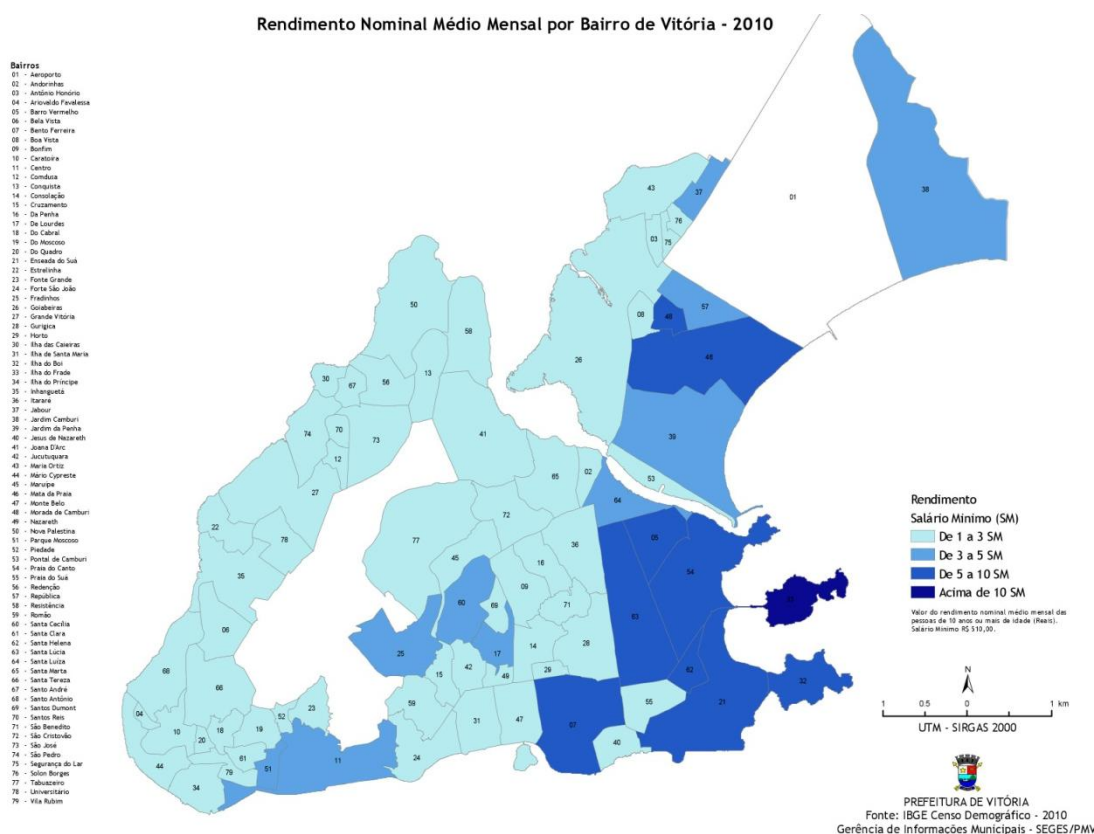
²³ Matéria de 17 de abril de 2017, disponível no endereço eletrônico <http://www.gazetaonline.com.br/cbn_vitoria/reportagens/2017/04/espírito-santo-e-quinto-em-saneamento-basico-aponta-pesquisa-1014045798.html>. Acessado em 23/05/2018.



Mapa 5 - Mapa Topográfico Altimétrico de Vitória. Fonte: Acervo Pessoal.



Mapa 6 - Participação da População Negra e Parda no Total de Habitantes por Bairro de Vitória 2010. Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória.



Mapa 7 - Rendimento Nominal Médio Mensal por Bairro de Vitória 2010. Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória.

As regiões onde o acesso aos serviços de saneamento básico e água são mais precários, como podemos observar pelos mapas, são também as áreas onde se situa a população com menor renda e onde há a maior concentração da população negra e parda da capital. Os mapas demonstram visualmente as consequências da conformação socioespacial desigual estruturante da cidade de Vitória, baseada na segregação à partir da concentração de terras das camadas altas da sociedade, e reservando aos pobres, negros e excluídos sociais o assentamento em áreas irregulares, de difícil acesso, carentes de infraestrutura e da presença do Estado.

A vida nesses espaços é narrada nas poesias marginais e nos reps, retratando a batalha pela sobrevivência cotidiana e as relações dentro das comunidades, colocando no campo do visível e dizível a luta em ser e existir na cidade desigual ocultada pelos instrumentos políticos e por discursos ideológicos que detém o domínio do espaço urbano.

5 CAPÍTULO 4 – O LUGAR DA FALA: A FORÇA POLÍTICA NA ESCOLHA DOS LUGARES OCUPADOS

O desejo de visibilidade faz buscar por meio de outras expressões estéticas posicionar-se politicamente ante o cárcere do silenciamento. A narratividade transborda as páginas de papel dos fanzines e perfis pessoais das redes sociais e ganha as ruas da Região Metropolitana. O formato oratório da palavra tem se espalhado pela cidade, não contrariando a lógica da visibilidade contemporânea, mas conformando-se como uma dobra nesse sistema, agindo taticamente para expandir territorialidades e reinventar espaços. Revolvendo as estruturas previamente definidas dos lugares, desmontam, reconstroem e reinventam, deixando nos espaços os rastros de sua existência.

O direito de ser, de ocupar, de circular e de existir na cidade é a todo tempo reivindicado nas narrativas e nos corpos periféricos. O corpo transgressor dos territórios de pobreza traduz em luta o ato de transitar pela cidade. Isto porque a distribuição hierárquica social de suas porções territoriais determina também a quem é ou não autorizado a circular e quais os espaços delimitados para esses ou aqueles grupos sociais. A presença indesejada insistente é resistência ante as tentativas de interdição e apagamento de sua existência.

Na cidade iluminada, aqueles que carregam em si as marcas dos espaços opacos sofrem, também, a investidas de sobreamento. São corpos-sujeitos tão ilegais quanto o território que habitam (PEREIRA, 2015). Extensões do seu território, sob esse signo são julgados, criminalizados e condenados.

Embora a análise do movimento corporal não seja o alvo desta pesquisa, encontrar-se com as narrativas marginais é encontrar também com o corpo periférico. Corpo esse que cria e ocupa espaços e narrativas. Os corpos-sujeitos-território periféricos experienciam e registram em sua corpografia²⁴ a cidade que lhes atravessa. É a cidade experimentada pela experiência dos sujeitos marginalizados que se quer

²⁴ Para Paola Berenstein Jacques, (2008) corpografia é “um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta”.

acessar. Deparar-se com o discurso marginal é confrontar-se com o grito mudo que carrega o corpo transgressor que, não quisto, circula os espaços da cidade.

A narrativa produzida e reproduzida no espaço é celebrada nos encontros da oralidade. Neles a palavra retoma sua função democrática emprestando-se a locutores não autorizados. A palavra torna-se arma nas mãos daqueles que enxergam na narratividade modos de garantir sua existência. A oralidade celebra ainda a prática tradicional de partilha de conhecimento. Liberta-se das páginas e ocupa os espaços com discursos contra-hegemônicos acessíveis, combatendo a produção de sentidos dominante.

A escolha dos lugares para a realização dos encontros que têm a oralidade como elemento central é política. Não apenas o ato de ocupar, mas a escolha em si é ato de resistência ante os fatores que regem a dinâmica urbana na metrópole, definindo limites e permeabilidades, quase sempre por outros sujeitos e outros corpos, distintos dos corpos-sujeitos-territórios periféricos. Ao resistirem à dinâmica urbana imposta, agem também sobre ela, traçando novos limites, redesenhando territorialidades. Contrapondo-se às práticas de poder a partir de seu interior, desmontam a distribuição das funções sociais dos espaços quando, na periferia, criam condições para manifestação cultural local ou quando tomam as áreas luminosas da cidade com cultura marginal.

Entre os grupos acompanhados no processo de pesquisa desta dissertação, a escolha dos lugares para a realização dos eventos foram regidas, principalmente, pelas seguintes questões: visibilidade; função social dos produtores de cultura periférica; mobilidade urbana e acessibilidade.

5.1 A POTÊNCIA DA PRESENÇA NA TOMADA DOS ESPAÇOS

Os movimentos de cultura periférica têm sido importantes instrumentos de resistência no Brasil. Tomando o exemplo do hip-hop e da literatura marginal, argumenta-se em favor de uma resistência contra as estruturas dominantes de poder, através do empoderamento das múltiplas vozes das periferias. Esse empoderamento tem como objetivo garantir modos de sobrevivência; é um compromisso emancipatório na direção de construção de uma periferia possível a partir dela mesma, por meio de cultura e narrativa próprias. (MOASSAB, 2011).

No processo de empoderamento das populações oprimidas, a conquista da voz e a desconstrução das relações de poder existentes passam, também, pela identificação dos espaços onde o poder se manifesta de maneira distinta, de modo que se tornem, eles também, terreno e palco de luta pela ressignificação simbólica²⁵, emancipação e contra o poder hegemônico (SANTOS, 2005). Os espaços estruturais de poder assim o são pela importante carga simbólica que lhes é depositada a partir de um acordo social em geral definido assimetricamente.

O espaço doméstico, um dos espaços estruturais de poder (SANTOS, 2005) tem sido nas últimas décadas objeto de problematização e politização pelo movimento feminista. A produção teórica do movimento traz como um dos pontos centrais de reivindicação o empoderamento feminino. Esse empoderamento decorre do questionamento das relações de poder estabelecidas, levando a discussão aos espaços domésticos, por exemplo, onde o poder é decorrente de um modelo patriarcal dominante nas sociedades ocidentais há séculos e tem desdobramentos diretos sobre a mulher e reflexos sobre a sociedade (SIMÕES *apud* MOASSAB, 2011).

²⁵ Peter Nas (2006) afirma que o simbolismo urbano é resultado de uma interação entre o “simbolismo oficial”, produzido pelas instituições oficiais ligadas à nação, e o “contrassimbolismo”, produzido em uma direção contrária ao discurso oficial. O simbolismo urbano é manifestado pelos rituais e símbolos, sendo os rituais ações que constroem um significado (por exemplo os comportamentos, costumes, normas), e os símbolos que referem a um valor extrínseco (por exemplo as estátuas ou nome das ruas).

Assim como, para o movimento feminista, o ambiente doméstico representa um espaço de poder estrutural, onde são travadas lutas por empoderamento e emancipação femininos, também na cidade há espaços estruturais de poder dotados de carga simbólica, cuja tomada representa resistência à dinâmica urbana imposta na distribuição das funções sociais dos espaços e apontam um caminho para a emancipação da população marginalizada. Entre eles figuram os espaços públicos (praças e ruas) e os espaços institucionais.

Sobre os espaços estruturais de poder, quando periféricos, o poder simbólico dominante atua deslegitimando, diminuindo; e quando pertencentes às áreas luminosas age limitando o acesso, impedindo, condenando a presença dos corpos-sujeitos-território periféricos nos espaços de poder desautorizados à sua corporalidade. A tomada desses espaços por movimentos contrários aos simbolismos definidos dota-os de novos sentidos. Sobre os espaços periféricos traz legitimidade, engrandece o território e a sua cultura, enquanto a tomada dos espaços da cidade formal faz dissolver as fronteiras que colocam às sombras os territórios obscurecidos, dá visibilidade aos corpos-sujeitos periféricos cuja existência é negada, autoriza o caminhar desses sujeitos interditados. Trava-se, então, uma batalha contrassimbólica que cobre de novos significados os espaços e os sujeitos pela narrativa e corporalidade.

A cultura marginal periférica tem desempenhado importante papel na disputa simbólica pelo espaço urbano. A partir da consciência da marginalização imposta sobre si e seu território, bem como da identificação dos espaços estruturais de poder, toma os espaços da cidade, periféricos ou não, dotando-os de novos sentidos criando novas territorialidades, reconstruindo contrassimbolicamente esses espaços.

O crescente número de eventos de cultura marginal na periferia dá-se pelo reconhecimento da rica produção cultural dos territórios periféricos, negada e criminalizada pelo discurso hegemônico, e da falta de espaço para a manifestação dessa cultura. Tomam-se, então, as praças e ruas das periferias em encontros de celebração da cultura produzida nas margens. Dessa forma, torcem a lógica que trata os territórios obscurecidos a partir da escassez e da falta, tornando-os espaços da manifestação de uma cultura própria legitimada a partir de dentro.

A realização de eventos em territórios periféricos não segue, porém, a máxima “levar cultura à periferia”, frequentemente adotada pelos setores públicos, que costumeiramente tratam os sujeitos e espaços periféricos como meros receptores. Ao contrário, os eventos se portam como promotores de espaço e oportunidade para a manifestação da cultura produzida em abundância na periferia em suas diversas expressões – rep, funk, samba, poesia, dança, grafite, etc. Promove, dessa forma, o encontro da própria periferia com sua produção e expande as possibilidades de trajetórias para sujeitos marcados pela predestinação imposta na distribuição dos papéis sociais pelo discurso hegemônico.

A apropriação dos espaços de poder das periferias pelos encontros da oralidade do hip hop e da literatura marginal são poderosos mobilizadores da população local. Os eventos, em geral, contam com grande comparecimento de moradores, principalmente de jovens, e contribuem para a construção de uma periferia possível em uma direção de existência ante ao sombreamento da fragmentação urbana. Não se enquadrando nos modelos comportamentais e territoriais impostos, subvertem simbólica e espacialmente a racionalidade dominante: é a periferia saindo da periferia (MOASSAB, 2011). Nas novas territorialidades criadas, nascem e circulam narrativas marginais que atribuem um sentido de periferia através de um discurso produzido nas próprias periferias, e não imposto ou exógeno. Os novos sentidos atribuídos aos espaços periféricos e seus sujeitos caminham na direção de uma nova construção simbólica, contrária à criminalização simbólica dominante, que de tão difundida é interiorizada e até as próprias vítimas dos estereótipos (pobres, periféricos, como exemplo) acabam por reproduzi-lo, ainda que ambigualmente (CALDEIRA, 2000).

O movimento de cultura marginal assume para si o papel de promoção de cultura nos territórios periféricos, devido à fragilidade e mesmo à ausência de ações do poder público nessa direção. No caso da capital Vitória, a grande maioria dos eventos culturais e dos espaços a eles destinados, encontram-se na parcela luminosa da cidade (Anexo II):

Equipamentos Públicos por Regional

Equipamento	Regional								Total
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	
Biblioteca Municipal Adolpho Monjardim	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Casa Porto das Artes Plásticas ¹	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Casarão Cerqueira Lima	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Centro Cultural Carmélia Maria de Souza ²	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Complexo Cultural Walmor Miranda (Sambão do Povo)	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música FAFI	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Espaço Multiuso Circuito Cultural São Pedro	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Estação Porto	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Memorial da Paz	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Museu Capixaba do Negro - Mucane	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Museu Manoel dos Passos Lyrio ³	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	6	2	-	-	1	-	2	-	11

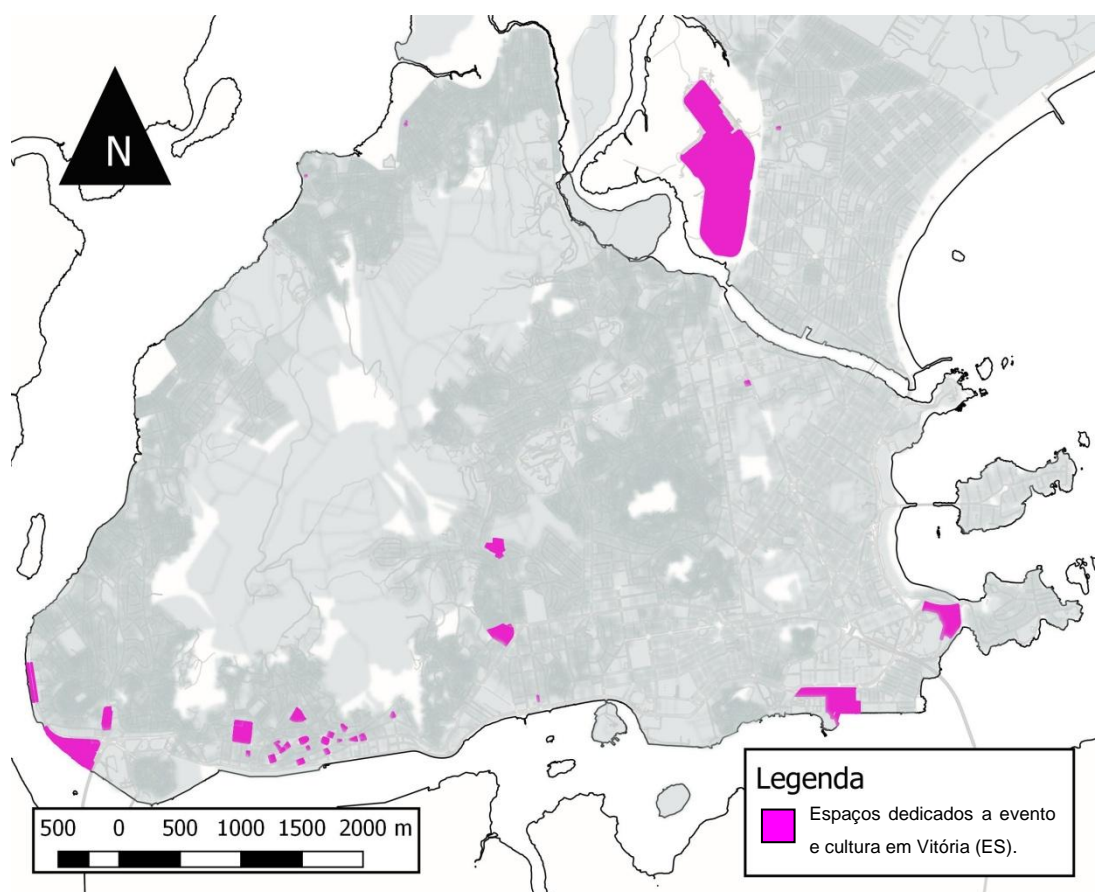
Nota:

¹ A Casa Porto das Artes Plástica está temporariamente fechada aguardando o início das obras de restauro. As funções administrativas e outras atividades ocorrem no quarto andar da sede provisória da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), cujos telefones são (27) 3132-5295.

² O espaço pertence à União e foi cedido à Prefeitura de Vitória, que atualmente o administra.

³ Museu Histórico da Ilha das Caieiras (Museu do Pescador).

Tabela 1 - Distribuição dos Equipamentos Públicos de Vitória (ES) por regionais. Fonte: http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_area/cultura/equipamentos.asp.



Mapa 8 - Localização dos espaços dedicados a eventos e cultura em Vitória (ES). Fonte: Acervo pessoal.

A quase ausência de espaços e iniciativas de cultura nos territórios obscurecidos restringe o acesso aos sujeitos e à cultura produzida nas margens. A presença indesejada, proibida e criminalizada é denunciada nos encontros da oralidade, como no fragmento da poesia abaixo:

Como Rincon, viva a ascensão do meu bloco!
 Diferente dos de cimento onde foram presos as correntes.
 Como Rincon, sarrem quem der permissão
 Diferente da de entrar em certos eventos
 Onde quem veste terno tem mais direitos que eu
 Onde quem vive inferno bota a culpa em Deus
 Onde a culpa de tudo que acontece no mundo, é culpa dos meus
 E, o que que a gente fez?
 O que que a gente fez além de resistir, existir e coexistir com essa nação de
 “isso é meu”?
 (Trecho de poesia recitada no Sarau Emprete-Sendo no Núcleo Afro
 Odomodê no dia 18 de abril de 2017)

A narrativa transcrita contrapõe o tratamento desigual direcionado aos sujeitos periféricos em relação aos sujeitos legais (“quem veste terno”). A desigualdade exposta ultrapassa a interdição do caminhar e acessar espaços desautorizados à sua corporalidade. Ela alcança a assimetria na distribuição dos direitos que elege como critério a territorialidade e classe social desses corpos-sujeitos. São corpos-sujeitos-território condenados por existirem e coexistirem em um espaço urbano regido por um discurso capitalístico que preza seu apagamento.

No modelo de cidade regida pelo discurso capitalístico, as relações de poder se constroem a partir de interesses de partes na relação. Pautam-se, portanto, na parcialidade da distribuição de direitos, resultando em desigualdades materiais e não materiais, como educação, cultura, participação e oportunidades (SANTOS *apud* MOASSAB, 2011). As desigualdades no lugar ocupado pelos pobres na sociedade são reforçadas no trecho da poesia exposta repetidamente nos eventos:

A escola pública é sucateada pelo Estado
 Só que o normal na escola dos *boy* é ter ar condicionado
 Passeio deles é museu e teatro
 Só que pra filho de pobre é só procurar os trabalho
 Sem nunca conseguir porque não tem experiência
 Se eu tenho então um antecedente
 Eu vou tá preso mesmo sem cumprir a pena
 (Trecho de poesia recitada no Sarau Emprete-Sendo no Núcleo Afro
 Odomodê no dia 18 de abril de 2017)

A consciência da desigualdade nas relações sociais, assentadas em diversas formas de opressão (racial, social, territorial, de gênero, etc.) provocam a insurgência emancipadora dos oprimidos, tão relacional como o poder contra o qual ela insurge.

São relações que se desenvolvem no interior das relações de poder, em direção a uma transformação social e em vistas a um mundo com menos desigualdades hierarquizantes, discriminatórias e opressoras. São as resistências que agem no interior da estrutura de poder tensionando o espaço entre a luta por igualdade de direitos e pelo reconhecimento e valorização das diferenças (SANTOS *apud* MOASSAB, 2011).

A condição social e geográfica dos pertencentes aos espaços opacos narra seu destino, faz carregar em si o retrato de “bandido potencial” e torna incoerente sua presença nos espaços de cultura formal, que geralmente nega ou desconhece as práticas culturais dos territórios obscurecidos. A resposta a essa interdição revela-se, por vezes, de forma agressiva em um confronto direto entre as partes. Usualmente, porém, dá-se de maneira indireta por meio da escolha dos locais e dias para realização dos encontros da oralidade marginal.

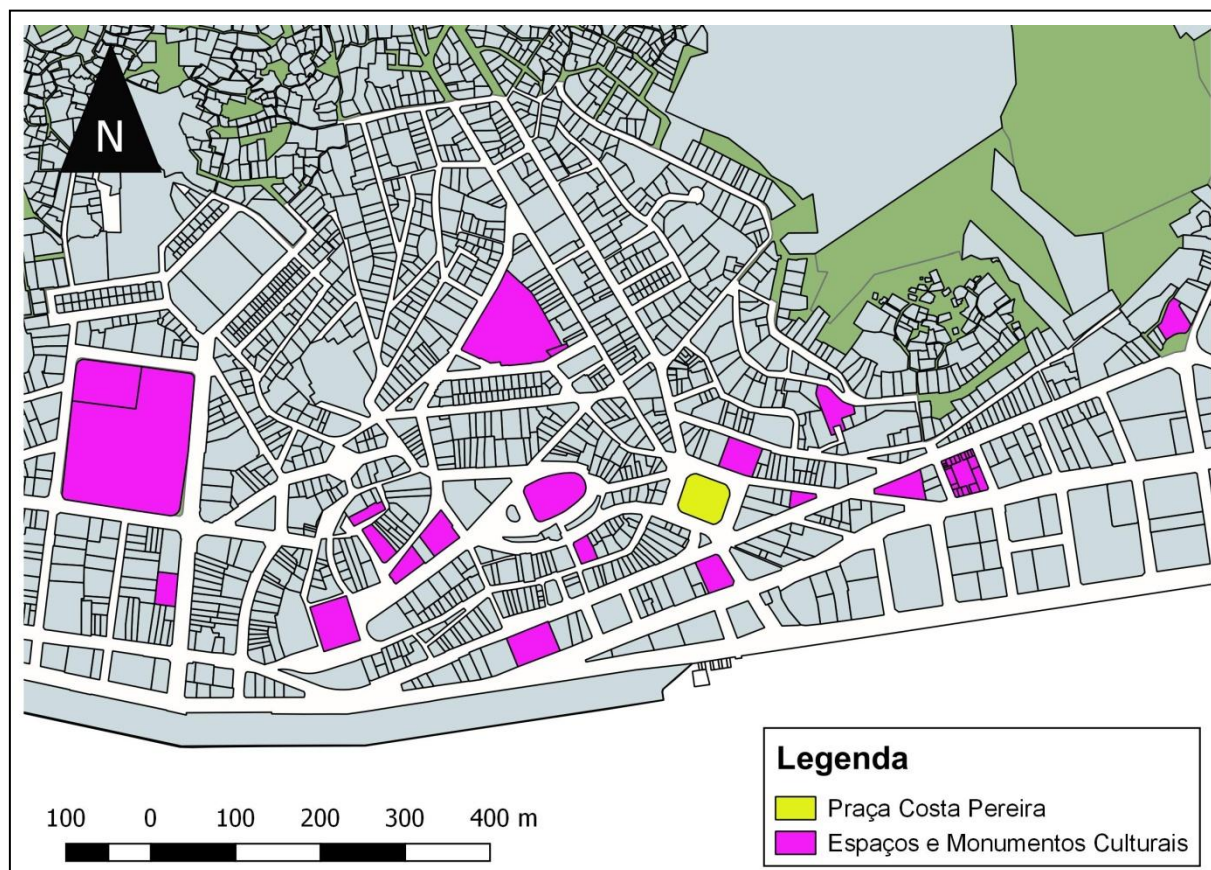
A Grande Vitória abriga atualmente numerosos eventos de cultura marginal, entre os quais figuram os encontros da oralidade acompanhados, representados pelos saraus de literatura marginal, por batalhas de rep e *slams* poéticos. Esses eventos acontecem quase diariamente em diferentes pontos da Região Metropolitana, normalmente em localidades fixas, embora alguns sejam itinerantes. A escolha dos locais onde acontecerão os eventos de cultura marginal é regida tanto por fatores internos quanto externos, que se cruzam e se atravessam, gravitando principalmente nas questões de legitimidade, visibilidade e acessibilidade.

Além do papel de promotor cultural assumido por muitos dos coletivos de cultura marginal, que se responsabilizam pela realização de eventos e ações culturais nos espaços periféricos, a ligação e compromisso dessas organizações coletivas com seu território de origem são importantes fatores na definição dos espaços onde esses eventos acontecerão. O compromisso com o local é, muitas vezes, registrado inclusive na alcunha dos coletivos e eventos organizados, representando o território de origem do grupo ou onde os encontros acontecem, como: Batalha do Estacionamento (no estacionamento do Horto de Maruípe, em Vitória), Batalha da Orla (em Jacaraípe, na Serra), Batalha da BR (em Viana), Batalha do Barrão (em Barra do Jucu, Vila Velha), Batalha da Ponte (sob a Terceira Ponte, em Vila Velha), entre outros.

Além das batalhas de rep, é comum que os saraus e os slams de poesia aconteçam em lugares fixos. No caso dos slams isso se deve, principalmente, ao fato de desempenharem um papel de representação de uma localidade em competições vão do nível municipal, ao mundial. É o caso dos slams de poesia que acontecem na Grande Vitória que, ainda pouco numerosos, representam o município nas competições estaduais, quando tratam pela oralidade a narrativa dos espaços periféricos.

No processo de campo desta pesquisa, foi acompanhado o *slam* Botocudos, que acontece mensalmente no largo que liga a Rua do Rosário e a Praça Costa Pereira, entre o Teatro Carlos Gomes e o antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), no centro de Vitória. Esse evento exhibe o confronto indireto entre a cultura formal e informal e o desejo de visibilidade dos territórios obscurecidos. A escolha da Praça Costa Pereira no centro da capital passa por fatores que figuram desde a facilidade de acesso, ao desejo de visibilidade e à contraposição entre as diferentes formas de expressão cultural: a vista e legitimada; a invisibilizada, estereotipada e negada.

A Praça Costa Pereira configura-se, hoje, como o principal centro de cultura de Vitória, acolhendo o Teatro Municipal Carlos Gomes, o Centro Cultural Sesc Glória, conectando-se ao Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), e apresentando proximidade a uma série de monumentos do centro histórico da capital capixaba. A praça é também um dos principais espaços de manifestação da capital e região metropolitana, carregando importante carga simbólica que lhe atribui o papel de espaço estruturante de poder. A realização do *slam* Botocudos no espaço paralelo ao Teatro, muitas vezes concomitante a um evento no mesmo, revela um esforço de fazer-se visível e audível, seja de forma direta por meio da força de sua presença e de sua voz (gritos sinalizando aplausos e saudações que atravessam as paredes do Teatro e tornam quase palpável a disputa pelos espaços da cidade), ou de forma indireta, pelo prolongamento das disputas, que incitam curiosidade e apresentam-se como um convite àqueles que se interessam por estender a noite cultural. A presença é temporária e muitas vezes nublada pela desconfiança, mas deixa rastros de existência dos territórios trazidos nos corpos dos participantes.



Mapa 9 – Localização da Praça Costa Pereira, dos espaços de cultura e lazer e dos monumentos históricos do centro de Vitória. Fonte: Acervo pessoal.

Há ainda um esforço pela ocupação dos espaços institucionais. O Ocupa *slam*, por exemplo, trata da ressignificação dos equipamentos públicos do município de Vitória como uma de suas bandeiras. Apesar de suas poucas edições, ocupou os espaços institucionais do Centro de Referência da Juventude de Vitória (CRJ) e do Museu Capixaba do Negro (MUCANE). Mais acessíveis que outros espaços institucionais, esses foram também frequentemente utilizados em outros eventos, quando foram ressaltadas repetidas vezes a necessidade e a importância de a voz e o corpo da periferia apropriar-se desses espaços, reinventando-os, utilizando as fissuras do sistema para fazer emergir as narrativas dos territórios marginais.

Assim como o Ocupa *slam*, o Sarau Quebrando o Silêncio organizado pelo Coletivo Literatura MarginaLES, fomentador de muitos dos movimentos de cultura urbana marginal da região metropolitana, a partir do ano de 2016 seguiu a trilha de ocupação dos espaços institucionais. O sarau que tem como premissa “divulgar as artes concebidas no seio da periferia e quebrar o silêncio imposto aos grupos

marginalizados”²⁶ se coloca como o espaço de diálogo entre a multiplicidade de vozes e manifestações culturais dos territórios periféricos. Por meio da ocupação dos espaços institucionais reclama direito à fala, à visibilidade e à participação daqueles usualmente colocados à margem do sistema. O último Sarau Quebrando o Silêncio de 2016 foi realizado, inclusive, em uma ocupação estudantil Agenor Roris, em Vila Velha, declarando apoio aos estudantes contra a PEC 241, MP746 e PL193 e o esforço em fazer sua voz ser ouvida.

O Sarau Emprete-Sendo, realizado mensalmente na Escadaria Jayme Figueira, em frente ao Núcleo Afro Odomodê, no limite entre o bairros Centro e Fonte Grande, assume outro formato de ocupação. Organizado pelo núcleo de formação social, foi o único dos eventos acompanhados a ser organizado por um equipamento institucional. O Sarau acontece no espaço exterior à instituição, o tomando como extensão da mesma. Realiza-se *entre*, derramando-se para dentro e para fora. Seus participantes se espalham pelos degraus da escadaria usando-a como arquibancada, enquanto outros se apresentam no patamar que une ladeira e escadaria e permite acesso de veículos à vizinhança. À porta do Núcleo são dispostas caixas de som e decora-se a rua com o varal de personalidades negras ou ilustrações do dolorido passado de escravidão. Em muitas ocasiões, as falas remetem ao espaço como um quilombo, onde os sujeitos negros e periféricos ocupam o lugar de centralidade e são livres para se expressar. Como expressa o trecho da poesia declamada no encontro, reproduzida a seguir:

Mas vê se, mão branca, presta atenção
Ouve bem esse recadinho
Será que tu ainda não aprendeu que pra pisar em quilombo
Tem que ser devagarinho?
(Sarau Emprete-Sendo, 30 de maio de 2017)

As falas acontecem de forma incisiva e intensa, exaltando a cultura negra e periférica e denunciando a violência simbólica sofrida rotineiramente. Em algumas ocasiões, no entanto, ao se referirem à repressão policial, o tom escolhido é o de confiança, por receio à perseguição e à violência. A disputa simbólica, em algumas ocasiões, faz-se visível, em demonstração de força ou pela imposição do silêncio, com o acionamento do Disk Silêncio. A presença incômoda dos sujeitos periféricos

²⁶Texto de descrição do evento na rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1038650372871636/>

por vezes é respondida com violência, como no avançar do carro do morador vizinho ao Odomodê em direção aos participantes do Sarau em performance. A tentativa violenta de seu silenciamento é, porém, respondida com gritos, música e poesias *free-style*. Mais uma vez a narrativa surge como modo de sobrevivência de sujeitos e modos de vida que sofrem repetidas tentativas de apagamento.



Figura 7 - Sarau Emprete-Sendo de 18 de abril de 2018. Fotografia de Diego Miranda Cavaleiro Andante. Fonte: Fanpage do Núcleo Afro Odomodê na rede social Facebook.



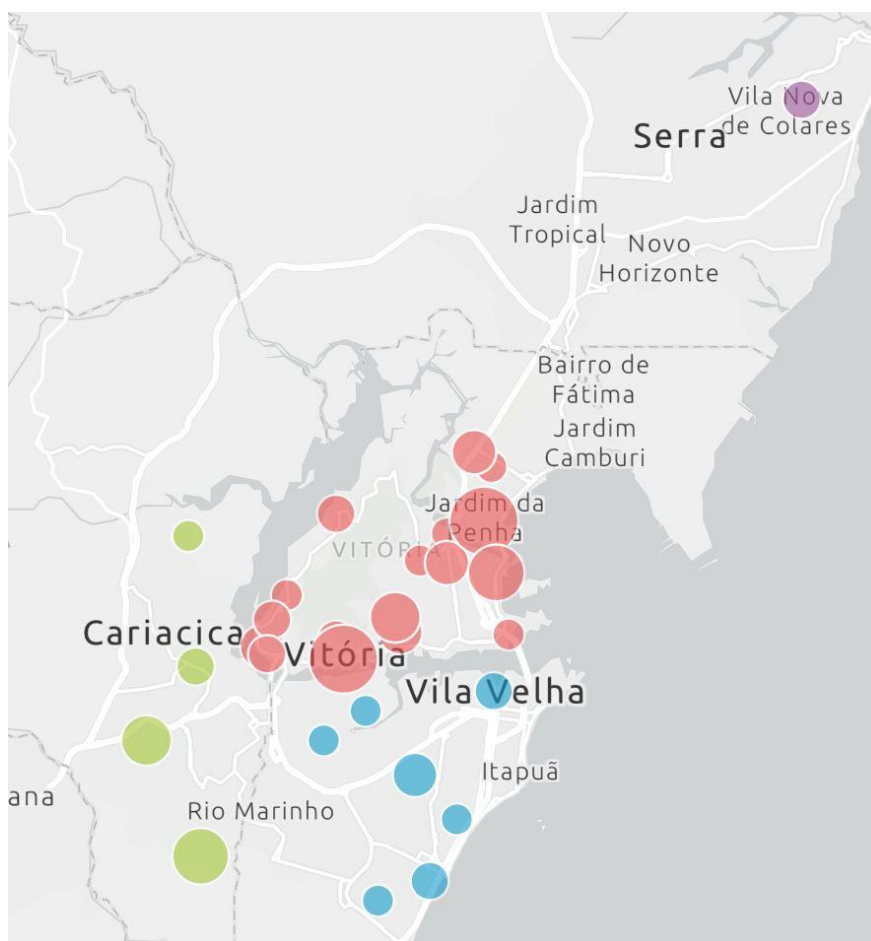
Figura 8 - Varal de personalidades e referências negras no Sarau Emprete-Sendo (Rosa Parks, Carolina Maria de Jesus, Yasmin Thayná, Djamilá, Conceição Evaristo, entre outros). Fonte: Fanpage do Núcleo Afro Odomodê na rede social Facebook.

5.2 A MOVIMENTAÇÃO DOS CORPOS PERIFÉRICOS PELA REGIÃO METROPOLITANA

Diferentemente dos Slams e Saraus de poesia acompanhados pela pesquisa, as batalhas de rep organizadas pelo Projeto Boca a Boca (PBB) possuem caráter itinerante, circulando pelos territórios obscurecidos promovendo cultura nos bairros periféricos da Grande Vitória. O PBB traça como objetivo o empoderamento das populações marginalizadas pela arte e pela cultura urbana, estimulando o desenvolvimento de um pensamento crítico e à participatividade na sociedade, construindo alternativas possíveis frente às dificuldades enfrentadas cotidianamente nos territórios periféricos²⁷. O projeto se utiliza do hip hop como ferramenta para mobilização e transformação, em prol valorização da produção cultural periférica, do empoderamento de suas múltiplas vozes e da criação de espaços para circulação das narrativas marginalizadas. Mais frequente que os outros eventos acompanhados, o PBB realiza batalhas semanalmente em diversos bairros da Região Metropolitana. A escolha dos locais para os eventos passa não apenas pela organização, havendo frequentes consultas aos participantes a partir de enquetes no grupo e *fanpage* do Coletivo na rede social Facebook.

Malgrado o projeto de realização de eventos culturais nos bairros periféricos, usualmente excluídos do cenário cultural da Região Metropolitana, a escolha dos locais é atravessada também por outras questões. O Projeto Boca a Boca, assim como os demais projetos e eventos acompanhados no processo de pesquisa, possui caráter majoritariamente metropolitano, devido à origem difusa de seus organizadores e participantes e ao perfil itinerante do projeto. Apesar disso, entre março de 2016 e fevereiro de 2018, teve 72% de seus eventos realizados na capital Vitória, sendo os demais distribuídos entre os municípios de Vila Velha e Cariacica, 13% em cada, e apenas 2% na Serra. Dos eventos realizados em Vitória, quase 71% aconteceram em bairros não periféricos, grande parte deles no centro da capital (Anexo 1), conforme demonstra o mapa de concentração:

²⁷ Descrição da missão do projeto na *fanpage* oficial do Projeto Boca a Boca na rede social Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/pbbcontato/about/?ref=page_internal



Mapa 10 - Mapa de concentração dos eventos do Projeto Boca a Boca (março de 2016 a fevereiro de 2018) demonstrando a maior quantidade de eventos na capital Vitória. Fonte: Acervo pessoal.

Os dados coletados provocaram inquietações com relação aos motivadores das escolhas dos locais dos eventos e ao significado dessas ocupações: o que quer dizer a eleição da capital Vitória como principal ponto de realização desses encontros? O que significa a maioria deles acontecer em bairros não identificados como periféricos? Por que a escolha do centro da capital como local de acontecimento da maioria dos eventos?

A cidade de Vitória desempenha um papel central na dinâmica urbana da região metropolitana. Além de ocupar o cargo de sede administrativa do poder Estadual, acolhendo as principais instituições de poder do Espírito Santo (Sede do Governo do Estado, Assembleia Legislativa e Secretarias), a capital tem grande importância no cenário cultural, acumulando a realização de boa parte dos eventos de cultura em seu território e portando-se como uma vitrine no que diz respeito ao contexto

capixaba. A realização dos eventos de cultura marginal em Vitória opera taticamente dentro do sistema que veste de legitimidade os acontecimentos na capital.



Figura 9 - Projeto Boca a Boca Especial na Praça Costa Pereira no Centro de Vitória, em 05 de janeiro de 2018 (ES). Fonte: Acervo pessoal.

A luta por visibilidade dos territórios obscurecidos faz necessário, por vezes, expor-se. Desta forma, é imperioso tomar os espaços luminosos da cidade com a sombra de luz própria dos territórios periféricos, infringindo a ordem de distribuição de espaços e sujeitos, travando no espaço público batalhas em favor do direito à voz, à existência e à participatividade dos territórios marginalizados. O espaço é, então, tomado por movimentos que lhes são estranhos, fazendo emergir narrativas silenciadas que revelam histórias apagadas, práticas sociais deslegitimadas e um cotidiano desvalorizado pela imposição de valores vindos de fora (MOASSAB, 2011).

A ocupação privilegiada de bairros de classes média e alta segue, portanto, a lógica da visibilidade, em um confronto direto de legítimo e ilegítimo, visível e invisível. No caso de Vitória, os eventos realizados nos espaços públicos dos bairros de classes média e alta, especialmente Jardim da Penha e Praia do Canto foram acompanhados por olhares de curiosidade e desconfiança. Seja pela concentração de jovens negros e pobres, seja pela musicalidade ou pelo tom dos discursos

proferidos, a presença daqueles corpos-sujeitos-território causava estranheza aos frequentadores usuais e moradores, ao revelar uma cidade desconhecida e fazer gritar a existência de territórios negados.

Como visto, na distribuição das localidades dos eventos foi o Centro da capital a mais frequente escolha dos grupos acompanhados. A realização dos encontros no Centro da cidade passa também pelo desejo de visibilidade e pela legitimação, principalmente por essa localidade representar também o grande centro de cultura da região. A importância do Centro de Vitória remonta, ainda, ao seu histórico papel como *locus* estrutural urbano. Assim como em outras grandes cidades, a área central metropolitana concentrava a maior parte dos serviços e empregos, a partir dos quais se organizava também a dinâmica de transporte (GONÇALVES, 2010). No caso do rep, expressão do movimento hip hop, a relação com o Centro remonta os primórdios do movimento, quando muitos dos pioneiros do *break*, em sua maioria jovens moradores das periferias, trabalhavam no centro e aproveitavam o fim da jornada de trabalho para dançar no Parque Moscoso (TORREÃO, 2014).

A mobilidade urbana e acessibilidade são, também, fatores limitadores e determinantes na definição dos locais de encontro. A localização geográfica de Vitória em muito contribui para que seja a cidade onde se realizam a maior parte dos eventos. Os quatro principais municípios da Grande Vitória conectam-se por meio de rodovias e pontes, sendo Vitória o único deles a ligar-se com todos os demais. Isso faz da capital o local mais central e acessível aos participantes que advêm de todas as partes da região metropolitana.

Embora o centro de Vitória não mais exerça um papel de centralidade das atividades econômicas da Grande Vitória, ainda é um dos principais nós de transporte urbano da região metropolitana, se tornando, portanto um lugar de alta elegibilidade para as programações de cultura urbana pela facilidade de acesso. Passam pelo centro da capital, atualmente, 88 linhas de ônibus, sendo 40 da frota municipal e 48 ônibus seletivos e do sistema Transcol²⁸. A grande oferta de linhas de ônibus torna-se um facilitador ao acesso a partir de diversos pontos da Grande Vitória. Por motivos semelhantes são escolhidos outros bairros não periféricos da cidade. A oferta de

²⁸ Os itinerários e horários dos ônibus estão disponíveis nos sites da CETURB e da Viação Grande Vitória, respectivamente: <https://ceturb.es.gov.br/> e <http://sistemas.vitoria.es.gov.br/pontovitoria/>. Acesso em: 04 jun. 2018.

transporte público, em geral, é muito superior à que existe na periferia, facilitando o comparecimento mais expressivo de participantes.

Os ônibus municipais e intramunicipais são ainda a única alternativa de transporte público urbano da Região Metropolitana e representam o principal meio de locomoção dos participantes dos eventos acompanhados e dos moradores das periferias de um modo geral. Os longos percursos na travessia das cidades são narrados em diversas falas, como na poesia musical #Educamor de Diego Cavaleiro Andante no álbum #IssoAquiNãoÉRap: “E sobe o morro, atravessa a ponte ou passa o terminal. Periferia, não existe nada igual”.

Fazendo parte da vida cotidiana dos sujeitos periféricos nos deslocamentos pela Grande Vitória e nas viagens desde as periferias, os ônibus são mencionados em muitas narrativas nos encontros da oralidade e nas produções literárias:

Inspiro expiro inspiração, tentando escrever algo espremido no busão...

[...]Horário difícil, sem acomodação, pés se queimam de ficar em pé, calos crescem nas mãos, segura aê irmão que tá na guerra do dia-a-dia na esperança que não aumente de novo essa tarifa. Uns ouve funk, outros paga de Donald Trump, uns manda bomb para que a viagem não se prolongue escreve seu nome, uns dorme outros come e o plano de mobilidade urbana some.

(Nogueira, 2015, p.20)

[...] Mas a gente estava no busão e no busão, vocês sabem, vão fluindo algumas coisa. E essa poesia que eu criei no busão é uma mistura dos meus pensamentos com uma música da Academia de Berlim que fala do mar, fala da amada.

(Sarau Emprete-Sendo 20 de junho de 2017)

Falo pela periferia
Tá ligado que eu vou pro corre todo dia
Levando um pouco de poesia e literatura pro busão
Não é vacilação, irmão
Eu nem pulo a roleta
Eu colo com o motorista
Eu vou trabalhar
Mostrando um pouco da arte da comunidade
Assim eu mostro respeito e capacidade
(Unir-Versos, 25 de outubro de 2017)

Como denunciado no primeiro trecho narrativo destacado, o sistema público de transporte urbano da Grande Vitória tem um funcionamento precário e limitado. A

grande quantidade de linhas que atravessam o Centro, conforme se distanciam do mesmo se tornam cada vez mais escassas. Somado ao fato de não ser um transporte público multimodal, mas inteiramente constituído por ônibus, tem-se uma frequência de circulação que não atende o grande contingente populacional dependente desse transporte, estando, por isso, sempre com alta lotação apesar do valor cobrado na tarifa, como narra o trecho da poesia abaixo:

Já às sete atrasado
Entro no latão todo apertado e reparo
Ali todos estão estressados
(CONCEITO, 2016, p.42)

O horário de circulação e funcionamento dos terminais de ônibus são também definidores dos eventos. A maioria das linhas de ônibus circula apenas no período de 5:00 às 23:00 horas. Em Vitória circulam apenas duas linhas de ônibus noturno do Sistema Transcol (567 e 568) e uma linha municipal (130), com tempo de espera mínimo de uma hora e meia. A preocupação com o deslocamento dos participantes para distantes localidades periféricas da Grande Vitória, muitas vezes envolvendo baldeação nos terminais de ônibus, acaba se tornando definidor do horário de término dos encontros. Conforme descrito no trecho no relato da pesquisadora registrado no Sarau Emprete-Sendo:

Além das falas poéticas, via-se uma preocupação com o alongar do encontro, principalmente pelo deslocamento dos presentes, alguns de lugares distantes do centro de Vitória, como do centro do município de Serra, e outros de Cariacica. Preocupação devida, especialmente à precariedade do deslocamento na região metropolitana, com poucas linhas de ônibus (única opção de transporte público), limitada em horário e insegura, por isso sempre advertindo os participantes que procurassem grupos para partirem juntos.
(Sarau Emprete-Sendo 20 de junho de 2017)

Em alguns momentos, faz-se necessário, inclusive, a suspensão dos eventos antes de seu término, devido à preocupação com a interrupção da circulação dos ônibus. Por isso, apressam-se as falas e interrompem-se discussões, coibindo a escrita de territorialidades e narrativas devido à distribuição e locação precária da população periférica. Em certa ocasião, da realização do V Avalanche Festival de Artes na Praça Costa Pereira, no Centro de Vitória, foi necessário o encerramento da batalha de MC's do Projeto Boca a Boca, que acontecia dentro da programação do evento, antes que chegasse à etapa final.

A precariedade do serviço do sistema público de transporte acaba por ser definidor da escolha dos locais dos encontros da oralidade, sendo motivo de, em muitas ocasiões, serem escolhidos espaços próximos, no interior e concomitantes aos eventos de interesse dos participantes. Desta forma, evita-se o deslocamento tardio, em um horário de funcionamento reduzido, ajustando-se ao sistema e torcendo seu funcionamento, que tenta dificultar e proibir sua presença nos espaços. Somado à dificuldade em conseguir transporte noturno, tem-se o fato de muitas vezes ser necessário esperar a passagem de várias conduções até que alguma pare. Isso, porque, devido às marcas periféricas em seus corpos (cor, falas e vestimentas) são, pela violência simbólica, registrados como “criminoso potencial”. A violência simbólica do estereótipo desdobra-se em preconceito e desconfiança, que tem como resultado a dificuldade e coibição do circular dos corpos-sujeitos-território periféricos.

6 CAPÍTULO 5 – O CORPO-SUJEITO-TERRITÓRIO ILEGAL

6.1 A REIVINDICAÇÃO DOS ESPAÇOS DA CIDADE

Na tomada dos espaços reivindica-se o direito de ser, de habitar e circular na totalidade da cidade, que trata a presença do sujeito que traz em si as marcas de seu território. Vistos como intrusos, a indesejabilidade da presença negra e periférica é registrada em diversas ocasiões. Repetidas vezes nos saraus e batalhas de rep ouviu-se recitar a poesia cujo trecho vem destacado abaixo:

Eu sou *made in* favela
 E bato no peito
 Vou em forma de poesia
 Buscar todos os meus direitos
 Direito de andar
 Até de andar
 Direito até de falar
 Direito até de deixar a minha preta sambar
 Direito de ter o direito de trabalhar
 De andar na rua e ninguém me regular
 (Trecho poesia recitada no Slam Botocudos de 27 de abril de 2016)

A reivindicação do direito de circular livremente nos espaços, como exposto nessa poesia (“direito de andar, até de andar”), se repete em muitas outras falas e poesias nos encontros que celebram a oralidade. Reivindicam esse direito ao falarem dos olhares incomodados que sua presença provoca, os vidros fechados, o pânico em segurar seus pertences e, principalmente, as frequentes batidas policiais ao simplesmente se moverem pela cidade por trazerem em seus corpos as marcas do território de origem, se tornando um extensão do outro.

Elisa Larkin do Nascimento (2003, p.237), aborda em seu livro uma ocorrência de interdição do caminhar datado já de 1930, em São Paulo:

O chefe da polícia paulista proibiu a tradição do *footing* na Rua da Direita, no centro de São Paulo, um importante evento social da comunidade afrodescendente que tinha lugar aos domingos. Negociantes brancos, donos das lojas dessa importante artéria comercial, insurgiram-se contra essa presença negra no seu território, e o delegado Alfredo Issa baixou uma portaria que baniu tal atividade social dos negros.

O *footing*, termo do inglês que significa “caminhar”, era corriqueiro nas cidades brasileiras. O evento social era realizado principalmente por jovens que, utilizando as melhores vestes, aproveitavam-se da ocasião para verem e serem vistos e para o

flerte. A prática era comum a todas as classes sociais, mas foi o incômodo caminhar de negros pela importante rua comercial que passou por proibição.

Se em 1930 viu-se a proibição do *footing*, em 2013 acontecem atos de repúdio e reações violentas à presença de grupos de jovens negros e pobres em espaços elitizados, em eventos que ficaram conhecidos como “rolezinhos”. Rolês ou rolezinho são expressões que passaram a nomear encontro de jovens, convocados nas redes sociais, em shoppings da cidade de São Paulo. O termo rolê é bastante conhecido na maior parte do Brasil, sendo sinônimo de passear, transmite, portanto, a ideia de circulação, seja pela cidade de modo geral ou por algum ponto específico dela. Nos eventos anunciados nas redes sociais, os encontros eram descritos como ocasião para encontrar amigos, conhecer pessoas, paquerar e zoar. Apesar de serem encontros de lazer, a presença numerosa de jovens periféricos, em sua maioria negros e notadamente vinculados à estética do *funk*, trouxe desconforto a lojistas e frequentadores dos shoppings que, sentindo-se ameaçados, acionaram a polícia que agiu com truculência à presença desses consumidores indesejados. Esses jovens tiveram sua presença criminalizada a partir da negação do direito de acessar e circular espaços da cidade, especialmente os elitizados ou localizados em áreas nobres.

Apesar do distanciamento temporal e das dessemelhanças contextuais, a proibição do *footing* e do rolezinho se aproximam no que diz respeito ao cerceamento da livre circulação universal dos sujeitos sociais por toda a cidade, garantindo em certos espaços acesso a uns enquanto proíbe ou mesmo criminaliza a presença de outros. O discurso midiático – que opera, em geral, a favor do discurso hegemônico –, inclusive alimentou posicionamentos contrários à presença desses sujeitos periféricos nesses espaços ao noticiar os eventos como arrastões, ligando mais uma vez a estética cultural periférica representada, nesse caso, pelo *funk* a eventos criminosos. O discurso vinha acompanhado de imagens de aglomerações de adolescentes seguidas de correria no interior do centro comercial e de revistas policiais.

Apesar da repercussão negativa, outros rolezinhos foram marcados em diferentes shoppings das cidades, inclusive como questionamento às normativas autoritárias dirigidas às expressões populares, com toda a carga de racialização, mas também

como modo de se fazer visível na cidade por jovens marcados pela distinção corpórea-territorial de direitos (COSTA; BARBOZA, 2016).

O discurso midiático, ao definir os encontros como arrastões, ao mesmo tempo em que estigmatizava jovens pobres de periferia como bandidos, contribuía para a justificativa da ação violenta da polícia. A definição de arrastão surgiu no Brasil entre os anos 1989 e 1990 através da cobertura midiática sensacionalista a respeito de episódios que aconteceram no Rio de Janeiro, nos quais grupos de jovens pobres moradores de favelas reuniam-se nas praias da cidade. É por definição uma manifestação descrita como uma ida coletiva a espaços de aglomeração resultando em confusão e saques em série. A terminologia se expandiu, porém, em 1992, ao ser usado para nomear o tumulto causado no confronto entre grupos rivais de *funk* carioca em uma praia da Zona Sul (BARBOZA-PEREIRA, 2016). Foi a partir desse episódio que o *funk* chegou aos noticiários, já como algo negativo e associado à criminalidade, como aconteceu e acontece com a maioria das manifestações culturais de origem popular e, principalmente, de origem negra, como o samba, a capoeira, o hip-hop, etc:

Aconteceu com a capoeira, hip hop, samba, funk e religião
 Repressão, reclusão, demonização
 Ditadura e pouca inclusão
 Tudo que vem de África o sistema rejeita
 (Projeto Boca a Boca, 12 de maio de 2017)

Em texto sobre a ida de meninos pobres a um shopping de Porto Alegre (RS) para comprar roupas de grife, Rosana Pinheiro-Machado (2014) descreve como o consumo de determinados itens pela população periférica é visto com desconfiança e preconceito. A vertente “ostentação” do *funk* foi a principal incentivadora dos rolezinhos nos shoppings centers. Originária dos bairros periféricos de São Paulo, a nova vertente atenua e praticamente substitui as temáticas do popular funk proibidão, que envolvem crimes, drogas e sexo, por referências ao consumo, marcas de roupas, carros e bebidas e como alcançar o sucesso e a ascensão social por meio da música. A autora descreve que, para esses jovens, frequentar tais espaços representa uma forma de afirmação e reconhecimento, e para tal escolhem as melhores roupas como tentativa de visibilidade. Ainda que com o intuito de consumo, sua presença era tida com desconfiança e receio de que algo fosse roubado. A ideia de distinção e manutenção de privilégios que acompanha as elites e não permite efetivas reformas políticas e sociais, parece querer também atuar sobre o consumo,

de modo que se mantenha a estratificação social e hierarquização entre as classes (PEREIRA, 2015).

A presença de sujeitos que trazem em sua corporeidade as marcas de seu território de origem, seja na pele, nas roupas ou na atitude, ainda que a título de consumo, é vista com desconfiança e como indesejável. Semelhantemente ao ocorrido em 2014, entre fevereiro e abril de 2018, por ocasião da exibição do filme *Pantera Negra* nas salas de cinema brasileiras, foram organizados novos rolês. O filme produzido pela Marvel tem direção e produção negras, assim como 90% do seu elenco, e gerou apenas nos quatro primeiros dias em cartaz U\$ 235 milhões²⁹, expandindo o debate sobre a carência da representatividade negra nas grandes telas, TV e teatro.

Por todo o Brasil, foram programadas idas coletivas aos cinemas para assistir um dos poucos e mais recente filme que tem como protagonistas atores negros, retratando uma sociedade do continente africano a partir da ótica do superdesenvolvimento tecnológico e heroísmo. Eram grupos formados por amigos, a partir de convocações em eventos nas redes sociais ou da mobilização de instituições e/ou indivíduos para formar “excursões” que levassem menores de idade de “quebradas” ou turmas escolares a partir de doações e parcerias. Independentemente do caráter constituinte dos grupos, estes eram formados majoritariamente por pessoas negras e moradoras de periferias e favelas. As excursões ao cinema, em sua maioria dentro dos grandes shoppings centers do Brasil, tinham como objetivo o consumo do filme e de outros produtos que o centro comercial tem a oferecer. Sua presença despertava, porém, olhares desconfiados e em muitos casos a companhia de uma escolta policial, como narrou a repórter Juliana Gonçalves que acompanhou um dos grupos ao cinema do Shopping Leblon, na zona nobre do Rio de Janeiro. Um dos integrantes do grupo ressaltou, inclusive, a localização desse shopping, situado próximo a uma série de comunidades. Entretanto, ainda assim sua presença é incômoda e tratada como “diferente, exótica”, como declarou uma senhora branca ao observar o grupo de quase 50 pessoas.

²⁹ Dados presentes na reportagem de Juliana Gonçalves ao jornal The Intercept. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/02/21/pantera-negra-shopping-leblon/>. Acesso em: 22 de mai. 2018.

Pela internet foi lançada uma ação viral chamada #BlackPantherChallenge (Desafio Pantera Negra) desafiando pessoas de todo o mundo na arrecadação de fundos para levar crianças e adolescentes de condição financeira limitada para assistir a sessões do filme em cartaz. O Coletivo Di'Versos Somos Todos, na Grande Vitória, participou do desafio iniciando uma campanha de arrecadação e ajuda que culminou na ida de quase 70 jovens e crianças de periferia a uma sessão de cinema do filme Pantera Negra no Shopping Vila Velha. Semelhantemente ao Shopping Leblon, o Shopping Vila Velha é situado em um contexto urbano de intensos contrastes sociais que contrapõem o luxuoso centro comercial e uma das maiores universidades particulares da Grande Vitória a uma população residente no entorno em uma realidade de pobreza e apagamento. O animado grupo de jovens foi, entretanto, acompanhado pela vigilância dos funcionários do shopping, como demonstra a imagem abaixo que reproduz o relato de uma postagem em rede social de uma das organizadoras do evento.



Figura 10 - Postagem em página pessoal de uma das organizadoras do rolê no Shopping Vila Velha, denunciando as atitudes dos funcionários do estabelecimento ao se depararem com o grande número de jovens periféricos.

A postagem traz denúncias sobre atitudes discriminatórias em relação ao grupo. O comportamento da equipe de segurança e do cinema revela uma tentativa de constrangimento à sua presença mediante a vigilância constante e o tratamento como suspeitos ou bandidos. Como afirmou um dos usuários frequentes do local revelando indignação perante um comportamento que comparou com o de estar “supervisionando presidiários”, ou seja, condenando de antemão os sujeitos e a territorialidade que levavam consigo.

Bandido, bandido, bandido
O moleque ouviu antes mesmo de crescer
(Trecho de poesia recitada no Projeto Boca a Boca do dia
12 de maio de 2017)

As reações à presença periférica nos shoppings centers assemelharam-se às aquelas de 2014 em relação aos rolezinhos de funk. A tomada de espaços que cerceiam o acesso universal de indivíduos versou como um dos impulsionadores à organização de idas coletivas a lugares, como esse, que tem como conduta a rejeição e a condenação prévia do público de periferia. No caso do Rio de Janeiro e o rolezinho no Shopping Leblon, foi destacado por um dos entrevistados o fato de que mesmo com a presença de muitas favelas no entorno do shopping, a presença de moradores desses bairros causa estranheza aos usuais frequentadores do centro comercial, maioria branca e da elite carioca, sendo importante haver iniciativas como essa para romper a hierarquização do espaço e, mais que isso, trazer visibilidade àqueles cuja existência é negada ou ignorada, ainda que tão próximos. Na sessão de comentários em um dos *posts* de divulgação do rolezinho em Vila Velha ressalta o desejo de manifestar-se a favor de um espaço acessível também à periferia: “Vamos fazer um ‘rolezinho’ no shopping e incomodar aqueles que acham que aquele lugar também não é pra ser nosso!”³⁰.

Os shoppings centers são espaços privados anunciados como públicos, apresentados, de certo modo, como um universo protegido dos conflitos urbanos e dos contatos indesejados, servindo apenas ao consumo e lazer (Padilha *apud* BARBOSA-PEREIRA, 2016). Uma pesquisa multidisciplinar sobre dois shoppings ingleses revelou que o discurso de propaganda para afirmá-lo como um espaço familiar, diz menos respeito ao desfrute de famílias e mais ao encontro entre iguais,

³⁰ Postagem de Diego Cavaleiro Andante em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/Diegorodriguesmiranda/posts/1301895696623369>) em 22/02/2018.

sem estranhamentos ou sustos. O shopping center se apresentaria, então, em oposição à rua, aos medos e ao convívio indesejado. O centro comercial, a partir de seus mecanismos de controle, elege seu público formado por uma classe média e alta branca, ao mesmo tempo em que aponta os “outros” que deixaria de fora, impedindo o contato indesejado ou ao menos minimizando-o (Miller et al. *apud* BARBOSA-PEREIRA, 2016).

Os shoppings representam o modelo segregacional urbano atentado por Tereza Caldeira (2000). Segundo a autora o sentimento de insegurança vinha sendo construído antes mesmo de a violência alcançar os patamares atuais, por meio da imagem de empreendimentos imobiliários que justificasse um estilo de morar e viver monitorado por aparatos de segurança e separado do espaço urbano. Nessa construção, a violência e o discurso sobre ela são utilizados como o contraponto do desejo e como tudo aquilo que se deseja afastar.

A esse discurso sobre a violência a autora chama de “fala do crime”, o qual passa pelo senso comum, é difundido pela mídia e se pauta em “simplificações e estereótipos para criar um criminoso simbólico que seja a essência do mal” (CALDEIRA, 2000, p.348). Essa construção discursiva do crime divide o mundo entre bem e mal, criminalizando determinadas categorias sociais. A busca por segurança em meio a um espaço urbano caótico e violento foi uma das motivações para a construção dos shoppings centers no Brasil. E essa segurança não incluía a presença de jovens, negros, pobres e de periferia frequentando esses espaços. Em caso de uma ocupação indesejada, a resposta vem com violência e interdições dos indivíduos e do território que representam.

Ainda que a discriminação contra a periferia no Brasil tenha muita ligação com a classe (direcionada aos pobres e ao seu território), não anula o preconceito racial que impõe sobre negros pobres e periféricos, uma dupla carga discriminatória (MOASSAB, 2011). Também é o balizador que define o grau de cidadania de cada um desses sujeitos. Segundo Milton Santos (1996, p.7) a cidadania não se aplica a todos igualmente, onde alguns almejam serem cidadãos e outros querem estar acima da cidadania, por meio de privilégios. É a díade o corpo-território, portanto, que demarca a existência e define os lugares dos sujeitos na sociedade (PEREIRA, 2015). Como afirma a poesia recitada no Sarau Emprete-Sendo:

A ciência da chibata
 Tem em suas mãos
 Condições de concluir o necessário
 Pela cor da pele de quem não é cidadão
 Até que se prove o contrário
 (Sarau Emprete-Sendo, 18 de abril de 2017)

Embora sob um mito democrático racial, as relações sociais ainda trazem vestígios daquelas que outrora existiam. Remontando o passado de escravização, essas relações se estabelecem, ainda que de modo menos evidente, desumanizando o sujeito, expropriando seus direitos, criminalizando o seu corpo e seu território e formulando discursos legitimados que operam na direção da sua desqualificação (PEREIRA, 2015).

Aos corpos-sujeitos negros e periféricos são impostos o permitido e o vetado nos espaços da cidade, criminalizando sua presença e seu caminhar. Gabriela Leandro Pereira (2015) relembra em sua tese de doutorado os argumentos usados por Domingues Alves Branco Moniz Barreto, capitão de infantaria, em 1817, na publicação “Memórias sobre a Abolição do Commercio da Escravatura”, alarmando a população sobre os riscos de “vadiagem” caso não fossem tomadas as devidas providências antes do encerramento da escravidão. Azevedo (*apud* PEREIRA, 2015, p. 115) relata que para Moniz Barreto, era preciso:

[...] deixar tempo para que o Estado estabelecesse uma coação policial sobre os escravos que se alforriassem. A partir disto, os libertos disporiam da liberdade apenas para trabalhar “segundo a sua vocação”, mas nunca para vagar “sem destino útil e honesto” (pp.31-2). Evidentemente o que era útil e honesto ficava a cargo do Estado definir.

A livre circulação do negro na cidade é relacionada, no relato acima, à vadiagem, sendo sua presença, portanto, tratada como caso polícia. Como afirmam frequentemente os sujeitos da pesquisa acompanhados: “Pai de família não marca até tarde na rua”. Embora a citação de Azevedo faça referência a um período pré-abolição da escravatura, o tratamento criminoso à presença negra e periférica se repete, como visto no caso dos rolezinhos. A denúncia do mito da democracia racial e da manutenção das relações que depositam sobre o corpo negro o tom de ilegalidade é conscientemente abordada nas narrativas marginais, como diz a música #RelatosDaVida, de Diego Cavaleiro Andante:

A vida não imita a tela
 Durán mostra as mazelas
 De um povo que vive as sequelas
 Desde o tempo colonial, depois imperial
 E hoje de uma democracia puramente artificial

As histórias contadas nas narrativas dos territórios periféricos do rap e da literatura marginal buscam, ao mesmo tempo, o reconhecimento de uma identidade a partir de dentro e a exposição para a sociedade, a partir do seu próprio ponto de vista, de uma imagem de si e dos problemas do mundo. Reconhecendo diferenças e particularidades entre as muitas periferias, buscam exaltar a cultura produzida na periferia e apontar para a marginalização social e territorial a que são submetidos. Ainda que exista uma forte identidade com os territórios de proveniência, as narrativas marginais não são formadas somente por demandas locais ou pontuais. Narram todas as periferias, mesmo que do ponto de vista de casos particulares, fomentando a luta por melhorias na qualidade de vida desses territórios e a luta por visibilidade. Há uma importante tentativa de positivação da vida nos territórios de pobreza, numa construção identitária do periférico e do negro. Reconstroem, assim, a história nacional, dando destaque aos heróis negros e desnaturalizando a escravidão imposta a eles e aos índios (MOASSAB, 2011).

O tema que apresenta maior presença e ressonância nas narrativas marginais é o da violência policial, sempre atravessado por abuso de poder, racismo, humilhação e extorsão. A violência sofrida pelos corpos-sujeitos-território periféricos recebe destaque nos encontros da oralidade seja pela insistente menção, pelas reações que provoca ou pelo reflexo doloroso da realidade nos territórios obscurecidos e daqueles que carregam em si as suas marcas. Nas narrativas dos grupos marginalizados é frequente a menção da cor da pele como critério que autoriza a imposição da polícia, geralmente de forma abusiva e inquestionada:

Me param constantemente
Tenho cara de crime
Questionam quais são os meus antecedentes
Pacientemente explico
Tráfico pó...esia regularmente
(Diego Cavaleiro Andante, #Profundamente)

Pra polícia eu sou o suspeito padrão
Ela é o padrão que mata o suspeito
(Diego Cavaleiro Andante, #IssoAquiNãoÉRap)

A presença e a violência policial são frequentes no cotidiano dos moradores periféricos. A criminalização do corpo sujeito não se restringe à sua presença apenas fora do seu território designado, mas pela criminalização do seu território sofre a violência e o seu apagamento. A abordagem narrativa tem, portanto, tom de

denúncia contra uma violência sofrida cotidianamente pelos moradores das periferias e bairros pobres. A polícia não frequenta esses espaços para a proteção dos moradores, como denuncia a poesia:

Pois quem é pago para nos proteger
Sobe a favela com mais ódio no coração que o próprio
Kraken
E julgam ser falta de atitude
Eles estão chegando a ser rudes
E eu não peço a Deus malandragem
Só peço a Ele que acabe com o extermínio da nossa
juventude
(Sarau Emprete-Sendo, 20 de junho 2017)

A narrativa compara a presença policial à de um vilão de história em quadrinhos, questionando as investidas de violência por aqueles cuja designação seria a proteção da população. Historicamente, a força policial brasileira surgiu para defender os interesses das elites e do Estado. A origem da polícia no Brasil data do final do período colonial, com o objetivo de conquistar o território, manter o controle e expandir os domínios territoriais com finalidades econômicas, políticas e sociais, assegurando a empresa da colonização (Sodré *apud* MOASSAB, 2011). Apoiados no discurso de manutenção da ordem pública, segundo o contexto histórico de cada momento, vigiam e controlam camadas subalternas da população. A ação repressiva sempre foi a tônica da ação policial, que busca inimigos a serem combatidos, seguindo uma filosofia de guerra (Lima *apud* MOASSAB, 2011). As classes consideradas perigosas eram submetidas a um rígido controle social pelo Estado envolvendo detenções ilegais, prisões arbitrárias, torturas e maus tratos. Os pobres e marginalizados sociais sempre foram os principais alvos dessa violência institucional. Esta sofreu mais denúncias e ganhou visibilidade quando atingiu a classe média no período do regime militar. Com o fim da ditadura e o restabelecimento da democracia, a força repressiva abusiva da polícia voltou a ter como alvo as classes pobres.

O período de formação da polícia brasileira coincide com o crescimento das teorias de racismo científico no mundo, pertencentes à corrente jurídica positivista. O positivismo ganhava espaço no campo jurídico, substituindo o pensamento classicista e transferindo a atenção do direito penal do crime para o criminoso, pautando-se no determinismo social. O projeto de desqualificação dos pobres ganha legitimidade a partir de um discurso respaldado cientificamente (MOASSAB, 2011).

Um dos principais representantes do positivismo jurídico, o italiano Cesare Lombroso (1835-1909) defende em seu livro “O homem delinquente” (1876) a determinação biológica dos comportamentos, baseando suas afirmações em dados antropométricos, detalhando características físicas e morais dos tipos criminosos. Para Lombroso, o “criminoso nato” poderia ter identificada em sua anatomia a sua condição hereditária de criminalidade. À teoria de Lombroso somaram-se outras, embasando práticas de controle social visto que a origem do crime não estava no livre-arbítrio, mas “no resultado previsível determinado por múltiplos fatores (biológicos, psicológicos, físicos e sociais) que conformam a personalidade de uma minoria de indivíduos como ‘socialmente perigosa’” (ANDRADE, 2003, p.66, grifos do autor).

Embora já em declínio na Europa, nas últimas décadas do século XX os pensamentos ligados à antropologia criminal e à corrente jurídica positivista chegam ao Brasil. O médico legista e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, inspirado nas ideias de Lombroso, foi um dos principais influenciadores do positivismo jurídico no país. Autor de estudos e teses de cunho fortemente racista como “Mestiçagem, degenerescência e crime”; “Antropologia patológica: os mestiços”; e “Os africanos no Brasil”, o médico defende uma superioridade cientificamente comprovada da raça branca no que tange o desenvolvimento mental e intelectual, culpabilizando a presença de negros e de descendentes de civilizações pré-colombianas pela inferioridade brasileira como povo (BUONICORE apud MOASSAB, 2011).

Apesar de desvalidadas nas décadas posteriores, essas teorias ainda permeiam a sociedade. Pela naturalização desses pensamentos dividiu-se a sociedade entre sujeitos “normais” e “anormais” ou “perigosos” (ANDRADE, 2003, p.67), o que resultou em práticas de controle social até hoje observadas. Atualmente o tipo criminoso no Brasil é o pobre, negro e morador de favelas e periferias.

O bagulho eu vou gritar, mas bem baixinho porque o bagulho é doido, tá ligado? Vou gritar contra os poliça e os menor da favela, tá ligado? Que acha que preto, pobre e favelado é um bandido em potencial. Então é isso. Esse é o bagulho. Não vou gritar alto porque o bagulho é doido e muitas vezes a gente sofre perseguição da polícia aí, sacou? Então o bagulho é doido mesmo!
(Sarau Emprete-Sendo, 18 de abril de 2017)

O que se testemunha no Brasil é um movimento de criminalização da pobreza a partir de uma associação direta entre esta e violência. Segundo Adorno (apud

MOASSAB, 2011), há uma predisposição e maior rigor punitivos do Estado com relação à delinquência cometida por indivíduos pobres, negros e migrantes. A criminalização da pobreza e a ação violenta do Estado sobre uma parcela da sociedade estereotipada como inimigos, sob a prerrogativa da “manutenção da ordem” é há muito denunciadas nas narrativas dos territórios marginalizados.

Eu acho muito legal
 Eu acho que isso é um amor
 Vocês me acham uma gracinha
 A tia lá debaixo me acha amedrontador
 É tão engraçado
 Eu vendo papéis escritos REVOLUÇÃO
 Mas os mesmos que me acolhem
 Correm ao me ver com o celular na mão
 Estilo favela, estilo quilombo
 Chinelo embaixo do braço
 Camisa no ombro
 Bora pra praia
 Descemos do Quadro
 Chegando na Ilha
 Mais outro enquadro
 Disseram que meu lugar não é na faculdade
 Não, meu lugar é na cadeia, na verdade
 (Sarau Emprete-Sendo, 20 de junho de 2017)

Estereotipado de todo lado
 Hoje se eu ando bolado geral me olha
 Com medo de ser assaltado
 E eu sempre tenho receio de ser
 Abordado pelos capitão do mato fardado
 (W.V, 2016, p.16)

A poesia recitada no Sarau Emprete-Sendo traz em sua narrativa o que é ser negro e pobre em uma sociedade que criminaliza pela corporalidade e pela territorialidade que esta circunscreve. O corpo transgressor que ocupa os espaços que não lhes são designados (“lá debaixo”) provoca desconfiança e medo, e por levarem em si as marcas de seu território (Estilo favela, estilo quilombo/Chinelo embaixo do braço/Camisa no ombro) sofrem as investidas violentas da polícia pela manutenção da ordem, pautadas no racismo e no preconceito. A narrativa expõe ainda que imposição do discurso hegemônico sobre os lugares que ocupam os pobres e negros na cidade não dizem respeito apenas ao território que lhes é cabido e com ele sua invisibilização, mas dizem também sobre o destino que lhes cabe. Persiste a ideia da hereditariedade da criminalidade, cabendo a esses indivíduos como único destino possível a penitenciária. A divisão social dos indivíduos entre legais e ilegais, não permite modificação real na estrutura que a sustenta, de modo que se mantenha

a hierarquização entre as classes sociais pelo aprisionamento no destino de criminalização.

Durante o processo de pesquisa foram vários os episódios presenciados que demonstravam a criminalização dos corpos-sujeitos-territórios periféricos. Além das muitas narrativas que relatavam os impropérios cometidos contra a população periférica e negra, em algumas ocasiões observou-se de perto o tratamento direcionado à ilegalidade dos corpos e dos territórios que representavam. Em alguns momentos pode-se perceber a vigilância que acompanha a movimentação desses corpos-sujeitos-territórios pela cidade e as novas territorialidades que criam por meio da simples ocupação dos espaços, seja no olhar assustado e desconfiado de outros corpos-sujeitos cuja territorialidade não sofre as investidas do obscurecimento, seja pela ronda policial, com passagens frequentes, coagindo e criminalizando a presença transgressora dos sujeitos periféricos nos espaços.

A antropóloga Lélia Gonzales (apud PEREIRA, 2015) em 1979 já evidenciava a opressão e a violência policiais contra negros. A autora apontou que, em abordagens policiais, demandava-se essencialmente a carteira profissional. Levando-se em conta que uma grande parcela da população negra estava desempregada ou não possuía vínculos empregatícios formais, não possuindo, portanto, registro na carteira de trabalho, quando a possuíam, muitos eram presos por vadiagem.

O olhar duvidoso em direção aos sujeitos negros e periféricos marca modos convivência e de relações sociais nas cidades brasileiras. A abordagem violenta a sujeitos pobres e negros, como a descrita por Gonzales, parte da criminalização de seus corpos e de seus territórios e se repetem ainda hoje no espaço urbano das cidades. Em fevereiro de 2018, por motivo do início da intervenção militar decretada pela Presidência da República no Estado do Rio de Janeiro, espalhou-se pela população, principalmente negra, pobre e de periferia, um sentimento de insegurança e medo. Nas redes sociais foram feitas numerosas postagens com orientações sobre como se portar e de que modo circular pela cidade, voltadas principalmente a essa parcela da população, para qual a presença dos agentes de segurança representava mais temor do que proteção. Nos textos analisados ficam claras as seguintes instruções: evitar sair de casa à noite; portar sempre documento

de identificação, dando preferência à carteira de identidade ou à carteira de trabalho; não andar sozinho e manter sempre amigos e família avisados de sua localização; portar sempre um aparelho de celular carregado e com telefone de amigos e advogados que possam ajudar em caso de abordagem ou detenção indevida e também para registro das abordagens, agentes, viatura, vítimas e testemunhas; não realizar movimentos bruscos e não afrontar os agentes em caso de abordagem; evitar portar itens que se assemelhem a armas de fogo como guarda-chuva e furadeiras; ter consigo sempre o cupom fiscal dos itens de valor que se portam; e nunca carregar consigo pinho sol e água sanitária³¹.

A última das instruções faz referência ao caso do catador de material reciclável Rafael Braga, nas manifestações de junho de 2013, no Rio de Janeiro. Rafael foi abordado por polícias e preso por portar duas garrafas de produtos de limpeza durante uma manifestação da qual não participava, e acabou processado e condenado a cinco anos de prisão por “possuir artefato explosivo ou incendiário sem autorização”. A decisão judicial desconsiderou o laudo pericial que concluiu que os produtos químicos portados não eram explosivos. O caso se tornou símbolo das prisões arbitrárias e das injustiças do sistema penal brasileiro, seletivo e preconceituoso, tratando como suspeito padrão e punindo os sujeitos indesejados da sociedade³². Como narra o trecho da poesia destacado abaixo:

Passando na rua é a maior sugação
Se tu compra mercadoria ali na lojinha
Se não tiver nota fiscal no bolso é porque tu é ladrão
Mas será mesmo que é por causa da nota
Ou por seu estilo que está fora do padrão?
Vai saber né?
Mas se perguntar é certeza
Que na canela é novamente um chutão
(Sarau Emprete-Sendo, 20 de junho de 2018)

Em postagem em sua página pessoal na rede social Facebook, o poeta Diego Cavaleiro Andante denuncia: “No Brasil toda preta ou preto é culpado até que se prove o contrário”³³. A frase acompanhava a imagem da reportagem do Jornal A

³¹ Conteúdo publicado na *fanpage* do vlogger Spartakus Santiago, com participação AD Junior, do canal Descolonizando e de Edu Carvalho, repórter do FaveladaRocinha.com. Fonte: <https://www.facebook.com/spartakusvlog/videos/521764858223613/>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

³² Sobre esse caso, mais informações no link: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452803872_078619.html.

³³ Postagem de Diego Cavaleiro Andante em sua página pessoal na rede social Facebook: (<https://www.facebook.com/Diegorodriguesmiranda>) em 26 de março de 2018.

Gazeta sobre o assassinato de dois irmãos no Morro da Piedade, em Vitória, com título “Moradores: jovens eram ‘inocentes’”. Os dois jovens negros, Ruan e Damião, moradores do bairro foram assassinados com 60 disparos de arma de fogo. Eles atuavam em ações coletivas sociais, eram sambistas da Escola de Samba da comunidade e não tinham qualquer envolvimento com a criminalidade, segundo testemunharam os moradores da região³⁴. O emprego das aspas no título da reportagem evidencia o tratamento preconceituoso reservado aos negros, pobres e periféricos, cabendo-lhes o estereótipo do crime até que seja (ou mesmo que seja) provada a inocência.



Figura 11 - Imagem reportagem de jornal sobre assassinato dos irmãos Ruan e Damião. Fonte: Página pessoal de Diego Cavaleiro Andante na rede social Facebook.

³⁴ Mais informações sobre esse caso nos links: <
<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2018/03/crime-na-piedade-jovem-foi-assassinado-no-dia-do-aniversario-do-filho-1014124493.html>>
 e <
<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2018/03/moradores-da-piedade-defendem-jovens-assassinados-sao-inocentes-1014124431.html>>.

Como afirmou em nota lamentando a morte de Ruan e Damião, a Pastoral da Juventude da Paróquia Nossa Senhora da Vitória ao dizer que esse crime “escancara a brutalidade da violência que tem cor, classe social e endereço em nosso país”.

O discurso midiático que criminaliza o sujeito a partir de sua corporeidade e território é o mesmo que circula a cidade e é balizador do comportamento dirigido aos corpos-sujeitos-território negros, pobres e de periferia, seja pela sociedade em geral, pelo Estado ou pela polícia. Não por acaso em 2015 quatro agentes da polícia militar dispararam mais de 100 tiros contra um carro onde se encontravam 5 jovens em Costa Barros, no subúrbio do Rio de Janeiro. Os rapazes tinham entre 16 e 24 anos de idade e comemoravam o primeiro emprego de um deles, quando foram surpreendidos por uma viatura. Os policiais aguardavam a chegada de traficantes que teriam roubado a carga de um caminhão pela região, e dispararam contra o veículo sem qualquer pergunta. Todos os ocupantes do carro eram negros e apenas um tinha passagem pela polícia por tráfico, mas havia sido absolvido. Os policiais foram detidos em flagrante por homicídio doloso e por alterar a cena do crime; apenas sete meses após a prisão, foi concedido o *habeas corpus* aos quatro agentes.³⁵

A cidade não pode ser disputada da mesma forma por aqueles que convivem diariamente com o medo da interrupção da vida baseada em sua corporeidade e na territorialidade que carrega. O genocídio da população negra é bandeira de muitos movimentos sociais, militantes e artistas. O extermínio dessa parcela da população é frequentemente denunciado nos encontros da oralidade dos saraus, slams e batalhas de poesia, compostos majoritariamente por indivíduos negros, pobres e moradores de periferia e favelas. Como afirma Gabriela Leandro Pereira: “Mais do que uma disputa pela narrativa, pela cidade, ou por um lugar específico, trata-se, essencialmente do direito de permanecer vivo, da disputa pela vida.”

Trinta e dois anos após o fim da ditadura
Continua genocídio, preconceito e tortura
A guerra está instaurada, mas nenhum jornal diz

³⁵ Sobre esse caso, mais informações nos links: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>>, <<https://oglobo.globo.com/rio/stj-liberta-pms-acusados-de-chacina-de-cinco-jovens-em-costa-barros-19551007>> e <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/28/politica/1480370686_545342.html>.

Os homem de viatura especialistas em criar cicatriz
 O cão do burguês que mata o povo brasileiro
 E desde a formação os PM sempre atirou primeiro
 (Sarau Emprete-Sendo, 30 de maio de 2018)

Cláudia, Paulo ou Miguel
 Douglas, Matheus, Gabriel
 Quantos já foram pro céu, mas não a pedido de Emanuel?
 Cinco tiros, cena plantada, era só mais um estudante que
 voltava pra casa
 Mais um corpo na vala, prepara a cova, outra mãe que
 chora, olha a cor, comprova”
 (Trecho da música #IssoAquiNãoÉTrap de Diego Cavaleiro
 Andante)

Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, no Espírito Santo a taxa de homicídios de jovens negros é de 139,48 a cada 100 mil habitantes, enquanto a de jovens brancos é de 25,46. Em outras palavras, isso significa que um jovem negro entre 15 e 29 anos tem 5,5 vezes mais chances de morrer vítima da violência em comparação a um jovem branco. Os dados divulgados pela Unesco colocam o Espírito Santo em sexto lugar no ranking de estados da federação em que a cor da pele tem maior influência no número de homicídios de jovens³⁶.

Os dados mais recentes da violência letal apontam para um quadro que não é novidade, mas que merece ser enfatizado: apesar do avanço em indicadores socioeconômicos e da melhoria das condições de vida da população entre 2005 e 2015, o Brasil permanece sendo uma nação extremamente desigual, que não consegue garantir a vida para parcelas significativas da população, em especial à população negra.

Em fevereiro de 2017, durante os 21 dias de greve da Polícia Militar no Espírito Santo aconteceram mais de 200 homicídios, em sua grande maioria de jovens negros moradores de periferia³⁷. Sem divulgação de nome ou de qualquer outra identificação, os jovens mortos eram tratados pela mídia e pelo Estado como números. Apesar do discurso da generalização da violência e da insegurança, os dados tornam evidente uma violência consentida, direcionada a territórios e sujeitos

³⁶ Informações coletadas na reportagem que pode ser acessada em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/12/a-cor-da-morte-jovens-negros-sao-os-que-mais-morrem-no-es-1014110776.html>>. Mais informações em: <www.ipea.gov.br/atlasdaviolencia>

³⁷ Mais sobre o caso em: <http://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/2017/02/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-onda-de-violencia-no-es-diz-sindicato-dos-policiais-civis.html>

específicos, alvos da ação do próprio Estado que dizima desfavorecidos, seja diretamente pela ação das forças de segurança, seja pela convivência com uma verdadeira guerra civil vivenciada em muitos desses espaços. São crimes oriundos de uma democracia falsa que escolhe da base de sua política aqueles que farão parte da partilha e aqueles que serão descartados.

E hoje de uma democracia puramente artificial
São os autos de resistência
Que me mata, nos matam
Sem clemência
Anulam nossa existência
Em troca do que?
De uma obediência?
É da farda, é da gravata, é da caneta, é do fuzil
Que emanam as injustiças pelos quatro cantos do Brasil
(Trecho da música “#RelatosDaVida” de Diego Cavaleiro
Andante)

Favela, língua do P
Profano, preto, poeta, periférico
É o caso algébrico
Viramos números e nesse mundo para morrer
A cor da pele é o maior critério
[...]
Ainda é senzala
Cês só mudaram para favela
É complicado
E nela chora Rosa
Porque cada buraco de minha favela
Não é feito pra colocar asfalto
É mais uma cova
(Slam Botocudos/Sarau Emprete-Sendo, 27 de julho de
2017)

Diariamente nas cidades brasileiras indivíduos são condenados e executados por trazerem em sua corporeidade as marcas da indesejabilidade: serem negros, pobres e dos territórios obscurecidos. Décadas depois de invalidadas, as teorias de Lombroso e Nina Rodrigues permanecem entranhadas na sociedade e reforçadas pelo discurso hegemônico e midiático. Condena-se o indivíduo e o território que ocupam esses corpos transgressores.

6.2 A REFORMULAÇÃO SIMBÓLICA DOS ESPAÇOS PERIFÉRICOS

Na disputa pela cidade, a hegemonia da classe dominante é garantida por diversos fatores interligados: o mercado, o controle do Estado e a ideologia (VILLAÇA, 2009). Ao mercado e ao Estado, ambos dominados pelas elites, interessa o ocultamento das tensões do espaço urbano e de seu processo de constituição, beneficiando-se das estratégias simbólicas de nomear “cidade” apenas a parcela do urbano ocupada pela camada de alta renda. A construção discursiva e simbólica do que é a “cidade” e do que é “periferia”, torna a cidadania um privilégio e não um direito e encobre a cidade real com a cidade que se quer ver (MARICATO, 2001). Dentro do ideário de cidade forjado hegemonicamente, a periferia construída como o lugar da violência, da criminalidade, da falta de recursos, de infraestrutura e de cultura, configura, portanto, uma não-cidade dentro da cidade (MOASSAB, 2011).

A imagem da cidade pacífica e democrática passa pela ocultação dos processos segregacionistas e excludentes que constituem o urbano, e dos conflitos provocados pela desigualdade. A desconstrução da imagem imposta e tendenciosa da cidade é fundamental à busca de um espaço urbano menos desigual. Nesse sentido, as narrativas marginais da literatura, do rep e da arte da periferia tem importante papel na exposição do processo histórico de exclusão e para ressignificação da cidade. As manifestações artísticas fazem emergir um intenso debate sobre as profundas desigualdades sociais e urbanas da periferia e buscando caminhos para a reversão desse quadro:

Porque eu escrevo letra que retrata a nossa realidade
Que vai do descaso social à criminalidade
Atuante em lugar onde ninguém, ninguém
Ninguém quer entrar
(Sarau Quebrando o Silêncio, 19 de setembro de 2017)

Vocês ainda acham que o maior problema do Brasil são
frases escritas numa parede?
Aquilo é grito pra quem não tem voz
Pra quem da água da igualdade morre de sede
(SlamES, 23 de setembro de 2017)

São travadas, dessa forma, batalhas para a desconstrução da carga simbólica pejorativa que sempre pesou sobre moradores das regiões pobres da cidade, pelo reconhecimento das suas manifestações culturais e o do conhecimento produzido nas margens em toda sua complexidade, a partir de uma legitimação interna.

Tendo em vista a perpetuação da segregação espacial para usufruto de vantagens locais os instrumentos de dominação constroem um imaginário de cidade a partir de um ponto de vista externo e distante, em que a periferia é ameaçadora e pouco real. Para além dos desdobramentos da segregação espacial histórica, como violência e infraestrutura precária, nos espaços periféricos o que se vê é uma intensa relação de cooperatividade e responsabilidade com o próximo, uma diversificada e crescente produção cultural e iniciativas empreendedoras, ou seja, uma periferia que se diferencia muito da imagem que o discurso hegemônico tenta desenhar. Como nos trechos narrados destacados abaixo:

Lá o coletivo é de vizinhos enchendo a laje
E como dizia Gaspar um povo “quem tem cor age”
(Trecho da música #VocêsFizeramDissCriminação de Diego
Cavaleiro Andante)

Nós é favela mesmo trocando a arma e bola pela poesia
(Projeto Boca a Boca, 12 de maio de 2017)

As narrativas marginais operam na contramão dos instrumentos de dominação, reformulando simbolicamente as periferias. Disputa-se a cidade em seu espaço e em seu discurso. Travam-se batalhas contra uma produção da cidade pautada na dominação e no lucro, por meio de um modelo segregacionista legitimado cotidianamente que define o lugar nos quais os pobres devem ficar. Essa segregação não apenas define o lugar que cabe aos pobres na divisão socioespacial, como também, por meio do discurso amplamente repetido (ainda que muitas vezes silenciosamente) por toda a sociedade, reforça que esse espaço não deve ter as mesmas condições que o resto da cidade.

A cultura marginal de periferia denuncia uma cidade distante, apesar de ser “Perto Daqui”, praticamente inexistente aos olhos moldados da Cidade Presépio. As narrativas marginais colocam-se como instrumento para a democratização do discurso que fala dos espaços opacos, reconfigurando-os simbolicamente a partir de

dentro e ressignificando a condição de seus habitantes como cidadãos como de fato são. Gritam sua existência para não serem novamente apagados:

E falar de onde eu moro
Dá muita emoção
Pois enquanto eu existir
A favela não vai tá em extinção
(Marquin, Slam Botocudos, 27 de abril de 2017)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os direitos, como observa pertinentemente Don Mitchell, não significam nada sem a possibilidade de serem concretizados no espaço e no tempo absolutos. “Se o direito à cidade é um grito e uma exigência, então este grito só é escutado e esta exigência somente possui força se há um espaço a partir do qual e no qual este grito é audível e esta exigência, visível. No espaço público – na esquina das ruas ou nos parques, nas ruas ao longo dos tumultos e manifestações – as organizações políticas podem se representar para uma população mais ampla e essa representação confere aos gritos e demandas alguma força. Ao reivindicar o espaço público, ao criar espaços públicos, os grupos sociais tornam-se eles próprios públicos.” O espaço público, como Mitchell (2003:129-35) corretamente insiste, “é material” e “constitui um lugar de fato, um terreno sobre o qual e a partir do qual a atividade política emerge”. É apenas quando a relacionalidade se conecta ao espaço e ao tempo absolutos da vida social e material que a política se torna viva. Negligenciar esta conectividade é condenar a política à irrelevância.

(HARVEY)

Esta pesquisa enfrentou o desafio de ir ao encontro da vida produzida no interior de uma realidade pouco visível; aproximou-se de manifestações que tentam romper as fronteiras que dividem a cidade e corpos-sujeitos-territórios que fazem da vida resistência no ato habitar a cidade e ao narrá-la. Acompanhar as territorialidades tecidas na ocupação dos espaços urbanos e na oralidade abriu espaço para a dissertação se tornasse também um processo em contínua construção.

As narrativas ocuparam o “espaço” da pesquisa convertendo-a num instrumento para falar sobre a vida vivida nos espaços opacos. A voz pouco audível, ainda que grite uma existência, ocupa as páginas da produção acadêmica, espaço ainda pouco acessível aos corpos-sujeitos-território periféricos e seus discursos, expondo a lida

cotidiana da sua ilegalidade no espaço urbano. Os desvios dos becos e escadarias frequentados nas visitas de campo conformaram o modo de caminhar desta pesquisa. Ao colocar-se à escuta do desejo de falar dos territórios obscurecidos abriu-se para sua constante reformulação, quando, por meio da ocupação da pesquisa lhes definiam os contornos de acordo com o que traziam à visibilidade.

Nas fissuras da cidade enquadrada limites definidos por estratégias socioeconômicas e políticas, atuam as táticas e as gingas daqueles impedidos de participar da partilha, de serem vistos e terem suas vozes ouvidas. A problematização da cidade a partir das narrativas marginalizadas dos territórios invisibilizados e silenciados busca “inverter a bússola para a periferia”, como afirma Sergio Vaz³⁸; busca colocar o ponto de vista dos vencidos no centro de visibilidade. Escovando a “história a contrapelo” (BENJAMIN, 1985, p.157), em oposição ao discurso oficial e dominante que oculta o que de excedente foge ao quadro imposto da cidade, busca tensionar o direito sobre a cidade e formular novos contornos à luta por participação e visibilidade. Busca denunciar a marginalização e a exclusão social dos corpos-sujeitos-territórios periféricos, em defesa do direito de ser e circular na cidade, contra a segregação socioespacial apoiada e legitimada por aparelhos legais. Adotou-se, portanto, um movimento de inversão de uma lógica que dita a produção do conhecimento, questionando o lugar dos sujeitos e espaços autorizados, e colocando-se à escuta dos discursos dos marginalizados, criminalizados e condenados à partir de seu território de origem.

Ainda que buscasse um posicionamento de participante, deixando-se ser atravessada pelos movimentos e ser afetada pelas falas nas narrativas de ocupação do espaço, não era possível desprender-me do papel de pesquisador. Ocupar o lugar de representante da academia nem sempre foi tarefa fácil. A Universidade ainda é um destino distante e, para muitos, inatingível ou insustentável. Embora se tenham multiplicado políticas de acesso ao ensino superior, por meio de cotas sociais e raciais ou crédito estudantil facilitado, a vida dos corpos marcados pela segregação socioespacial e a divisão de funções entre os sujeitos e espaços da cidade coloca os territórios obscurecidos como fornecedores de mão de obra, sendo a necessidade do trabalho e do sustento também determinantes no ingresso e

³⁸ Entrevista de Sergio Vaz à Revista Época, disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT63130-15228-63130-3934,00.html>.

permanência universitária. As desigualdades de renda perpetuam as dificuldades para o citado ingresso e permanência na vida universitária do Brasil. Segundo pesquisa do IBGE divulgada no site Portal Brasil³⁹ (17/12/2014), que leva em conta o rendimento mensal familiar *per capita*, em 2013 apenas 7,2% dos estudantes do ensino superior público pertenciam à camada social dos 20% mais pobres, contra 38,8% de estudantes pertencentes ao grupo dos 20% mais ricos.

A dificuldade de ingressar na universidade se reflete sobre os discursos intelectuais produzidos. O saber acadêmico legitimado, via de regra, se distancia da vida produzida nos territórios obscurecidos. Fala de territorialidades que não consegue compreender em sua totalidade porque não as experimenta em sua corporalidade declarando a partir de fora espaços ao mesmo tempo em que desclassifica o saber produzido neles, colocando sob o signo de “popular” aquilo que não tem valor científico.

Representar a academia no processo de pesquisa evidenciou ainda a grande tensão existente entre esta e a vida nas periferias. O lugar dos territórios marginais no conhecimento científico é, usualmente, o de objeto e, embora não haja dados numéricos concretos, multiplicam-se as pesquisas que se debruçam sobre esses espaços. A presença da universidade nas periferias é frequente, e vem carregada com o peso do uso e instrumentalização do saber, do tempo, das falas, em produções que dificilmente retornam aos sujeitos que as alimentaram, assim como seus pesquisadores, que utilizam suas pesquisas muito mais para satisfazer aos seus interesses individuais do que aos coletivos.

A produção da dissertação e a condição de pesquisadora não estiveram livres de ambiguidades. Primeiro, ao colocar a periferia como centro da produção do conhecimento, trazendo suas falas sobre si mesma e sobre a cidade e suas dinâmicas territoriais e sociais para o desenvolvimento da dissertação, evoca-se a legitimidade do discurso acadêmico sobre as narrativas marginais. Dessa forma acaba por alterar o centro da legitimação interior para a legitimação da ciência oficial. Segundo, independentemente do esforço desvelado para que a dissertação fosse fruto de uma construção coletiva, legitimada primeiramente de dentro para

³⁹ Pesquisa do IBGE, disponível em <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/12/acesso-de-estudantes-pobres-a-universidade-publica-cresce-400-entre-2004-e-2013-diz-ibge>>. Acesso em: 08 jul 2018.

fora, ainda é o nome da pesquisadora que carrega a autoria do texto e é a legalidade do lugar que ocupa que torna mais palatável a mensagem proveniente dos territórios obscurecidos.

Certamente muito nos escapou. Mas não era objetivo da pesquisa esgotar no texto todas as abordagens da vida que se dá na fronteira. Tal tarefa, aliás, seria impossível ao considerarmos que o território encontra-se em permanente construção e reconfiguração. No encontro com as narrativas marginais falou-se dos territórios obscurecidos na lógica segregacional estruturante dos espaços urbanos das cidades brasileira, abordando-se o caso da Região Metropolitana da Grande Vitória. A narrativa é, porém aberta, permite múltiplas abordagens, traz a tona muitas outras periferias além das que se pode aqui visibilizar.

Ao findar este texto, fica claro que não se terminam as periferias, as favelas, as quebradas, e as inquietações que o justificaram. O presente trabalho aproximou-se das narrativas ao deixar para trás o asfalto da Cidade Presépio. Não há conclusão nesta pesquisa que encerre os questionamentos levantados ou, muito menos, que esgotem as narrativas encontradas. A dissertação se encerra como uma obra aberta à formação de novas conexões e desdobramentos que evidenciem a vida que acontece além do aprisionamento das existências dos quadros identitários.

ANEXO I – TABELA DOS LOCAIS DE REALIZAÇÃO DO PROJETO BOCA A BOCA (MAR/2016 – FEV/2018)

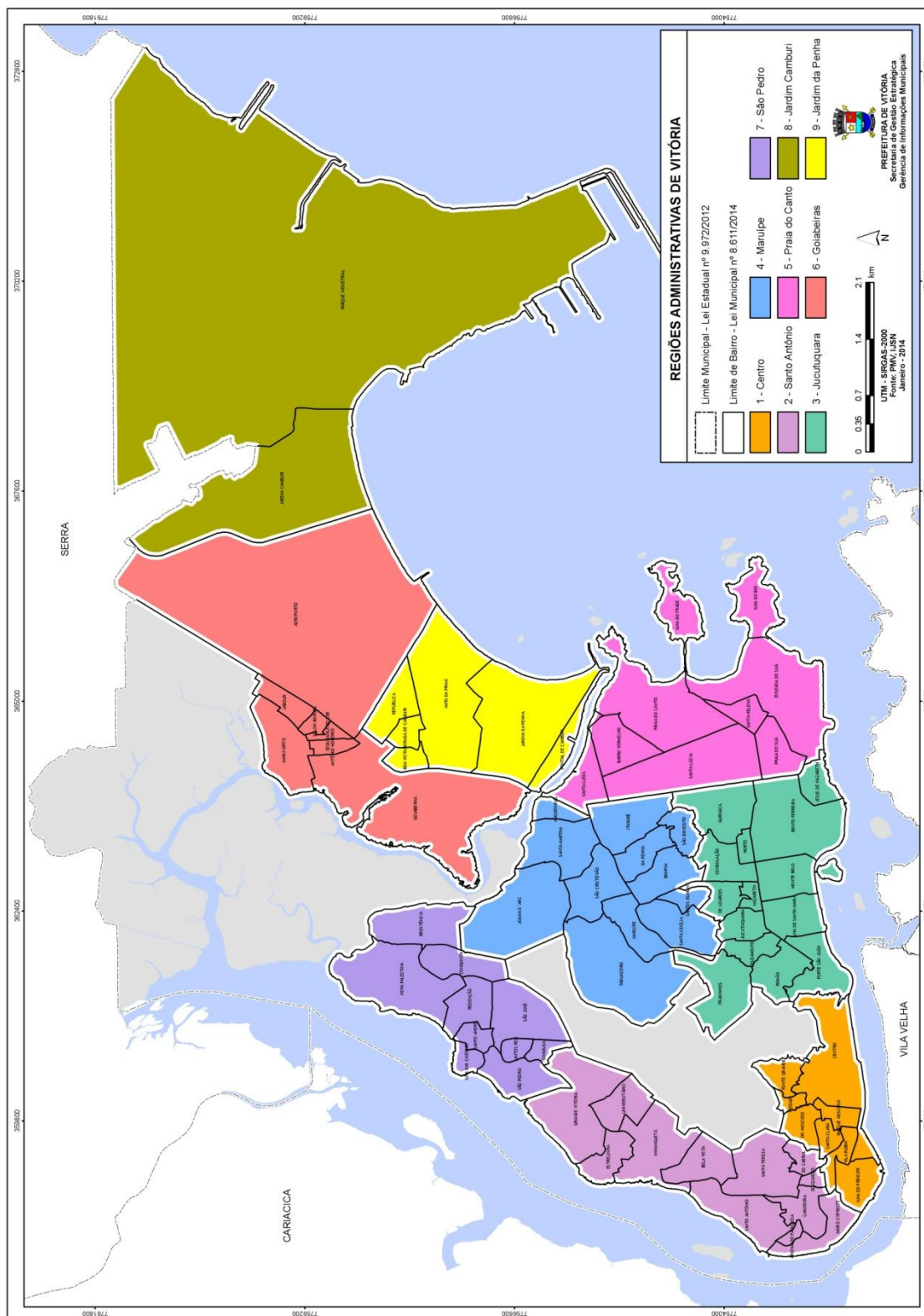
PROJETO BOCA A BOCA (PBB) – 2016/2017/2018			
DATA	LOCAL	BAIRRO	CIDADE
04/03/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
11/03/2016	Calçadão Praia de Camburi (próx. K1)	Jardim da Penha	Vitória
18/03/2016	Correria Music Bar	Coqueiral de Itaparica	Vila Velha
25/03/2016	Praça dos Namorados - Bob's	Praia do Canto	Vitória
01/04/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
08/04/2016	Quadra da Unidos da Piedade	Fonte Grande	Vitória
22/04/2016	Praça de Itaparica	Coqueiral de Itaparica	Vila Velha
29/04/2016	Fábrica de Ideias	Jucutuquara	Vitória
06/05/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
13/05/2016	Correria Music Bar	Coqueiral de Itaparica	Vila Velha
15/05/2016	Praça de Andorinhas	Andorinhas	Vitória
20/05/2016	Praça de Itararé	Itararé	Vitória
27/05/2016	Vizinho da Arte	Caratoíra	Vitória
03/06/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
10/06/2016	Pracinha São Pedro I	São Pedro	Vitória
17/06/2016	Praça Ubaldo Ramallete	Centro	Vitória
24/06/2016	Prainha de Santo Antonio	Santo Antonio	Vitória
01/07/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
08/07/2016	Centro de Referência da Juventude	Ilha de Santa Maria	Vitória
15/07/2016	Praça dos Namorados - Bob's	Praia do Canto	Vitória
22/07/2016	Pracinha Bairro da Penha	Bairro da Penha	Vitória
29/07/2016	Praça Ilha das Flores	Ilha das Flores	Vila Velha
05/08/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
07/08/2016		Castelo Branco	Cariacica
09/08/2016	UFES (intervenção)	Goiabeiras	Vitória
10/08/2016	UFES (intervenção)	Goiabeiras	Vitória
12/08/2016	Pracinha Campo Grande	Campo Grande	Cariacica
13/08/2016	Show do Emicida - Hub Arena Pop Up	Enseada	Vitória
19/08/2016	Pracinha de Riviera da Barra	Riviera da Barra	Vila Velha
26/08/2016	Praça de Itacibá	Itacibá	Cariacica
02/09/2016	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
09/09/2016	Praça dos Namorados - Bob's	Praia do Canto	Vitória
16/09/2016	Praça de Vila Garrido	Vila Garrido	Vila Velha
23/09/2016	Pracinha de Itararé	Itararé	Vitória
30/09/2016	Praça do Bairro Bela Vista	Bela Vista	Vitória

07/10/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
14/10/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
21/10/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
28/10/2016	Tancredão	Maria Cypreste	Vitória
04/11/2016	Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
11/11/2016	Praça dos Namorados - Bob's	Praia do Canto	Vitória
18/11/2016	Praça Barra do Jucu	Barra do Jucu	Vila Velha
02/12/2016	Pracinha do Epa	Jardim da Penha	Vitória
09/12/2016	Praça Duque de Caxias	Centro	Vila Velha
16/12/2016	Loja Manericks	Praia do Canto	Vitória
23/12/2016	Ao lado do Teatro Carlos Gomes	Centro	Vitória
30/12/2016	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
06/01/2017	Pracinha de São Pedro I	São Pedro	Vitória
20/01/2017	Praça de Araças	Araças	Vila Velha
27/01/2017	Praça de Campo Grande	Campo Grande	Cariacica
03/02/2017	Rua da Lama	Jardim da Penha	Vitória
13/02/2017	Calçadão Praia de Camburi (próx. K1)	Jardim da Penha	Vitória
17/02/2017	Rua Ubaldo Ramalhete	Centro	Vitória
24/02/2017	Rua 7	Centro	Vitória
03/03/2017	Pracinha de Caratoíra	Caratoíra	Vitória
10/03/2017	Praça de Itacibá	Itacibá	Cariacica
17/03/2017	Ginásio Tancredão	Maria Cypreste	Vitória
24/03/2017	Calçadão Praia de Camburi (próx. K1)	Jardim da Penha	Vitória
31/03/2017	Move	Bairro República	Vitória
07/04/2017	Quadra da Unidos da Piedade	Fonte Grande	Vitória
14/04/2017	Praça de Jucutuquara	Jucutuquara	Vitória
21/04/2017	Rua da Lama	Jardim da Penha	Vitória
30/04/2017	Ponto final de Castelo Branco	Castelo Branco	Cariacica
05/05/2017	Praça da Conquista	Castelo Branco	Cariacica
12/05/2017	Praça do Ibes	Ibes	Vila Velha
19/05/2017	Praça de Feu Rosa	Feu Rosa	Serra
26/05/2017	Ocupa Slam – CRJ	Ilha de Santa Maria	Vitória
02/06/2017	Praça Itararé	Itararé	Vitória
09/06/2017	Bolt	Jardim da Penha	Vitória
16/06/2017	Praça da Conquista	Castelo Branco	Cariacica
23/06/2017	Mucane	Centro	Vitória
30/06/2017	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
07/07/2017	Praça Ubaldo Ramalhete	Centro	Vitória
14/07/2017	Origraffes	Feu Rosa	Serra
18/07/2017	Praça Castelo Branco	Castelo Branco	Cariacica
21/07/2017	Semana da Juventude – CRJ	Ilha de Santa Maria	Vitória
28/07/2017	Praça do Ibes	Ibes	Vila Velha
04/08/2017	CRJ	Centro	Vitória

11/08/2017	Pracinha do Epa	Jardim da Penha	Vitória
18/08/2017	Praça Jucutuquara	Jucutuquara	Vitória
25/08/2017	Casa da Barão	Centro	Vitória
01/09/2017	Praça Ubaldo Ramallete	Centro	Vitória
08/09/2017	Praça de Campo Grande	Campo Grande	Cariacica
15/09/2017	Rua da Lama	Jardim da Penha	Vitória
22/09/2017	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
29/09/2017	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
06/10/2017	Rua da Lama	Jardim da Penha	Vitória
13/10/2017	Praça do Ibes	Ibes	Vila Velha
20/10/2017	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
27/10/2017	Praça de Campo Grande	Campo Grande	Cariacica
10/11/2017	Fábrica Lab	Jucutuquara	Vitória
17/11/2017	Teatro Municipal de Vila Velha	Centro	Vila Velha
18/11/2017	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
05/01/2018	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
19/01/2018	Praça Caratoíra	Caratoíra	Vitória
26/01/2018	Praça Costa Pereira	Centro	Vitória
02/02/2018	Rua da Estação	Flexal 1	Cariacica
09/02/2018	Praça da Bandeira	Santo Antonio	Vitória
12/02/2018	Ocupa Flex	Flexal 2	Cariacica
23/02/2018	Praça Interativa	Goiabeiras	Vitória

Locais de realização do Projeto Boca a Boca 2016/2017/2018

ANEXO II - MAPA REGIÕES ADMINISTRATIVAS DE VITÓRIA



ANEXO III – TABELAS SANEAMENTO DE VITÓRIA

Percentual de Domicílios Atendidos por Rede de Saneamento, por Regional de Vitória - 2000

Regional	Número Médio de Banheiros	Porcentagem de Domicílios Atendidos Por		
		Abastecimento de Água	Tratamento de Esgoto	Coleta de Lixo
1 - Centro	1,78	99,20%	96,80%	99,20%
2 - Santo Antônio	1,25	99,60%	94,30%	99,30%
3 - Bento Ferreira	1,56	99,40%	90,00%	99,30%
4 - Maruípe	1,28	99,50%	94,20%	99,50%
5 - Praia do Canto	2,66	99,90%	48,30%	99,90%
6 - Continental	2	99,90%	97,50%	100,00%
7 - São Pedro	1,01	99,00%	92,80%	98,90%
8 - Jardim Camburi	1,8	99,20%	96,60%	100,00%
Total	1,7	99,50%	89,80%	99,60%

Fonte: IBGE/Censo 2000 – SEDEC/GICU

Obs.: Para o IBGE a canalização da água tem de estar ligada a um sistema de coleta, mesmo que o sistema não disponha de estação de tratamento da matéria esgotada.

Indicadores de Saneamento em Vitória - 2004 a 2008

Informações e Indicadores de Vitória - Cesan					
Serviços	2004	2005	2006	2007	2008
Ligações de água	50.388	50.783	51.449	52.490	53.846
Economias de água	116.612	118.269	119.758	122.498	125.972
População coberta	291.309	302.808	309.301	318.911	326.531
Índice de cobertura	98%	98%	98%	100%	100%
Ligações de esgoto	16.505	17.044	17.432	17.846	18.911
Economias de esgoto	58.023	61.500	63.337	66.167	70.106
População coberta	144.911	154.719	163.726	178.597	184.084
Índice de cobertura	49%	51%	52%	56%	58%

Fonte: CESAN / P-CPE.

Fonte: http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_socioeconomicos/saneamento.asp

8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera. **A ilusão de segurança jurídica**. Do controle da violência à violência do controle penal. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

ANTOLOGIA **Sendo Emprete-sendo**. Vitória: Poesia de Papelão Cartonera, 2016.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. **A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder**. Ira Maria Maciel (Org). Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001. pg. 195 a 209.

BARBOSA-PEREIRA, Alexandre. **Os “rolezinhos” nos centros comerciais de São Paulo**. Juventude, medo e preconceito. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 14 (1), pp. 545-557, 2016.

BARROS, Ana Maria Leite de. **A cidade sob o olhar da periferia**. Aspectos do cotidiano dos moradores do Morro dos Alagoanos. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória, 2010.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução: Mário Laranjeira. Brasília: Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio R. (Org). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.

CALDEIRA, Tereza. **Cidade de muros: crime, segregações e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CAROS AMIGOS/LITERATURA MARGINAL. **A cultura da periferia - ato I**. São Paulo, SP: Editoras Casa Amarela e Literatura Marginal, 2001.

_____. **A cultura da periferia - ato II**. São Paulo, SP: Editoras Casa Amarela e Literatura Marginal, 2002.

_____. **A cultura da periferia - ato III**. São Paulo, SP: Editoras Casa Amarela e Literatura Marginal, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Ed. da UFMG, 2010. 292 p. (Humanitas (Ed. UFMG)). ISBN 9788570418319 (broch.).

CONCEITO, Jhon. **#Palavras Mortas**. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2016.

COSTA, Eliane; BARBOSA, Jorge Luiz. Rolezinho: Territórios e territorialidades em ciberculturas. **Revista Z Cultural** (UFRJ), v.1, p. 04, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v.20, p.33-77, 2002. Disponível em: <www.seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2214/1773>. Acesso em: 10 set. 2016.

_____, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Brasília, v.42, n.4, p.18-31, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>>, Acesso em: 10 fev. 2018.

_____, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v.26, p.13-71, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>>. Acesso em: 20 set. 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, v. 3, 1996.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **O imaginário da renascença**. Brasília: Editora UnB, 1995.

ENNE, Ana Lucia; GOMES, Mariana. É tudo nosso!: Disputas culturais em torno da construção da legitimidade discursiva como capital social e espacial das periferias do Rio de Janeiro. In: PASSOS; DANTAS; MELLO (Org.). **Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea**. Rio de Janeiro: IFRK, 2013, v.1, p.45-60.

FANJUL, Adrián Pablo. **Malha fina cartonera**. Novidade e projeto formador. Alea, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.369-374, Agosto 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2016000200369&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FERRÉZ. **Terrorismo Literário**. In: A cultura da periferia: Ato II. Revista Caros Amigos, São Paulo, n.2, 2002. Caderno Especial, p.2.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 25 Ed., 2012.

GONÇALVES, Thalimar Matias. **Novas estratégias da produção imobiliária na Grande Vitória**. Um estudo sobre as recentes transformações do espaço urbano de Serra-ES. Dissertação Mestrado. Mestrado em Geografia-UFES. 2010.

GUIZZO, Iazana. **Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2008.

Harvey, David. O espaço como palavra-chave. In: GEOgrafia, revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, v. 14, n. 28, 2012, disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/551/345>>. Acesso em: 12 de jul. 2018.

HOLLANDA, Heloisa Helena Oliveira Buarque de. **Intelectuais x Marginais**. Texto disponibilizado em 11 de set. 2005. Disponível em: <www.heloisabuarquedehollanda.com.br/intelectuais-x-marginais>. Acesso em: 20 de fev. 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Acesso em: 25 de set. 2016.

_____, Paola Berenstein. Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: JACQUES; BRITTO (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LOURAU, René. **Pequeno Manual de Análise Institucional**. In: ALTOÉ, Sonia. (org.) René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral. São Paulo: Hucitec, 2004.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1987.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: Arantes, Otilia et al. **A cidade do pensamento Único: Desmanchando Consensos**. Coleção Zero à Esquerda. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, Cidades**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade**. Revista Galáxia, São Paulo, n.22, p.25-39, dez. 2011.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Uma descrição cronológica do desenvolvimento urbano de Vitória. In: **Revista do Instituto Jones dos Santos Neves**, Ano IV, nº2, abr-jun 1985.

MOASSAB, Andréia. **Brasil periferia(s)**. A comunicação insurgente do hip-hop. São Paulo: EDUC, 2011.

MONTEIRO, Peter Ribon. **Vitória: cidade e presépio, os vazios visíveis da capital capixaba**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2002.

NAS, Peter J. M.; SAMUELS, Annemarie. **Hypercity: The Symbolic Side of Urbanism**. Grã-Bretanha: Kegan Paul, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes Marginais na Literatura**. Coleção Tramas Urbanas. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NEGRI, Silvio Moisés. **Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises**. Coletâneas do Nosso Tempo, v. 8, n. 08, 2010.

NOGUEIRA, Marcéu Rosário. **Ilusão surto de inspiração**. Cariacica, 2015.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de uma época: poesia marginal anos 70**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Etnografia do rolezinho, Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/etnografia-do-201crolezinho201d-8104.html>>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

TORREÃO, Rafael Sapiência. **Geografia do Hip Hop na Grande Vitória-ES**. O lugar em tempos de globalização. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.: 2005.

_____, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. In: **Boletim Gaúcho**. Porto Alegre, RS, n. 21, Ago. 1996.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. BECKER. Bertha; SANTOS, Milton (Orgs). Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 3 ed., 2007, p.12-21.

SELGA, Eduardo. Página interditadas, espaço livre. In: **Zine Zo-Kawe**. Espírito Santo: Ponta de Lança Edições, 2014.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzar. Vitória além de seus limites. In: **Revista do Instituto Jones dos Santos Neves**, ano VII, nº1, abr-jun 1995.

SOUZA E SILVA, Jailson de. **“Por que uns e não outros?”**: caminhada de jovens pobres para universidade. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

VIEIRA, Ludmilla Ferraz Dias. **Vida no Forte São João e a tecedura de políticas: acompanhando a produção de redes.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória, 2012.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Lincoln Institute, 2009.

_____. **São Paulo: segregação urbana e desigualdade.** Estud Av, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

W.V. **Antologia Sendo Emprete-sendo.** V.1. Núcleo Afro Odomodê; Coletivo Literatura MarginalES (orgs.). Espírito Santo: Poesia de Papelão Cartonera, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa “O direito à cidade e a cultura marginal: A narratividade como luta por visibilidade”, sob a responsabilidade da pesquisadora Anna Paula Ferraz Dias Vieira.

Justificativa e objetivo da pesquisa:

Essa pesquisa pretende mapear narrativas sobre a cidade produzidas por sujeitos e espaços usualmente silenciados e invisibilizados, analisando como a cidade se mostra e é vista por essa parcela, bem como os processos decorrentes do cruzamento entre os modos de vida dessa população e os espaços da cidade tomados pelos mesmos e discursos. Tem como campo de pesquisa eventos de literatura marginal e batalhas de rep realizados na Grande Vitória, buscando registrar as falas que identificam a história da cidade e de seus territórios periféricos a partir do olhar e da voz de sujeitos marginalizados, reconfigurando a imagem da cidade, ampliando as formas de compreensão da cidade.

Descrição dos procedimentos de pesquisa:

A coleta dos registros narrativos será realizada em duas etapas. A primeira pela gravação e transcrição dos eventos participados buscando nas falas registros sobre a cidade, a periferia e a relação entre a população e os diversos espaços da cidade, buscando a riqueza do olhar sobre a cidade, revelando a variedade de experiências que a cidade pode comportar a partir do rico olhar e produção cultural de grupos, espaços e sujeitos usualmente marginalizados. Deseja-se tratar a cidade a partir da ótica e linguagem daqueles cuja voz é usualmente silenciada e seus espaços invisibilizados. A segunda etapa é a formação de grupos de debate, chamados de grupos narrativos, onde serão discutidos os assuntos que se mostraram mais

presentes nos registros da etapa anterior, constituindo uma narrativa coletiva a partir dos debates travados, que depois de escrito será retornado para aprovação, de modo a tratar a construção deste saber de uma forma coletiva e não centrada na figura do pesquisador.

Riscos:

O trabalho pretende-se ser desenvolvido apresentando o mínimo de risco possível aos seus participantes. Pode ocorrer o risco de constrangimento pela não compreensão plena do projeto, sendo para tal buscado escrever de maneira mais clara possível, colocando-se ainda o pesquisador à disposição para qualquer esclarecimento. Há ainda o risco de constrangimento em contribuir com uma pesquisa acadêmica, visto que se trata de um espaço ainda pouco acessível aos jovens periféricos, cujo costumeiro contato com a Universidade é pelo viés de objeto de pesquisa, algumas vezes sem contrapartida e com olhar estigmatizado, sendo muitas vezes essa contribuição vista de modo negativo pelos pares. O modo de reduzir esse risco é garantindo ações contrapartidas, que promovam esse acesso, que coloquem em debate o conhecimento produzido nos espaços periféricos e, minimamente, o acesso ao conteúdo produzido. Há o risco de debater assuntos que causem desconforto, tristeza ou angústia, quando houver discussões que abordem a situação dos sujeitos e espaços periféricos com relação à cidade, o preconceito, o silenciamento. Para reduzir esse risco o pesquisador deixará livre para que o participante se retire ou encerre a fala, sem que seja pressionado a compartilhar algo que lhe promova mal estar. Há ainda o risco de medo em tratar de assuntos que envolvam denúncias a instituições ou organizações, para tal é assegurado sigilo absoluto dos participantes.

Benefícios esperados:

Se aceitar participar está contribuindo para a discussão da construção da cidade, em seu território, discurso e imagem. A pesquisa aqui apresentada se constrói a partir do estudo de narrativas marginais, por meio das quais se pretende trazer à discussão o direito à cidade e ao seu discurso. Partindo da hipótese da disputa pela

cidade e pelo direito de sobre ela e nela se enunciar, deseja-se ser guiado pelas narrativas que emanam da cultura periférica como forma de compreensão da cidade a partir de um olhar não mais totalizador, mas um olhar outro, que conta uma outra história, e amplia a produção de conhecimento sobre a cidade e seu entendimento. Pretende-se, com isso, um benefício social, colocando sobre os olhos a lente da periferia em sua relação com a cidade, suas demandas, seus conflitos e medos, tratando os espaços periféricos como produtores de conhecimento sobre a cidade, desmontando estigmas da carência e da falta.

Esclarecimentos quanto à participação dos participantes deste estudo:

- Não haverá identificação dos participantes. Nome e informações pessoais serão mantidos em sigilo.
- Os textos autorais recitados nos eventos registrados respeitarão os direitos autorais de seus produtores, trazendo a identificação do autor quando autorizado por este, ou a supressão da mesma quando assim requerido.
- As transcrições dos eventos participados estarão disponíveis para os participantes, garantindo o sigilo dos participantes.
- Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.
- É possível obter todas as informações e esclarecimentos que julgar serem necessários diretamente com a pesquisadora.
- A pesquisa em seu formato de “Dissertação” estará disponível aos participantes interessados.
- Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.
- Não haverá riscos para a sua saúde.
- Não há remuneração. Qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa

será de responsabilidade da pesquisadora.

- É garantido ao participante o direito a buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa..

- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será redigido em duas vias, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador, sendo que uma delas será entregue ao participante.

Para qualquer esclarecimento da pesquisadora, caso surjam dúvidas:

Fone: (27) 99738-8354 / e-mail: annapaulafvieira@gmail.com

Para esclarecimentos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFES), denúncias ou intercorrências com a pesquisa:

Fone (27) 3145-9820/ e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Estando de acordo com a participação na pesquisa apresentada, segundo os termos do presente Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, assino minha participação em duas vias:

Vitória, _____ de _____ de _____.

Anna Paula Ferraz Dias Vieira
Pesquisadora

Participante voluntário da pesquisa

APÊNDICE B – POESIAS COMPLETAS

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
ODOMODÊ – 30/05/2017**

Vocês, vocês
Vocês se acham os salvadores do mundo
Invadindo terras, destruindo elas
Me estipulando como perigo
Mas são vocês que são o perigo
Trouxeram a pior doença pra cá
A gripe? Não, o racismo
Cobram o dízimo
Mas gostam de dizimar o meu povo
Uma mãe na favela pede socorro
Mais uma mina morre por causa do aborto
Eles vivem adrenalina
Morrem na chacina
O sangue escorre e fica na botina
O povo esquece, mas fica no diário de Carolina
Pede paz
Dizem ser contra o racismo
Mas adoram ler Monteiro Lobato
“Ah! Antigamente era assim”
O racismo do passado reflete até hoje no espelho

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
ODOMODÊ – 18/04/2017**

Como Rincon, viva a ascensão do meu bloco!
Diferente dos de cimento onde foram preso as correntes.
Como Rincon, sarrem quem der permissão
Diferente da de entrar em certos eventos
Onde quem veste terno tem mais direitos que eu
Onde quem vive inferno bota a culpa em Deus
Onde a culpa de tudo que acontece no mundo, é culpa dos meus
E, o que que a gente fez?
O que que a gente fez além de resistir, existir e coexistir
com essa nação de “isso é meu”?
Onde nada foi “você que fez”, mas se foi você que fez, por
que eles não te deu
Já que, a classe operária produz, a tudo ela pertence
Mas era tudo mentira, achei que ia ser diferente

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
ODOMODÊ – 18/04/2017**

A escola pública é sucateada pelo Estado
Só que o normal na escola dos boy é ter ar condicionado
Passeio deles é museu e teatro

Só que pra filho de pobre é só procurar os trabalho
 Sem nunca conseguir porque não tem experiência
 Se eu tenho então um antecedente
 Eu vou ta preso mesmo sem cumprir a pena
 É mó problema
 Tipo os missionários que ganham passaporte diplomáticos
 Mas na TV pedem oferta para manter o horário
 O povo é enganado
 Pior é o público do rap
 Esses caras que eu acho hilário
 Porque a visualização virou poder na cabeça dos prego
 Rap game pra cá, rap game pra lá
 Mas que se foda o seu ego
 Enquanto uns gravam discos, ganham dinheiro e tiram foto
 Os menor na quebrada ainda tão querendo roubar moto
 Enquanto uns cheiram um risco, gastam dinheiro e perdem
 o foco
 Os menor na quebrada morrem roubando as moto
 Seus preconceitos se transformam no meu ódio
 Nós não tem oportunidade 63
 Cês choram pelos relógios
 É igual na África
 Alimentação é só barro e sódio
 E eu só digo, mesmo se eu não estiver sóbrio
 Pra político a grade causa dano psicológico
 Prisão domiciliar pro rico
 Pra mim que é catastrófico
 Óbvio que isso não muda
 Você pede ajuda, pra nós eles dão ópio
 E, ó, sem pio
 Pior mesmo é eles tratar as mulher igual cachorra no cio
 Mas isso é o Brasil, isso é o covil
 Onde nosso governo acumula mais mortos que nas guerras
 civil
 Defendem os de farda
 Falam que o salário é baixo
 Só que mais baixa é a conduta quando vê um menor na
 quadra
 Não entendi foi nada
 (Gnom)

**SARAU EMPRETE-SEND0 - ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA - NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ - 30/05/2017**

Eu to bem estressada
 Eu to bem chateada
 Eu to bem incomodada
 Já ouviram falar em (...)?
 Me falaram esse role aí
 Mas eu tenho que pesquisar melhor
 São uns tais de demônios brancos
 De vez em quando eles aparecem
 Pra querer incomodar
 Pra querer atrapalhar
 Pra querer desorientar
 Eu estou estressada, chateada
 Não me venha com a sua mão branca pegando em mim
 Me chamando de bonitinha

Poetinha
 Gracinha
 Eu me chamo Zacimba Gaba
 O meu povo em essência
 Por história, e não somente na aparência
 É um povo de amor
 Mas vê se, mão branca, presta atenção
 Ouve bem esse recadinho
 Será que tu ainda não aprendeu que pra pisar em quilombo
 Tem que ser devagarinho

**3º UNIR-VERSOS GRIOT – MUSEU CAPIXABA DO
 NEGRO (MUCANE), CENTRO, VITÓRIA – 25/10/17 –
 BATALHA DO CONHECIMENTO**

É dialetos dentro da cabeça
 Então eu vou abrindo a minha mente pra falar
 E com certeza
 Aí, na moral, falo pela periferia
 Tá ligado que eu vou pro corre todo dia
 Levando um pouco de poesia e literatura
 Pro busão
 Não é vacilação
 Aí irmão
 Eu nem pulo a roleta
 Eu colo com o motorista
 Eu vou trabalhar
 Aí é com certeza
 Mostrando um pouco da arte da comunidade
 Assim eu mostro respeito e capacidade
 Se eu quiser pular eu pulo também
 Por isso eu to ligada que eu dou calote até no trem
 Lá do Rio
 Por isso eu falo pro governo
 “Vai pra puta que pariu”
 Que até então eu sou nenhuma alienada
 O povo fala, fala
 O cara vem e faz que não entende nada
 Eu falo o papo reto
 Falo o palavrão
 Só assim o povo escuta sem vacilação
 Aí irmão, eu posso te falar
 Queria uma marmitex pra levar pra casa
 Que eu to com a maior fome
 Pode pá?

**SLAM BOTOCUTOS – PRAÇA COSTA PEREIRA (AO
 LADO DO TEATRO CARLOS GOMES) – 27/04/2017**

Eu já disse que eu sou made in favela
 E ela tem mais constelação que o próprio espaço
 E quem não tem uma vida bela
 Costuma criticar ela
 Que tem um berço
 Mas nunca fez um terço do que eu faço
 E esses meritocratas, que são uns sociopatas
 Vem criticar o meu empoderamento
 Não tem nada pra falar

Não sabe argumentar
 E sempre usa Bolsonaro 2018 como um bom argumento
 Mas ainda bem que eu sou made in favela
 Eu sou *made in* favela, porra
 E eu vim da mais original
 E eu dou mais valor pra ela do que dólar, euro ou real
 E se grafitti na parede é poluição visual
 É porque indústrias poluentes hoje em dia é normal
 E se estamos precisando de união
 Sim!
 Mas sempre que eu chego com esse papo
 Pensam que eu tô de zoação
 Mas eu já cantei, chorei, bati e apanhei
 E não reclama do que eu falo se você que deu o play
 E disso eu já sei
 Minha referência é Marvin Gaye
 E se a favela é meu reino
 Eu estou me sentindo o rei
 Eu tenho sabedoria de um capoeirista
 E no alto do meu morro
 Tem sempre a mais linda vista
 E falar de onde eu moro
 Dá muita emoção
 Enquanto eu existir
 A favela não vai estar em extinção
 Dizer que minha pele é suja
 Isso eu não aceito
 Pois mais sujo que a minha pele
 É só o seu preconceito
 Eu sou *made in* favela
 E bato no peito
 Vim em forma de poesia
 Buscar todos os meus direitos
 Direito de andar
 Até de andar
 Direito até de falar
 Direito até de deixar a minha preta sambar
 Direito de ter o direito de trabalhar
 De andar na rua e ninguém me regular
 Mas favela não é novela
 Aceita!
 Porque eu acho que na favela
 Conseguimos encontrar gente preta
 E eu defendo a favela
 E defendo o meu lazer
 E seu eu mudar de assunto
 Diz aí, na boa?
 O meu morro, quem vai defender?
 O Marquin se locomoveu
 É, esse cara louco sou eu
 E quando cês menos pensam
 Tudo o que eu faço cresceu
 E eu causo muita neurose
 Ou até psicose
 Porque se rap é droga
 Tudo o que sai de mim é overdose
 E eu sou um cara salvo pelo hip hop
 Posso até cair
 Mas sempre vou me levantar como um b-boy ou um top rock
 E eu percebi que meu (...) é meu amuleto

Só que até hoje eu não entendi porque lá na favela
 Uma bala perdida sempre encontra um preto
 (Marquin)

**PROJETO BOCA A BOCA – PRAÇA ASSIS
 CHATEAUBRIAND, IBES, VILA VELHA (PRACINHA DO
 IBES) – 12/05/2017**

Ouve
 Que quando ele fala cai aos prantos
 Ouve
 O cotidiano, cotidiano insano
 É uma junção de vivência, experiência, permanência
 (...) da incoerência de lutar por existência
 Resistência
 Mas eu não sofro racismo e o racismo imposto
 Mesmo que me oprime, me reprime, me deprime
 Bagulho é doido demais pra brincar
 A minha realidade não me permite brincar
 O sistema tá criando um monstro
 (...)
 Que o próprio sistema dita
 Vivo em um mundo que te julga ao nascer
 Vontade de viver muda de acordo com cada ser
 E as vezes nem depende de você
 É fácil falar que é fácil quando sua vida é fácil
 E tu não sabe o que é sobreviver
 Bandido, bandido, bandido
 O moleque ouviu antes mesmo de crescer
 Realidade de quebrada e compromisso com a favela
 O menor que vai pra pista
 E não sabe se volta dela
 O corpo tá cansado e as ideia abalada
 A força está escassa e a esperança tá na mala
 Mas é trabalho dobrado, terceirizado e mal pago
 As contas no fim do mês chegam e o que eu faço?
 Aconteceu com a capoeira, hip hop, samba, funk e religião
 Repressão, reclusão, demonização
 Ditadura e pouca inclusão
 Tudo que vem de África o sistema rejeita
 E não dá solução
 Mas nós não precisamos deles pra fazer revolução

**SARAU EMPRETE-SENDÓ – ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ – 20/06/2017**

É que a minha cota é zoar quem é contra cota
 Ser rico e um dia morar em JP
 E às 22 colocar um Felipe Boladão
 Olhar pela janela
 E se vier um boy reclamando
 Mandar todo mundo se foder
 Eles serviram de isca e eu nem usei anzol
 E foram iludidos pelo próprio farol
 E não vem falar merda das minhas linhas
 Pois elas são protegidas e cortantes à base de cerol
 É que meu morro por muito tempo foi temido e destruído
 pela guerra e tráfico de
 drogas
 E hoje, ele é duas vezes mais temido

Pois descobriram que dentro dele vive um poeta
 E foi até para os livros de História a Guerra dos Cem Anos
 Mas não foi para o jornal a guerra que todo dia mata meus
 manos
 E saúde boa aqui não tem
 Aqui ninguém paga de Clark Kent
 Pois quem é pago para nos proteger
 Sobe a favela com mais ódio no coração que o próprio
 Kraken
 E julgam ser falta de atitude
 Eles estão chegando a ser rudes
 E eu não peço a Deus malandragem
 Só peço a Ele que acabe com o extermínio da nossa
 juventude
 E eles encheram a favela de pracinha
 Apenas pra facilitar o enquadro
 E boy nenhum pode falar de favela
 Pois ele não convive com a morte do seu lado
 E eu virei amigo da morte
 Chamei ela pra tomar um café
 Acho que é por isso que ela sempre me acompanha em
 todo role
 E mais calejado que o meu coração, irmão
 É só o meu pé
 Infelizmente, eu tenho que andar com esse corpo de
 homem
 Mas pelo menos eu tenho a resistência de uma mulher
 (Marquin)

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ – 20/06/2017**

O *rap* vive em mim ou eu vivo no *rap*?
 Ponto de visão
 Será que se eu falar que eu vivo no *rap* seria só mais uma
 conscientização?
 Ou o dono da verdade, eu seria egoísta?
 Ou você simplesmente colou aqui
 Pra falar que é ritmo e poesia e colocar seu som na pista?
 Mas vamos além dessa prosa
 Pois, a cada vez que eu vejo um buraco na minha favela
 Pros policiais não é buraco não
 É mais uma cova
 Pra implantar os meus
 Que foram jogados nesse lar chamado Brasil
 Onde se resolvem os problemas não só com palavras,
 diálogo
 Mas sim com fuzil
 Então bem-vindo ao Brasil
 O país, o novo lar do neoliberalismo
 Ou, desculpa o termo, eu deveria falar que é a nova forma
 mais fácil de escravizar
 criada pelo capitalismo
 Eu tô aqui em ponta de frente
 Pronto para poder disputar com todos os meus aliados
 formados
 É a família, não é máfia
 É quilombo, não pague de retardado

Tiraram a nossa nomenclatura
 E tudo foi europeizado
 E não importa se você achar que essa palavra não existe
 É uma farsa
 É porque eu sou preto, vim de uma linguagem diferente
 Me chamem de neoplasta
 Outras fitas vem se desenvolvendo
 Nossa cultura negada
 Ops! Outra palavra errada
 Por que sempre um nego no negativo?
 Ou será que eu fui criado desse jeito e estou vivendo no
 modo intuitivo?

**SARAU EMPRETE-SEND0 – ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ – 20/06/2017**

Eu acho muito legal
 Eu acho que isso é um amor
 Vocês me acham uma gracinha
 A tia lá debaixo me acha amedrontador
 É tão engraçado
 Eu vendo papéis escritos REVOLUÇÃO
 Mas os mesmos que me acolhem
 Correm ao me ver com o celular na mão
 Estilo favela, estilo quilombo
 Chinelo embaixo do braço
 Camisa no ombro
 Bora pra praia
 Descemos do Quadro
 Chegando na Ilha
 Mais outro enquadro
 Disseram que meu lugar não é na faculdade
 Não, meu lugar é na cadeia, na verdade
 Por isso que eu falo isto com o maior tom de ironia
 Quando me perguntam se eu trabalho
 Burguês nosso de cada dia
 Pra você, preto, preta, que diz “eu sou negro, eu sou
 empoderado”
 Você é podre
 Você é sem alma
 Você não tem visão
 Porque negro foi o mesmo quesito que eles usaram
 Para nos colocar na escravidão
 E se você não sabe o significado de cada palavra que você
 fala
 Esclareça um pouco a sua mente
 Porque você está precisando prejudicá-la
 Porque a cada passo que eu dou
 Eu sou seguido
 Mas sozinho na cidade
 Eu tenho medo pelas mulheres pretas
 Que não andam sozinhas, na verdade
 Que tem que abaixar a cabeça
 E aceitar o “gostosa” que ouviu
 E o policial de viatura passando com o giroflex ligado
 Fingir que nem viu
 Já que racismo reverso existe
 Já que o preconceito do branco com o preto não existe

E a Fátima Bernardes em chamar preto que não se reconhece insiste
 E eu te pergunto
 Esse tipo de programa que passa no meu morro, cês assiste?

SARAU EMPRETE-SEND0 - ESCADARIA JAYME FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA - NÚCLEO AFRO ODOMODÊ - 20/06/2017

Caminhando na minha comunidade o quadro é certo
 “Mãos para cima!”
 Aí, chutaram as minhas canelas perguntando por maconha, crack e cocaína
 “Cadê a droga, moleque?”
 Meti a mão no bolso e tirei uma poesia
 Aí eu tava foi certo né?
 Rasgaram a folha, jogaram no chão e pisaram em cima
 Começaram a me oprimir perguntando por roubos, drogas e armas
 Mas eu sincero, e já bolado, disse que não sabia porcaria nenhuma dessas paradas
 Enrolaram, falaram, falaram
 E somente quinze minutos depois foram me liberar
 E eu já transbordava de raiva
 E esse governo imundo, cheio de vagabundo roubando a cada segundo?
 Tudo por baixo dos panos, acabando com o Brasil
 Se fosse possível seria o mundo!
 E papelão na carne? Que se foda!
 Se faz bem ou se vai matar todo mundo
 Pois os filhos e parentesco deles
 De tanto comer coisas boas estão ficando rotundos
 E o pobre, sem carne na mesa
 Até feijão e arroz está difícil manter
 E promoção é o caralho!
 Dúzia de ovos que é caro, dizendo que é barato na TV
 Tudo manipulado nessa merda de governo
 Ganham dinheiro e não honestidade
 É tudo manipulado pelo governo
 Ganham audiência mas não sinceridade
 E na merda da mídia a ostentação é de vaidade
 E que se foda nós né?
 Talvez nem saibam que existimos
 E quando souber será meio tarde
 Se descobrir vai ser na notícia:
 “Jovem é morto sem deixar pista durante protesto em Universidade”
 Ou então:
 “Jovem é morto em protesto por fardados que não queriam respeitar a privacidade?”
 É, infelizmente, somente verdades
 E muitos nem chegam aos 20 de idade
 Independente de cor, raça, corte de cabelo, ou até o jeito de curtir sua liberdade
 Talvez seria um jovem com um futuro brilhante
 Com o trampo que sonhava lá na PETROBRAS ou na VALE
 Ou pense, talvez seria só mais um no busão vendendo um doce e deixando uma

mensagem
 É, eu me orgulho de mim mesmo
 Me orgulho de todos os meus amigos, de todos os que
 querem um futuro melhor
 Independente do trampo que queremos conquistas
 Que seja somente com o nosso suor
 Aí, também me orgulho das minas
 Que criaram um movimento pra combater a desigualdade de
 direitos
 E se elas querem, nós homens devemos aceitar e manter o
 respeito
 Não julgar para aumentar o preconceito
 Dizer “sou machista”, e bater no peito
 Pois todo homem é machista
 Mas se otário a ponto de não respeitar uma mulher é um ato
 mal feito
 Então mais respeito
 O ar está rarefeito
 Vaporoso, né?
 E o (...) governo?
 Só gastando dinheiro, perfeito!
 Mas culpa é nossa se foram eleitos
 Não estou satisfeito, mas que eles façam um bom proveito
 e que a cada nota roubada lá dentro
 Seja menos um dia aqui fora desse tipo de sujeito
 É... tiração
 Passando na rua é a maior sugação
 Se tu compra mercadoria ali na lojinha se não tiver nota
 fiscal no bolso é porque tu é
 ladrão
 Mas será mesmo que é por causa da nota ou por seu estilo
 que está fora do
 padrão?
 Vai saber né? Mas se perguntar é certeza que na canela é
 novamente um chutão
 E entre chutes e palavrão
 Preocupados em nos humilhar sei que esses ainda sofrerão
 Podem falar o que quiser, certeza que nunca me calarão
 De coração
 Pois meus versos para mim são uma grande emoção
 E quando eu me exaltar, parceiro, pode anotar
 Todos aqueles que me humilharam no passado, diante de
 mim de curvarão

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ – 20/06/2017**

No amargo do doce
 Eu esperava que só fosse
 Visão ou alucinação
 Os menor matando com a 12?
 No caos moderno
 Do trabalho infantil
 Onde eles plantam cana no nordeste
 Pra sustentar no Brasil
 A indústria cervejeira nesse sistema hostil
 Os PM que afogam os pobres
 E faz nós morar no rio

Pede pro ladrão granada, AK, fuzil
 Mas depois todos reclamam da nossa guerra civil
 Os boys falam como se pobre quisesse crime
 Não sabem como é não comprar nada de uma vitrine
 Trabalhar o mês inteiro pra só ganhar um salário mínimo
 Pra pagar o aluguel, alimentar os cinco filhos
 Porque eles tem carro do ano
 Terreno em condomínio
 Mas quando aumenta o dólar aí que é o martírio
 Eles viajam de avião pra Paris, pra Miami
 Eles pegam o passaporte, enfiam no rabo e...
 Eles nunca se preocuparam ao se deparar com os homens
 Só que é fácil falar merda quando se toma um champanhe
 São 32 anos após o fim da ditadura
 Continua genocídio, preconceito, tortura
 A guerra está instaurada
 Só que nenhum jornal diz
 Os homem de viatura especialistas em criar cicatriz
 O cão do burguês mata do povo brasileiro
 E desde a formação os PM sempre atirou primeiro
 Aqui só tem futuro filho do médico, engenheiro
 Filho de pobre na minha pátria só serve pra ser porteiro
 Se pá vai ser pedreiro, lixeiro ou bandido
 Ou noiado, ou traficante, ou só um corpo abatido
 A única saída seria a educação
 Só que sem a particular, nós já ingressei na contramão
 Aqui a escola pública tem mais sucata que os lixão
 E sem infraestrutura, de novo sem opção
 A situação da favela continua horrenda
 E é na falta de renda onde nasce os meus problema
Rap é movimento cultural
 É (...) da arena
 Onde eu escondo meus conceitos, meus conhecimentos e
 até as crenças
 Mas aqui só tem insegurança
 E nem saneamento básico
 Só que é certeza que vai passar um para tentar te alvejar do
 atático
 Levar seu corpo pra queimar no matagal
 PM miliciano, traficante, tanto faz
 No final, é isso

SLAM BOTOCUDOS/SARAU EMPRETE-SEND0 – CASA DA BARÃO, CENTRO, VITÓRIA – 27/07/2017

Fomos senzala
 Eles sem noção
 Luz, câmera, ação
 Filmado, tá feito
 Rachel Sherazade e seus mil contos de preconceito
 É foda o fardo
 To pau também (...)
 De ser preto e me rotularem como pardo
 Sozinho no mundo, destino cruel
 E o lápis da minha cor
 Não é o mesmo da Faber Castell
 Favela, língua do P
 Profano, preto, poeta, periférico
 É caos algébrico

Nos tornamos números
 E pra morrer nesse mundo
 A cor da pele é o maior critério
 Caso sério
 Valores inversão
 Então tá aí o som
 Feito para arrancar sua orelha
 Igual Tyson
 Então vai, tru
 Seu racismo conveniente
 Igual Baidu
 Eu vim detetizá-lo igual Baigon
 Não se perca
 Afundar no tesouro nacional da Espanha
 No famoso Galeão
 Mas pra eles não tem problema
 Recuperará o seu tesouro
 Com dois navios negreiros
 Explorando na escravidão
 Cansado
 Bueiro
 Tudo que vem na minha viela
 E no final não muda a nomenclatura
 Ainda é senzala
 Cês só mudaram para favela
 É complicado
 E nela chora Rosa
 Porque cada buraco de minha favela
 Não é feito pra colocar asfalto
 É mais uma cova

**SARAU EMPRETE-SENDO – ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA – NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ – 30/05/2017**

Vários menor seduzido pelo ouro e prata
 O dinheiro é o demônio que na Bíblia fala
 Na favela é premio
 Só não é quem rouba e ou quem trafica
 Os anjos crescem no inferno
 Aqui é só os homem que mata
 Cresce se vendo envolvido de semiautomática
 Brinca de ser bandido
 Decora rap das armas
 Cultura do abandono é incentivada
 Ele estava em crise
 Instituição reformatória é maternal pro crime
 O sofrimento da miséria pouco a pouco me transforma
 Meu guerreiro com ódio
 (...) pistola
 Periferia virou casa pros ladrão de parafal
 Protegem-na com a vida
 Até o juízo final
 Polícia sobe o morro à noite
 Usando a farda preta
 Pra perdoar os mortos
 Na oração da escopeta
 Corpo crucificado
 Pela negligência do Estado

Desce a favela carregado
 Vira um castigo pra soldado
 Crime hostil
 Todo dia é 13 em uma sexta-feira
 No dia que tem corpo e sangue, nunca tem ceia
 Mídia: carniceira
 Vende morte igual produto
 Pra favelado ver em 3D o interior do próprio túmulo
 Maldito sofrimento
 É sonhar com a vida se esvaindo
 Acordar com (...)
 Só com a polícia invadindo
 E pronto pra troca de tiro
 Num último suspiro
 Vejo meu povo sequelado
 Pra facção acima com sangue pátrio
 Assassnam outros na rua, pra poder roubar um carro
 Aterrorizam as viatura
 Acabam com o caixão lacrado
 É fósforo riscado
 Jogado no mato
 Um corpo queimado sem (...) marcado
 Mas são desovados
 Não deixou meu legado
 Na (...) dos machados
 Só os moralistas chocados
 Mas só com os noticiários
 Nós somos sentenciados e nem é no judiciário
 Esse é o eco dos bueiros que invade o bairro nobre
 Infelizmente lá também não sobem as tropas de choque
 Só presta pra subir morro
 Matar bandido que é pobre
 Enquadrando morador
 Forjando que vão apreender revolver
 “Levanta a mão! Olha pra parede!”
 Assim que anunciam a minha sexta-feira 13
 Os direitos humanos pra eles não é nem enfeite
 Eu não quero menor no crack, pô
 Só se for sendo craque no skate
 Mas lá no meu bairro não tem rampa
 E por mais que os pais trabalhem
 Hoje também não vai ter janta
 Salário mínimo só garante o acúmulo das minhas contas
 Na fuga da joalheria, ladrão não fica com a perna bamba
 (Gnom)

**PROJETO BOCA A BOCA – PRAÇA ASSIS
 CHATEAUBRIAND, IBES, VILA VELHA (PRACINHA DO
 IBES) – 12/05/2017**

Um homem comum
 Mete uma ação
 E fica na cadeia até virar carcaça
 Um engravatado rouba uma nação
 E a maior punição é ficar preso dentro da própria casa
 Políticos corruptos que nas eleições faz várias promessas
 Sempre com sorriso amarelado
 Com aquelas mesmas conversas
 Batendo de porta em porta

Pedindo voto de hora em hora
 Mas quando acaba a eleição
 O povo é esquecido e largado no meio de uma fossa

**SARAU EMPRETE-SEND0 - ESCADARIA JAYME
 FIGUEIRA, CENTRO, VITÓRIA - NÚCLEO AFRO
 ODOMODÊ - 30/05/2017**

Falaram várias coisas
 Mas como?
 Na quebrada
 Estão quebradas muitas pernas
 De mães que sobem ladeiras
 Eu sou o príncipe do gueto
 O meu castelo é de madeira
 E também está quebrado
 Mas não dá nada
 E não é danada
 Porque eu vou chamar
 Por aquela menina lá
 Que por mim acabou de passar
 Desviou até o olhar
 De medo
 Não é só da aparência
 Vai mais
 É a essência
 De cada brasileiro
 Mas assim, do jeito que eu falo, eu to errando
 Não é só o brasileiro
 É todo ser humano
 Em todo canto do mundo
 Mas a grama do vizinho é sempre mais verde
 A grama aqui está morta
 E eu tenho sede
 Mas não é mais de sangue
 Não é mais de sangue
 Só da água potável
 Que nunca chegou em cima do morro

**SLAM BOTOCUDOS/SARAU EMPRETE-SEND0 - CASA
 DA BARÃO, CENTRO, VITÓRIA - 27/07/2017**

Aqui não tem a riqueza, mas tem a beleza de ser feliz
 Feliz, feliz
 Aqui o banquete nos faz das migalhas que o Estado fornece
 pra ser feliz
 Infeliz
 Rua de barro
 Morro
 Esgoto a céu aberto
 Eterno féu
 um cruel destino inserido
 Do nosso papel de escravo ou fugêncio
 Empregado ou vapor
 Os tempos mudaram de fato
 Mas olha pra nós
 O que restou?
 Nada ficou

Só o desamor
 E com o pouco que nós tinha
 Um jatinho eles comprou
 Sem amor
 Tudo caro
 E o presidente rouba a gente
 Aumenta imposto, não cobra dos crentes
 Que (...) a grana
 Os corruptos atrás do púlpito
 Viva a serpente do mal!
 O animal mais astuto
 E oculto, né?
 Abuso de fé, é ou não é?
 Comer o pão que o diabo amassa
 Até quando seu Deus quiser
 Eles tiraram tudo o que era bom
 O ouro, a paz, a fé
 E até o verde das florestas
 O verde que fumamos, que tranquilizava
 Da mente dos meus ancestrais
 Arrancaram os ideais
 E a grande mentira de dar, sem esperar pra roubar
 Eles catequizavam
 Matavam meu povo
 Queimavam um todo
 Os crimes ocultos são vários
 Tomaram-me o jogo
 E a língua de novo
 A cultura e o folclórico
 Tudo eles tomaram
 Mas eu sou Eré
 Caboclo, preto, do terreiro, das mandingas
 Sou filho de Dandara com Zumbi
 Mas eu sou do cangaço
 Feito Virgulino
 Sou cabra da peste
 Sou lá de Pindorama
 Eu sou tupi-guarani

**SARAU QUEBRANDO O SILÊNCIO – PRAÇA COSTA
 PEREIRA, CENTRO, VITÓRIA – 19/09/17**

Me vi por quantas vezes
 Refletindo, a sonhar
 Pensando em desistir
 Porque falaram que não dá
 E mesmo assim eu tentei, tentei, tentei
 Sonhei, resisti
 Não vou deixar qualquer verme me persuadir, não
 Eu, acostumado a ouvir não, isso já nem me importa
 Se a porta tá fechado é certo, ó
 A gente arromba
 Porque na pequena Grande Vitória
 Não há espaço pra mim
 Eles até falam que eu sou bom
 Mas não querem consumir
 Sabe por quê?
 Porque eu escrevo letra que retrata a nossa realidade
 Que vai do descaso social à criminalidade

Atuante em lugar onde ninguém, ninguém
 Ninguém quer entrar
 Porque lá o que sobrou da escrota arrogância
 E por que tenho que me educar?
 Por que que eu não posso pensar?
 Por que só eles estão certos?
 Onde eu lucro nesse ciclo?
 Por que não sou bom pai?
 Por que não sou bom filho?
 Porque sonho com rap, literatura, poesia
 E não arrumo serviço?
 Cê quer tirar minha vida, mano?
 Tira meu sonho de mim
 Quem tem medo de arriscar não merece ser feliz
 Todos nascem alienados
 Eu, eu deixei de ser escravo
 E entre todos os pontos de vista
 To salvo
 porque ainda bem que poesia, como rima, é um vício
 E os salmos me ensinaram a ser mais do que preciso
 A ser são e consciente
 Também já fui um delinquente
 E não coloquei a culpa só por ter meu pai ausente
 Vocês são vitoriosos, vitoriosos
 Cês tão ouvindo, tão ouvindo?
 Tão ouvindo o som?
 O Brasil é o lugar onde mais se mata jovem em vão
 E se é difícil chegar na idade de 25
 Me fala quem tá matando
 Que eu te digo quem é bandido
 Eu vejo Varejão em solo americano
 Já vi uma preta ser Miss Espírito Santo
 Vejo Kieza no futebol
 Vejo que vários jovens tem um dom
 E por que não eu nessa porra?
 Prazer, meu nome é Jhon
 (Jhon Conceito)

**CAMPEONATO ESTADUAL DE SLAMS (SLAM
 ES)/ACAMPALAVRA – RESTAURANTE PORTO DO RIO,
 BARRA DO JUCU, VILA VELHA – 23 DE SETEMBRO**

KKK

Você tá achando que isto é risada?
 Ku Klux Klan
 Mano, é séria essa parada
 Onde vocês acham que voltou
 Mas na verdade nunca terminou
 Os negros, pretos, impuros, tição
 Na moral, pega essa visão
 Acham que me ofendem me chamando de petróleo
 Mal sabem que fico lisonjeada por ser pedra mais óleo
 Eu sou um (...)preto
 Uma das pedras negras mais valiosas do mundo
 Então repete aí que os negros são imundos
 Um dia me disseram: Você é valiosa, hein!
 E eu respondi assim: Normal, mamãe passou petróleo em mim!
 Não, não, volta lá comigo

“Morte aos negros, supremacia aos brancos!”
 “Morte aos negros, supremacia aos brancos!”
 Na verdade deveria ser: “Respeito aos brancos e igualdade aos negros”
 Sabe, eles te julgam pela cor
 Não bastam expressões, eles te causam dor
 É chute, é soco, é murro
 Onde eles queriam que os negros fossem cercados por um muro
 Com tudo acontecendo
 Onde está todo mundo enlouquecendo
 Vocês ainda acham que o maior problema do Brasil são frases escritas numa parede?
 Aquilo é grito pra quem não tem voz
 Pra quem da água da igualdade morre de sede
 Sempre me disseram que tudo na vida é uma matemática
 E hoje eu percebi isso
 Onde somam as guerras
 Subtrai o respeito
 Não esqueci de você, sujeito
 Donald Trump
 Que divide a sociedade através de um muro
 Os ataques terroristas são os piores
 No fundo, todos nós somos islâmicos
 Seria até cômico, se não fosse trágico
 São bombardeios de palavras
 Explosões de ações
 Onde o efeito causa direto no coração
 Então Osama Bin Laden, Torres Gêmeas
 Isso não é nada
 Essa destruição não é nada
 Perto do que você causa com intenção
 Enfim, rodei o mundo, falei de tudo
 Que isso sirva de lição pro seu futuro
 Porque negros, grafiteiros, vão pro mesmo lugar quando a gente morrer
 Debaixo da terra
 Então porque você se acha melhor do que eles?
 Mano, se enxerga
 Só pra finalizar, pare de julgar
 E vai se fu...
 Vai ser feliz!

**PROJETO BOCA A BOCA – PRAÇA ASSIS
 CHATEAUBRIAND, IBES, VILA VELHA (PRACINHA DO
 IBES) – 12/05/2017**

Você veio da favela e esse é o problema
 O sistema errou
 E a favela é um fruto do sistema
 Então tem que aprender meu mano, eu to dizendo
 É por esse discurso que tem muito menor morrendo
 Projeto Boca a Boca onde nós é cria
 Nós é favela mesmo trocando a arma e bola pela poesia
 E eu sei
 Por isso é foda
 Eu vim do mesmo lugar
 Pois não julgo quem usa ou compra droga

Pois esse é o único refúgio que nós tem
E se nós tá bebendo o que nós planta mano
Tamo fazendo o bem
Melhor que matando aos nossos
Por isso que eu uno (?) patrimônio e eu quebro os poços
Eles querem botar a gente no meio das estatísticas
Por isso eu falo que a situação tá crítica
Enquanto eles não quiserem ensinar
O menor vai tá na discórdia
(...) furtar
Então pode pá, mano
Esse é o problema
Eles falam que nós é fruto errado
Mas nós é cria do sistema
Pesadão faz os hipócritas tremer
Esses caras tá achando que revolucionada e vai ver
To tomando tudo
Que absurdo
Eles não querem entender, cara
Por eu dominar essa cena e ficar rindo eles vão falar
“Qual é a desse cara?”
E eu objetivo isso o dia inteiro
Já que o que me diferencia deles tudo é dinheiro